



Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção

Ofélia Gomes Machado, Ms.

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UNIVERSIDADE  
ABERTA PARA TERCEIRA IDADE EM JOINVILLE

Tese de Doutorado

Florianópolis

2003

Ofélia Gomes Machado, Ms.

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UNIVERSIDADE  
ABERTA PARA TERCEIRA IDADE EM JOINVILLE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Engenharia da Produção da Universidade Federal de  
Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do  
grau de Doutor em Engenharia da Produção.

Orientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis

2003

# **PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE EM JOINVILLE**

**AUTOR: OFÉLIA GOMES MACHADO**

Esta Tese foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Doutor em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, em 02 de outubro de 2003.

---

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.  
Coordenador do PPGEF.

## **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.  
Orientador.

---

Prof. Francisco Pereira da Silva, Dr.  
Moderador

---

Profª Lucinda Clarita Bohem, Drª  
Examinadora Externa

---

Profª Maria da Graça A. de Oliveira, Drª  
Examinadora Externa

---

Profª. Christianne C. de S. R. Coelho, Drª  
Membro

---

Profª Hilda Gomes Vieira, Drª  
Membro

---

Prof. Beline Meurer, Dr.  
Membro

À você, querida e inesquecível irmã  
Neuza (in memoriam).

*“Só é necessário tutelar a velhice porque ela  
foi destituída de seu poder;  
Só é preciso ter programas específicos para  
a terceira idade porque a sociedade exclui  
estas pessoas.”*

(PLONER, SAIS, 2000, p. 42)

## ***Agradecimentos***

A Deus, em primeiro lugar, pela força e coragem que me deu  
para vencer mais uma etapa.

Esse trabalho não teria início sem a valorização e ajuda de pessoas que,  
desinteressadamente, corresponderam aos meus pedidos de apoio. As  
pessoas de terceira idade envolvidas neste trabalho, muito obrigada.

Em especial os agradecimentos:  
ao corpo docente do Curso de Doutorado do programa de pós-graduação em  
Engenharia de Produção da UFSC, por ter estruturado o meu raciocínio e ter-  
me feito sentir e crescer a nível *stricto sensu* na Pós Graduação,  
pelas excelentes aulas, conversas interessantes,  
opiniões pertinentes e orientação bibliográfica;  
aos empresários de Joinville que, tomando conhecimento do meu trabalho se  
engajaram no processo. Em destaque, a empresária Sra. Jucélia Mendes  
Barcelos, pelo acompanhamento e incentivo em todo o  
processo de criação e execução do projeto;  
Em círculo mais intenso, bem junto do meu coração, os responsáveis pela  
motivação, tranquilidade, carinho e desprendimento, oportunizando-me  
dedicação inteira a esse trabalho: José Luiz (esposo), Ana Elizabete, Carlos e  
Marcos (meus filhos), Júnior, Bruno, Artur, Elisa, Máira e Iara (meus netos),  
Renato (genro), Schirlei e Carmen (noras), que são meus verdadeiros  
parâmetros profissionais e emocionais. São as razões especiais da minha vida;  
À professora Ana Marcia Martins, da Univille,  
pelas palavras amigas no momento certo;  
à Associação Catarinense de Ensino, na pessoa de seu Diretor Geral Petrônio  
Guimbala, por ceder o espaço físico;  
Ao Médico Geriatra Hercílio Hoepfner, pelo apoio e pelas palestras feitas para  
as pessoas de Terceira Idade envolvidas na pesquisa;  
Aos meus amigos e em especial ao José Carlos Iwaya (Zé),  
pelo espírito leal de companheirismo;  
À imprensa escrita e falada, pelo apoio através das reportagens;

À Univille, especialmente ao Prof. Martinho Exterkoetter, coordenador do curso de Administração, não pelo praxe do agradecimento, mas, muito mais, pela sensibilidade e solidariedade demonstradas, em momento que parecia muito difícil; aos funcionários da secretaria do PPGEPP destacando a Neiva Aparecida e a Rosemerie; às alunas do Curso de Pedagogia e Educação Física da Univille pelo engajamento na pesquisa de campo; a todos que, de uma forma ou de outra contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

*Agradecimento especial*

Sem dúvida, um agradecimento todo especial ao Professor Fialho, (orientador específico). Inicialmente, por sua amabilidade em aceitar a orientação de minha tese. Mais do que isso, tenho que agradecer a confiança que em mim sempre depositou, a amizade que me ofereceu, a generosidade em permitir meu contato com os outros pesquisadores da área e por ensinar-me que os momentos de crise existem; trata-se antes de tudo de manter-se a serenidade; Bom “amigo”, obrigada por ter sido um orientador competente, um amigo sempre presente e um conselheiro disposto a ouvir. Sem a sua ajuda, certamente, esse trabalho não estaria sendo apresentado.

## Resumo

MACHADO, Ofélia Gomes. **Proposta de implantação de Universidade Aberta para Terceira Idade em Joinville SC**. Florianópolis, 2003, 165p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia da Produção, UFSC, 2003.

A tese de doutorado desenvolve um estudo de preparação para a implantação de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. Para isso, foi feita uma pesquisa de campo com o objetivo de conhecer as pessoas com interesse e necessidade de retomar seus estudos. Oitocentas e vinte e três pessoas de ambos os sexos, residindo em Joinville, foram entrevistadas e responderam a um questionário. Com base na experiência das Universidades Abertas à Terceira Idade brasileiras já estabelecidas, procurou-se criar uma proposta que se adequasse à problemática levantada pela pesquisa de campo em Joinville. A proposta aqui desenvolvida compõe-se de três alternativas, com categorização do público em três tipos: a primeira para um público que ainda está trabalhando, mas tem dificuldade para acompanhar as mudanças necessárias à sua atuação profissional; a segunda, para um público universitário que está querendo expandir o campo de conhecimento abrangido pela universidade; e a terceira, para o público em geral, que respondeu ao questionário de maneira quase unânime e anônima, e que constitui a maioria dos entrevistados. Esse estudo é de caráter teórico e independe de qualquer instituição. Seu compromisso é só com a Escola do Futuro.

Palavras-chave: Terceira Idade. Educação. Escola do Futuro. Universidade Aberta.



## **Abstract**

MACHADO, Ofélia Gomes. **Implementation proposal of na Open University for Seniors Citizens in Joinville SC**. Florianópolis, 2003, 165p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia da Produção, UFSC, 2003.

The Doctorate Thesis develops a study preceding the implementation of an Open University for Senior Citizens in Joinville/SC. Thus, a field research was undertaken in order to establish the needs and aspirations of those people interested in continuing their studies. Eight hundred and twenty three people of both sexes, living in Joinville, were interviewed and answered a questionnaire. The experience of the Open University for Senior Citizens previously established in other Brazilian cities was the basis for the creation of a proposition fitting the data collected by the field research about Joinville's Senior citizens. The proposal developed here consists of three alternatives based on three types of citizens: first, for those senior citizens who are still working and finding it difficult to adapt to the changes needed to execute their professional careers. Second, for people who graduated some time ago and want to expand their academic knowledge. Third, for people of the general public who answered the questionnaire in an almost unanimous and anonymous manner. Most of the people interviewed fitted into this category. This study is theoretical and not related to any institution; it is committed only to the School of the Future.

**Keywords:** Senior Citizens. Education. Future School. Open University.

## Sumário

<b>LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>13</b>
<b>LISTA DE QUADROS E TABELAS.....</b>	<b>14</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Formulação do problema.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 Justificativa.....</b>	<b>22</b>
<b>1.3 Objetivos .....</b>	<b>26</b>
1.3.1 Objetivo geral .....	26
1.3.2 Objetivo específico.....	27
<b>2 Considerações iniciais sobre o tema.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 O aprender na terceira idade .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 Leitura do mundo .....</b>	<b>39</b>
<b>2.3 Uma escola para a terceira idade: uma escola com um       coração .....</b>	<b>42</b>
2.3.1 A escola do futuro.....	42
<b>2.4 Considerações gerais acerca do cérebro e suas múltiplas       funções .....</b>	<b>47</b>
2.4.1 Funcionamento do cérebro.....	51
2.4.2 Neocórtex e o sistema límbico.....	52
2.4.3 A memória .....	58
2.4.4 A velhice caminha para uma renovação a passos largos .....	63
<b>3 O UNIVERSO DA TERCEIRA IDADE.....</b>	<b>66</b>
<b>3.1 Classificação e conceitos .....</b>	<b>67</b>
<b>3.2 Características do envelhecimento.....</b>	<b>69</b>

<b>3.3 Comprometimento orgânico, emocional e social .....</b>	<b>69</b>
3.3.1 Aspectos orgânicos .....	69
3.3.2 Aspectos emocionais.....	72
3.3.3 Aspectos sociais.....	73
<b>3.4 Habilidades e dificuldades genéricas da terceira idade .....</b>	<b>75</b>
<b>3.5 A terceira idade no Brasil: dados demográficos e sociais.....</b>	<b>77</b>
<b>3.6 A política nacional do idoso .....</b>	<b>81</b>
<b>3.7 Novas perspectivas para a terceira idade.....</b>	<b>84</b>
<b>4 A UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE E SUAS ORIGENS .....</b>	<b>87</b>
4.1 Aspectos históricos .....	87
4.2 Universidades da terceira idade no Brasil.....	90
4.3 A criação de universidades abertas para a terceira idade .....	91
<b>5 METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>103</b>
5.1 Escolha do método.....	106
5.2 A realização das entrevistas e envio dos questionários .....	107
<b>6 Proposta para a criação da universidade aberta para a terceira idade em Joinville .....</b>	<b>125</b>
6.1 Alternativas para a proposta .....	128
6.2 Proposta/programa para implantação da universidade aberta em Joinville .....	129
6.3 A esperança de uma reinserção na vida profissional.....	132
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>133</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>147</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro de abordagem da primeira entrevista contato verbal com pessoas de terceira idade (entrevista informal – seleção aleatória) – março/2002.....</b>	<b>148</b>

<b>APÊNDICE B - Carta de agradecimento e modelo de solicitação de confirmação de participação nos encontros/palestras .....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE C - Carta de apresentação enviada a empresários de Joinville para solicitação de entrevista .....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE D - Entrevista com empresários.....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE E - Questionário de avaliação dos encontros/palestras.....</b>	<b>155</b>
<b>APÊNDICE F - Perfil sócio-educacional da pessoa da terceira idade de Joinville e região .....</b>	<b>156</b>
<b>APÊNDICE G - Exemplo de módulo .....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE H – Correspondência relatando pesquisa sobre as universidades abertas no país .....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE I – Correspondência, convite e agradecimento .....</b>	<b>165</b>

## **Lista de figuras**

<b>Figura 1: Tela do sonho. ....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 2: Evolução do número total de pessoas de 65 anos e mais (em milhões) .....</b>	<b>18</b>
<b>Figura 3: Construção do significado de aposentadoria .....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 4: Esquema simplificado de um neurônio. ....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 5: Distribuição gráfica das respostas do questionário da tabela 3.....</b>	<b>116</b>

## **Lista de quadros e tabelas**

<b>Tabela 1: Informações sobre o contingente nacional da terceira</b>	
<b>idade - 60 anos de idade ou mais.....</b>	<b>80</b>
<b>quadro 1: Etapas e métodos de pesquisa utilizados .....</b>	<b>105</b>
<b>Tabela 2: Tabulação dos dados do questionário .....</b>	<b>112</b>
<b>Tabela 3: Tabulação para o gráfico da figura 5.....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O sonho era o de ser uma professora, uma forma de ser reconhecida como uma pessoa que se destacava pelo conhecimento adquirido. Mas ser professora é também estar destinada a uma missão: a de ensinar. Quando conclui o 2º ano do curso primário (hoje ensino fundamental) dada a convivência com uma mãe professora, e uma avó, líder da comunidade de Canelinha, esta última deu-me a incumbência de alfabetizar suas amigas idosas.

Na época a igreja educava de maneira rígida, reprimindo a sexualidade do jovem, sendo exigente tanto com as pessoas de baixa renda como com as que podiam gastar mais com a educação.

Freqüentei o Curso Normal Regional do Colégio da Divina Providência, na cidade de Brusque e na de Tijucas, durante os anos de 1950 a 1954, o que deu uma fundamentação sólida ao currículo e que tinha como objetivo formar professores para escolas isoladas (hoje seriadas) de 1ª a 4ª série.

O meu primeiro emprego, aos 16 anos de idade, em 1956, foi como professora primária, na zona rural, de Cinema, município de Brusque/SC. A sala de aula ficava na casa de madeira de uma das famílias da localidade. Aos 18 anos, aprovada em concurso público, fui efetivada como PROFESSORA. Fui lotada para a localidade de Ponte Alta, município de Curitiba, distante 50 Km onde funcionava o curso Normal, em Lages/SC e que era na época, o mais completo e prestigiado para quem queria ser professora.

Meu objetivo tornou-se, então, conseguir uma remoção para essa cidade. Para que esse desejo pudesse ser concretizado foi necessário criar uma escola, o que por sua vez, dependia de um número de alunos. Esses alunos foram localizados por meio de uma pesquisa por mim realizada. Após muito trabalho, muitas conversas e explicações, o bispo diocesano cedeu o espaço da igreja do bairro Conta Dinheiro para ser usada como sala de aula. Lá trabalhei três anos enquanto freqüentava o Curso Normal no período matutino na Escola Norma Vidal Ramos. Graduei-me como Normalista em 13 de dezembro de 1963.

O sonho agora era fazer um curso superior. Não sendo possível matricular-me em Lages vim realizá-lo, alguns anos mais tarde, em Joinville. Primeiro o curso de Matemática, em 1972 e, em seguida, o de Pedagogia, em 1975.

Ao mesmo tempo sempre trabalhei como professora/diretora de escola pública do ensino fundamental e médio. Em 1972 iniciei como professora do ensino universitário, completando assim a prática do ensino nos três níveis.

Enquanto na função de diretora da Escola Básica Osvaldo Aranha, bairro Glória, em Joinville, senti a necessidade de criar um curso de ensino médio (Ginásio), noturno, para adultos, aproveitando toda a infra-estrutura dessa escola. Matricularam-se pais, esposos e esposas dos professores, parentes e amigos do bairro Glória e outros. O levantamento da demanda também foi realizada por meio de uma pesquisa por mim realizada. Isto em 1972.

A educação acadêmica e a vida universitária foram estímulos para a pós-graduação (lato senso) nos cursos de Matemática e Pedagogia.

Posteriormente conclui o curso de mestrado: a dissertação versou sobre a criação de um curso destinado às pessoas de terceira idade de Joinville. O trabalho foi aprovado por unanimidade.

O sonho de criar uma escola para a Terceira Idade continua vivo no momento em que escrevo minha tese de doutoramento intitulada Proposta de Implantação de Universidade Aberta para Terceira Idade em Joinville.

Completa-se assim, o ciclo de comprometimento com a educação dos idosos iniciado em 1945, quando terminei a 2ª série do ensino primário (hoje ensino fundamental).



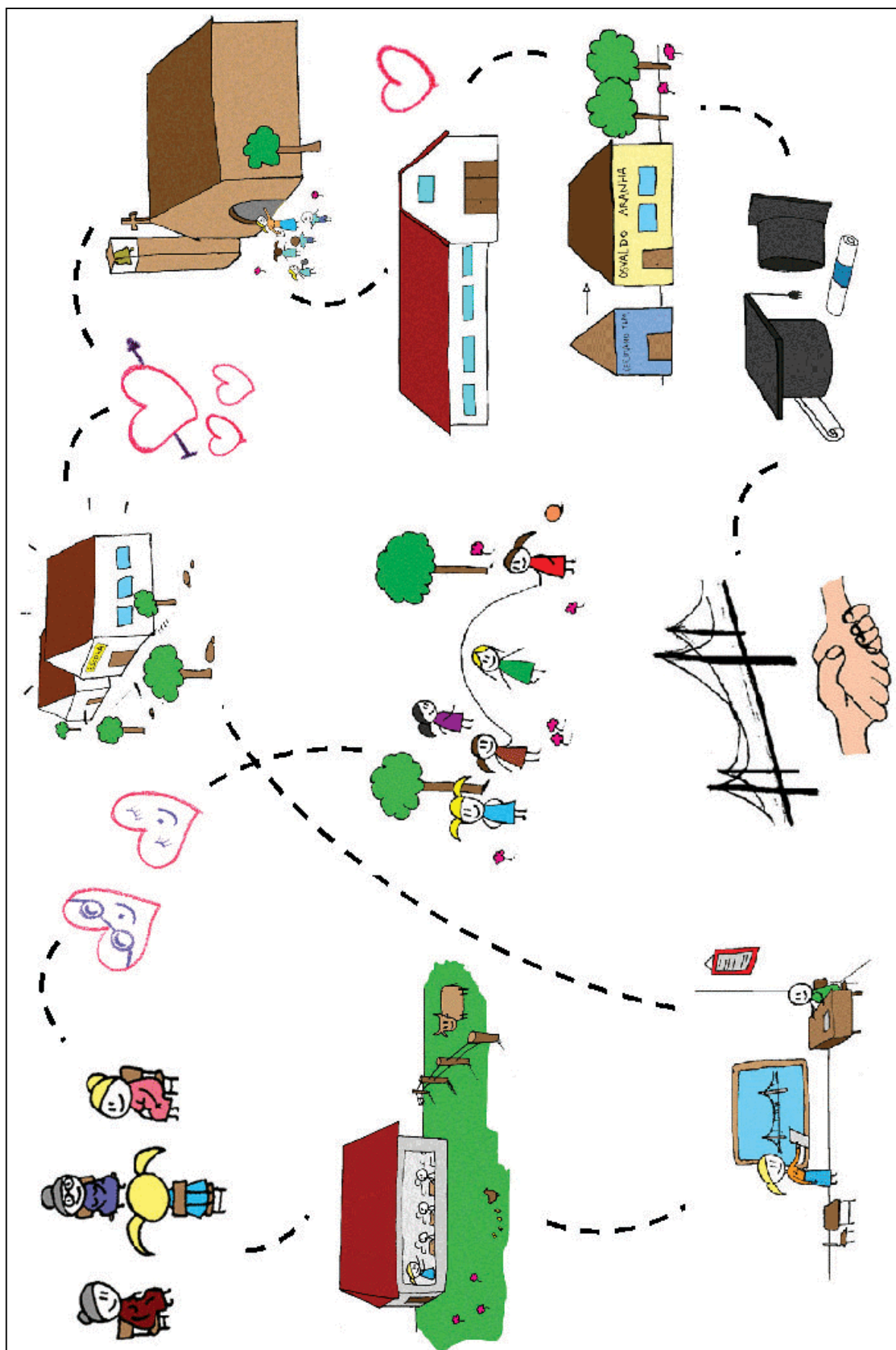


Figura 1: Tela do sonho.

## 1.1 Formulação do problema

Terceira Idade é um termo em uso pela mídia e pelos falantes de línguas latinas para caracterizar os indivíduos em processo de envelhecimento, ou seja, que já ultrapassaram a fase adulta da vida, acima de 65 anos. Essa expressão tem origem francesa - *les universités du Troisième Age*. A França utiliza atualmente o termo “quarta idade” para pessoas acima de 80 anos (VERAS & CAMARGO Jr., 1995, p. 37).

A humanidade passa por um momento ímpar de sua história. Em pouco mais de 20 anos, a população mundial de indivíduos pertencentes à Terceira Idade será maioria em diversos países, como vemos na perspectiva de Butler, apresentado na Figura 2.

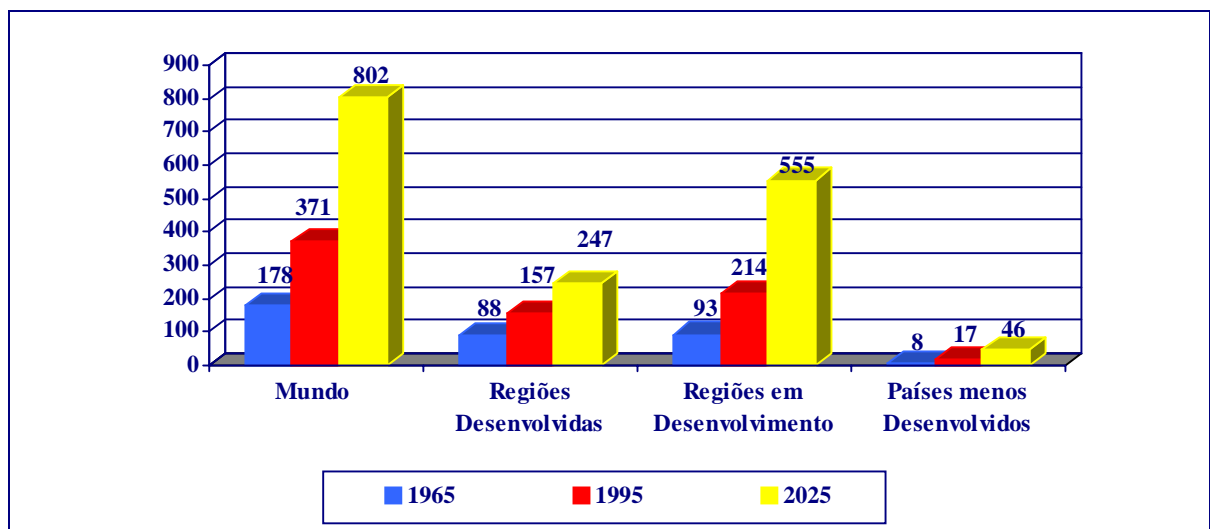


Figura 2: Evolução do número total de pessoas de 65 anos e mais (em milhões)

Fonte: BUTLER, 1999, p. 19.

São vários os autores, entre eles Almada (2001), Penteado (2000) e Effting (1994) que têm assinalado o surgimento de um novo fenômeno social no Brasil, o crescimento populacional das pessoas acima de 60 anos. Isto exige uma redefinição das prioridades políticas que privilegiam os jovens. O Brasil, até bem pouco tempo, era considerado um "país de jovens". Mas até, 2005, o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de pessoas idosas, pelo menos segundo dados da

Organização Mundial de Saúde – OMS, que ainda prevê que até essa data teremos mais idosos do que crianças no planeta.

Esse fenômeno é decorrente da melhora continuada da qualidade de vida, principalmente no que diz respeito aos recentes avanços da medicina nos séculos XIX e XX, e da diminuição de nascimentos, fazendo com que a população de Terceira Idade atinja progressiva representação numérica.

Segundo dados da ONU, contidos no documento "World Population Ageing 1950-2050", nos anos 60 a expectativa média de vida do brasileiro situava-se em torno dos 56 anos de idade. Havia 4.450.000 maiores de 60 anos de idade, cerca de 5,5% da população geral. O Brasil era, de fato um país de jovens. No entanto, neste início de milênio, a realidade do envelhecimento em nosso país mudou. A expectativa média de vida saltou para 68 anos, num conjunto de 15 milhões de idosos, que perfazem 8,5% dos brasileiros (REVISTA SESC, 2003).

Segundo Kalache, Veras e Ramos (*apud* CACHIONI, 1999, p. 113),

as previsões apontam que, em 25 anos, a população brasileira chegará a ter 15% de idosos, a exemplo do que já ocorre em vários países europeus, nos Estados Unidos, Canadá e Japão, nos quais o envelhecimento populacional ocasionou uma intensificação do interesse por estudos empíricos e teóricos sobre a velhice e o envelhecimento, criação de alternativas de promoção do envelhecimento saudável e preocupação com o atendimento da população idosa nas áreas social, médica e educacional.

No Brasil, a consciência crítica sobre essas questões cresce moderadamente. Em vez de apontar a população idosa com uma ameaça, aceita-se, cada vez mais, a idéia de que sua situação é efeito e não causa de nossas dificuldades no âmbito das aposentadorias e da previdência social. Cresce a noção de que os velhos não devem ser considerados como culpados pelo seu estado de saúde, grau de atividade ou inserção social.

Do total de três milhões de estudantes do ensino superior no Brasil, referentes ao ano de 2001, 11 mil são novas matrículas de alunos com 50 anos ou mais, conforme apurou o Censo da Educação Superior. Entre 2000 e 2001, as matrículas de estudantes de tal faixa etária cresceram 23%, ante os 17% da média nacional no período (CENSO, 2003).

Para Butler (1999), com a perspectiva crescente de melhoria no padrão de vida e possibilidade de maximizar a longevidade do ser humano, o nível mundial de média de vida de 66 anos passará para 110 ou 120 anos de idade nas próximas décadas.

Foi após os anos cinqüenta que realmente se deu início à discussão das conseqüências do fenômeno de envelhecimento mundial. Dentre as principais conseqüências, cita-se que, em pouco tempo, não haverá mais mão-de-obra jovem suficiente que contribua para a previdência social, a fim de custear as despesas com aposentadorias e pensões para a geração anterior. “No Brasil, de 1950 a 1980, o número de contribuintes da Previdência se ampliou de 2,8 milhões para 23,8 milhões” (COSTA, 1993, p. 10).

O crescente número de pessoas com prolongamento de vida e com um perfil produtivo vai aumentar, o que às mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas. Neste sentido, o questionamento seguinte se impõe: o Estado-previdência ganha relevância e urgência, pois a política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Isto é, garantir, através de aposentadorias e pensões, segurança aos cidadãos da Terceira Idade. Para tanto, é preciso viabilizar recursos financeiros suficientes que façam frente às despesas com o pagamento dos benefícios.

Assim, o interesse da pesquisa sobre a Terceira Idade e a sua motivação através da educação continuada para o desenvolvimento de atividades produtivas parte das seguintes indagações:

1. O que vem a ser a velhice?
2. Por que as pessoas de Terceira Idade, ainda com interesse e condições/habilidades para trabalhar, não fazem parte do mercado produtivo?
3. Por que as pessoas da Terceira Idade não se sentem encorajadas (motivadas) para retomar uma atividade produtiva, seja ela relacionada com remuneração ou apenas para suprir a ociosidade, atuando como voluntário?
4. Quais seriam os nichos de mercado que poderiam servir de espaço de trabalho para o colaborador de Terceira Idade?
5. Está Joinville com uma demanda por parte da sua população de Terceira Idade com 2º grau disposta a investir em um curso universitário?

Será sobretudo esta última a principal indagação a ser estudada. A partir dos dados da pesquisa empírica, surgiram três categorias de indivíduos cuja demanda pode ser assim compreendida: a primeira, constituída para pessoas de Terceira Idade que desejam dar continuidade ao seu desenvolvimento cultural, reciclagem ou

atualização de seus conhecimentos; a segunda para pessoas que já têm uma visão universitária e procuram uma reinserção no mercado de trabalho; e a terceira para pessoas cujo espírito empresarial poderá ser desenvolvido graças a sua experiência no ambiente comercial/industrial.

Assim, entende-se que, dentre as frentes em que o indivíduo de Terceira Idade quer lutar, destaca-se a volta aos estudos e ao mundo do trabalho no qual deseja se reintegrar, como cidadão pleno, conforme é previsto na legislação<sup>1</sup>, expressa pela lei Brasil (2001):

“Garantir mecanismos que impeçam a discriminação do idoso quanto à sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado” (...) “ao desenvolvimento pelo idoso de atividades produtivas, proporcionando-lhe a oportunidade de elevar sua renda, sendo regida por normas específicas” (...) “adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso”. (...).

Esta pesquisa focaliza a educação da Terceira Idade como inserida numa escola do futuro. Foi com a leitura de “Ciência da Cognição”, livro publicado pelo Professor Dr. Francisco Pereira Fialho em 2001 e com as aulas do curso de mestrado onde o professor desenvolveu suas idéias sobre a escola do futuro dando ênfase à transdisciplinaridade que surgiu a idéia de trazer essa nova maneira de pensar para Joinville, criando uma Universidade Aberta à Terceira Idade.

A educação é um processo histórico e amplo de formação humana, que se efetiva em todo lugar e a todo o momento. Seu estudo pressupõe a análise de conjuntura e a compreensão do contexto e do tempo a que se refere, bem como à forma como as pessoas organizam a sua existência. Via de mão dupla, ao mesmo tempo em que é influenciada, a educação acaba por determinar parâmetros para as diversas áreas da vida. Em tempos de globalização, os desafios colocados à educação, e mais enfaticamente à educação formal, tornam-se evidentes e urgentes, necessitando que sua organização, enquanto atividade pedagógica, considere os valores e desafios da atualidade.

---

<sup>1</sup> BRASIL. Lei n. 10.173, de 9 de janeiro de 2001, que altera a Lei n. 5.869, de 11 de janeiro de 1973, e a Lei n. 8.842, de 4 de agosto de 1994. Dos princípios e das diretrizes, capítulo II, seção II, art. 4, incisos II e IV e da área de trabalho, capítulo IV, seção IV, inciso I. As questões da política nacional serão tratadas mais adiante.

Um dos grandes desafios à educação diz respeito ao tratamento que deve ser dado à Educação de Adultos, caracterizada como “educação continuada”, que pode ser oferecida tanto nas instituições formais de ensino quanto em programas alternativos dos Movimentos Sociais e de Educação Popular. Feitosa (2001) justifica a relevância do tema, mas uma área pouco explorada, de reduzido interesse dos educadores. Com muitas questões ainda não percebidas e muitos problemas não refletidos, é um campo complexo da educação e um espaço fértil para pesquisa.

A reinserção da pessoa de Terceira Idade está relacionada com a atualização dos seus conhecimentos (educação continuada) e à possibilidade de desenvolver atividades produtivas e prazerosas assumindo a responsabilidade pela sua própria vida.

Acreditar no processo educativo, na educação de crianças e jovens foi meta profissional de muitos envolvidos no processo educacional, porém esse projeto de tese visa um novo foco - pensar a educação continuada para a Terceira Idade. O idoso aprende, e muda, e por isso vale a pena criar cursos para a Terceira Idade, que não se caracterizam como perda de tempo. Investir na Terceira Idade não pode ser visto como um desperdício. Acreditar na educação continuada passa a ser uma ferramenta útil para provocar mudanças. Neste sentido, são relevantes as palavras do grande filósofo Norberto Bobbio (1997, p. 161): “devemos traçar uma meta, um ideal, porque se não propusermos, não tentarmos, não estaremos nem ao menos a caminho dela”.

## **1.2 Justificativa**

“[...] as respostas à nossas indagações mais gerais – por que, como, o que, onde – devem ser buscadas, se é que existem, nos pequenos detalhes da vida vivida”. (GEERTZ, 1978, p. 9).

O tema “A Criação de uma Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville”, justifica-se pelo fato de Joinville ser a maior cidade do estado de Santa Catarina, aproximadamente com quinhentos mil habitantes, com duas Universidades e vários cursos superiores (faculdades), o maior pólo industrial do nosso estado; apresenta novas oportunidades para a educação de idosos.

O estudo justifica-se, também, pelo fato de a maioria das pesquisas desenvolvidas dentro do tema Terceira Idade abordarem aspectos relativos à saúde, ao lazer e à habitação sendo escassos as pesquisas sobre a motivação para a educação continuada, o desenvolvimento de atividades produtivas com vistas ao reingresso no mercado de trabalho.

Podendo estudar pela Escola do Futuro somente *o que* for de seu interesse *quando* dispuser de energia e curiosidade terá o *para onde* dirigir-se, um ambiente aprendente.

É difícil justificar um estudo dedicado à educação continuada para a Terceira Idade em um país onde uma população jovem não está completamente atendida em termos de educação. O objetivo deste projeto visa a dar uma esperança de oportunidade para os que, na maturidade, desejam completar sua educação, uma vez que este direito lhes está assegurado por lei.

Essa oportunidade é como um leque propondo opções para a pessoa de Terceira Idade cujo potencial não foi ainda desenvolvido por falta de orientação (curso universitário) e como ficou visto anteriormente (MACHADO, 2001), através de uma pesquisa, existe a motivação, porém torna-se urgente a criação de uma instituição que organize uma estrutura adequada para o despertar de uma nova compreensão abrangente dos fenômenos do atual século.

Depois de freqüentar a Universidade de Terceira Idade, o aprendente vai ver descortinado à sua frente um futuro que vai se contrapor à sua antiga visão de “já vi tudo”, “já sei tudo” e a curiosidade se aguça, surgem novas emoções, novos desejos e, conseqüentemente, planos se refazem.

Não é fácil explicar para a Terceira Idade que está dentro de uma situação estressante e que o ensino pode ser uma alternativa prazerosa na medida em que os resultados forem positivos. Essa situação é estressante, o que pode ser notado pelo observador (dificuldade da vida profissional), porém não é reconhecido como tal para a pessoa da Terceira Idade que está vivendo a situação.

Na Terceira Idade, a pessoa tende a considerar prazerosa a atividade de assistir televisão, ouvir rádio e conversar com a família e amigos. Para desenvolver uma opinião e ser ouvida pelos que a rodeiam, necessita de um conhecimento mediado por professores facilitadores.

Das preocupações de uma pessoa de Terceira Idade que deseja participar tendo uma opinião atualizada sobre os problemas do cotidiano surge a curiosidade que levará a procurar respostas discutindo com pessoas cujas preocupações são semelhantes.

Em Joinville, até o presente momento, instituições confessionais ou governamentais (Senai, Senac, Igrejas) cuidam da Terceira Idade. O que se propõe é que a Universidade também entre nesse campo.

A preocupação está em preparar as pessoas da Terceira Idade para discutir as suas idéias e assumi-las, voltar aos bancos escolares, fazê-los tomar conhecimento da sua competência para contribuir para o bem estar social em vez de serem vistos apenas como um encargo social.

As universidades de Terceira Idade nas grandes capitais brasileiras, têm tido um grande número de candidatos nos vestibulares; pessoas com mais de 60 anos somaram quase 3000 na Universidade de São Paulo, em 2001; justifica um bom número para o planejamento de uma futura Universidade de Terceira Idade em Joinville, uma cidade cuja população é aproximadamente de 480.000 habitantes, a idade varia entre 50 e 69 anos (INSTITUTO DE PLANEJAMENTO POPULACIONAL E URBANO DE JOINVILLE, 2000).

O aumento da densidade demográfica da Terceira Idade e a expectativa de uma vida mais prolongada requer um novo gerenciamento em termos governamentais.

Nos últimos anos, verificou-se uma alteração demográfica: de uma alta mortalidade e alta fecundidade da população, predominantemente jovem, passou-se para uma situação de baixa fecundidade e baixa mortalidade, e o conseqüente aumento da população idosa.

O lento, mas contínuo processo de envelhecimento da população, fez com que a participação das pessoas com 60 anos ou mais passasse de 8,0% em 1993, para 8,8% em 1998. Em cinco anos, o número de pessoas idosas cresceu cerca de 10%, ou seja, o número de pessoas idosas no Brasil em 5 anos aumentou em 2,2 milhões. (DIÁRIO CATARINENSE, 1999)

Pode-se dizer que o número de idosos, no Brasil, já é, atualmente, um dos maiores do mundo, cerca de 13,5 milhões de pessoas. A região Sudeste é a que apresenta a maior concentração, com 9,6% da população. E o Rio de Janeiro é o estado com o maior percentual: 11,2%. (CENSO, 2003)



Até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de pessoas idosas, segundo dados da Organização Mundial de Saúde - OMS, que ainda prevê que até essa data teremos, no planeta, mais idosos do que crianças.

A apuração preliminar da pesquisa feita pelo Censo Demográfico de 1991, divulgada no Anuário Estatístico do Brasil (ANUÁRIO, 2003), revela que a população brasileira de Terceira Idade, em 1991, era de 4.903.468 homens e 5.772.041 mulheres, somando aproximadamente 10,7 milhões. A expectativa de vida média no Brasil que, para ambos os sexos, em 1980, era de 63,5 anos, aumentou para 72,1 anos no ano 2000. A perspectiva é de que atinja 75,3 anos no ano de 2025, quando os habitantes com 60 anos ou mais representarão um contingente de 31,8 milhões de pessoas, o que situará o Brasil como o sexto país do mundo em termos de população na Terceira Idade. Os dados obtidos mostram a relevância dos estudos e pesquisas que venham a contribuir para o conhecimento de soluções alternativas para algumas questões pertinentes à Terceira Idade.

Em geral, a pessoa da Terceira Idade sente a necessidade de ser valorizada dentro da sociedade; deseja voltar à situação de trabalho, uma vez que hoje o ser bem qualificado é aquele que trabalha. Um aspecto a ser considerado é que o desejo de trabalhar pode se sustentar na necessidade da própria sobrevivência ou da manutenção do *status* da qualidade de vida, profundamente afetada pelas aposentadorias, geralmente insuficientes para atender estas demandas.

À medida que a população de Terceira Idade cresce, gera certa pressão social; provocando estudos para a busca de soluções dos problemas decorrentes. Muitos dos quais movem-se em direção ao desenvolvimento do potencial dessa idade, na perspectiva de otimização das capacidades latentes nesta fase da vida, tal como percebido por Baltes (*apud* PENTEADO, 2000).

O trabalho é uma atividade essencialmente humana cuja característica principal é a sua ação transformadora, e a capacidade de modificação de um dado aspecto da realidade. O significado social do trabalho está associado às atividades realizadas por indivíduos e produzidas pela sociedade à qual eles pertencem. (CRUZ, 2000)

Effting (1994, p. 98) salienta que,

(...) o homem, no caso brasileiro, tem dificuldade de exercer seus direitos de cidadania, não teve acesso histórico nem científico a uma consciência coletiva, não aprendeu o hábito do lazer, nem tem condições econômicas para usufruir da indústria do lazer. (...) No caso da pessoa de Terceira Idade, ex-trabalhador, não basta dizer-

lhe que ele precisa ter consciência política, que reivindique seus direitos. É necessário que ele conheça e exerça o seu direito de cidadania, após ter-se apropriado de métodos, táticas e estratégias específicas para essa reivindicação.

O homem da Terceira Idade sente-se excluído da sociedade uma alternativa para essa situação consiste no processo educacional de resgate de sua dignidade enquanto ser humano, o não trabalho, a não produção de mercadorias, não são sinônimos de não fazer nada.

Um dos aspectos que poderia ser abordado na educação continuada, seria o de esclarecimento de que, após cumprir anos de trabalho, a pessoa tem direito ao lazer, mas também à educação e a uma qualidade de vida que alimente a sua dignidade.

É preciso criar condições para que as pessoas cheguem à velhice com mais saúde. Segundo Bustamante e Menéndez (1996), isso cabe à ergonomia, que deve atingir também as atividades que não são propriamente de trabalho mas que contribuem para uma melhor qualidade de vida, como às ações educativas, que motivam a Terceira Idade para a busca de novos caminhos uma visão crítica, do ostracismo que impede a percepção da realidade e abafa o potencial de seu auto-crescimento.

### **1.3 Objetivos**

Este estudo da Terceira Idade, em Joinville, visa contribuir para o desenvolvimento de outros estudos mais aprofundados sobre essa população no município.

#### **1.3.1 Objetivo geral**

Desenvolver as idéias decorrentes da teoria da cognição e dos estudos feitos sobre a Escola do Futuro.

Apresentar um modelo para a criação de uma Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville.

### 1.3.2 Objetivo específico

- Trabalhar conceitos para fundamentar a natureza específica da Universidade para a Terceira Idade em Joinville.
- Valorizar o processo do conhecimento na velhice através da educação continuada quando a pessoa da Terceira Idade poderá incorporar novas formas de ação que podem trazer mudanças significativas ao estilo de ser e viver dando maior sentido à sua existência.
- Resgatar o potencial criativo, propiciador do desenvolvimento e da capacidade de adaptação e de inovação dando forma a potencialidades inibidas ou latentes, incentivando a auto-estima e a criação de novos elos com a vida e com a comunidade de maneira efetiva.
- Contribuir para que as pessoas de Terceira Idade vençam seus bloqueios e realizem seus impulsos inovadores reprimidos pela cultura, de cada um.
- Ajudar na compreensão do seu momento existencial e da sua capacidade para retomar os estudos, fazer coisas, criar soluções, encontrar saídas, identificar o desejo e a necessidade de trilhar novos caminhos.
- Identificar categorias diferenciadas de candidatos para que possam ser atendidos diferentes grupos de aprendentes da Terceira Idade.
- Concretizar, através deste planejamento, a possibilidade de fazê-lo.

## 2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O TEMA

### 2.1 O aprender na terceira idade

Entende-se que aprender é um processo próprio e continuado dos seres vivos e a negação desta possibilidade é que nos leva à negação do sentido de vida. Assim, pensar uma escola para aqueles cujos modelos de comportamentos sociais foram forjados pelos preconceitos e pela falta de perspectiva, pode ser interessante para ressignificação da nossa existência para depois dos cinquenta anos (FIALHO, 2001).

A educação é um dos direitos universais do homem. Deve estar desprovida de qualquer preconceito, mesmo os de idade. A cultura da democracia fez da educação um instrumento de transformação que pode ter dois aspectos: de um lado pode formar um indivíduo independente, com idéias próprias e criativas, e de outro lado, indivíduos repetidores do conhecimento alheio, para a Terceira Idade.

Para trazer elementos que contribuam para a criação de uma instituição que vimos participando de disciplinas como a Escola do Futuro, a Ergonomia Cognitiva, a Psicologia do Trabalho, a Gestão do Conhecimento, entre outras, nos anos de 2000, 2001 e 2002 na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, nos cursos de mestrado e doutorado.

Como formar um indivíduo independente com idéias próprias e criativas? É uma indagação que exige muita reflexão, não se encontrando um modelo pronto. Encontramos algumas respostas, na obra do Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, “Ciência da Cognição” (FIALHO, 2001), principalmente, no que se refere à ferramentas metodológicas.

Sob o ângulo econômico, a partir de determinada idade, no caso do Brasil, aos 70 anos, as pessoas passam a ser consideradas improdutivas, sendo obrigadas a se aposentar. Quando se aposentam, carregam consigo sentimentos e entendimentos dos conceitos e preconceitos que vivenciaram durante seu desempenho profissional (*tripallium*, *ponos* ou *ergon*) e a crença de que não têm mais nada a realizar. Geralmente, enfatizam as perdas e frustrações, menosprezando os ganhos e acreditando que perderam o direito a novas aspirações. Isso porque estão inseridas em um contexto social de competitividade, de exclusão do humano, de valorização

de consumo em detrimento da solidariedade, do desenvolvimento da potencialidade, e da construção da felicidade; do ter que ao invés da solidariedade.



Figura 3: Construção do significado de aposentadoria

Fonte: GRUNEWALD (2001, p. 3).

O objetivo a ser atingido é a reintegração na vida produtiva, o que requer uma reciclagem com a entrada na educação continuada. A pessoa da Terceira Idade deixa de ser um receptor passivo passando a ser um receptor ativo.

Vemos a educação continuada como a possibilidade de facilitar ao aprendente interagir com independência diante do conhecimento que lhe é apresentado e ser seu próprio intérprete, a manter a sua capacidade de reflexão, de fazer e decidir por si próprio, com independência e autonomia.

A reflexão obriga-nos, ao mesmo tempo, a abrir nossa cultura que se tinha fechado na sua orgulhosa convicção de que detinha a universidade da razão e da verdade... É preciso tentar elaborar as novas idéias genéricas: as que fazem nascer, viver, que mantêm uma cultura rica e nova; co-produzir uma cultura que diga respeito a toda humanidade. É essa tarefa do futuro, se houver futuro (MORIN, 2002, 251).

Pela reflexão de MORIN verifica-se como o mundo é carente de reformas educacionais, éticas, que redirecionem o homem para a política da humanização. A preocupação com a qualidade e intencionalidade da educação, no intento de modificar o pensamento das pessoas, entre elas as da Terceira Idade, para garantir uma sobrevivência digna e participante, incluído na sociedade como um todo.

A pessoa de Terceira Idade que volta a estudar, não só enriquecerá intelectualmente como terá chances de se modificar na medida que seus talentos, que ela mesmo já não explora mais, acreditando que encontram-se encobertos, possam emergir e criar oportunidades de novos diálogos, de troca de saberes, de participação social. E ainda poderá reencontrar e ampliar sua rede de relações; novos amigos, novos arranjos sociais. É preciso e necessário caminhar para uma “sociedade aprendente”. Os indivíduos devem utilizar todas as suas possibilidades de aprender e de se aperfeiçoar.

Incluir o município de Joinville e Região no universo das Universidades Abertas à Terceira Idade é dar-lhe a chave de acesso para a participação no atual século.

Como diz Jaques DELORS, no relatório para a UNESCO – Comissão Internacional da Educação para o século XXI.

A educação vem dar a resposta ao desafio de um mundo em rápida transformação, mas não constitui uma conclusão inovadora, pois há tempos já foi chamada a atenção para essa necessidade de um retorno à escola, a fim de estar preparado para acompanhar a inovação, tanto na vida privada como na vida profissional. É uma exigência que continua válida e adquiriu, até, mais razão de ser. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas das informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimentos individuais e coletivos (DELORS, 1999, p. 1).

São apontados, neste relatório, cinco formas de aprendizagem designadas como pilares do conhecimento, direcionadas para cada indivíduo, ao longo de sua vida:

- Aprender a conhecer, isso é, adquirir os instrumentos de compreensão.
- Aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.
- Aprender a fazer, a fim de adquirir competência, para poder agir sobre o meio envolvente.
- Aprender a viver junto, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas.

- Aprender a ser, para melhor desenvolvimento de sua personalidade e maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal promovendo a realização completa do homem em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos como: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

Cada um destes pilares deve merecer a mesma atenção, a fim de que a educação apareça como uma experiência global ao longo de toda a vida, tanto no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade, um processo individualizado e uma construção social interativa.

Para prolongar a escolarização e o tempo livre, as pessoas de Terceira Idade deverão aprender, cada vez mais, a conviver com as alegrias do conhecimento, do despertar para a curiosidade intelectual, do estímulo para o sentido crítico e a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

É através da educação permanente, que deverá ser uma educação transformadora, socializado, compartilhado, que a sociedade vai auxiliar as pessoas de Terceira Idade a exercerem a nova cidadania, fazendo-as sentirem a necessidade de mudanças, de se unirem para criar espaços e tornar visíveis as suas necessidades, e torná-las capazes de construir o seu conhecimento, posicionando-se como sujeito, capaz de intruir no processo da vida.

Assim, é importante uma reflexão sobre a dimensão da educação permanente para o segmento da Terceira Idade. “O homem existe no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Temporaliza-se” (FREIRE, 1983, p. 41).

Os pressupostos teórico-filosóficos da Educação Libertadora, defendida pelo educador e sociólogo Paulo Freire, constituem os fundamentos teóricos desta pesquisa. Essa escolha se deu porque a concepção de educação libertadora do autor mostrou-se profundamente adequada à formulação de educação para as pessoas de Terceira Idade; a educação freiriana busca a educação para o homem-sujeito, o homem com questionamentos.

Entre os vários fenômenos ligados ao conhecimento, temos o da cognição. A ciência da cognição não pode ser facilmente definida por ser múltipla; e a sua especificidade está no seu caráter transdisciplinar (FIALHO, 2001). Na Terceira Idade, o fenômeno da cognição manifesta-se em três funções interrelacionadas:

- A função biológica: O corpo da pessoa da Terceira Idade está mais gasto, seus reflexos são mais lentos e tem de esforçar-se para manter a forma física; percebe que o corpo, com o passar do tempo tem diminuída a sua flexibilidade, seu tônus muscular, e que suas funções orgânicas ficam mais lentas. O idoso sente no dia-a-dia, através das dores que aparecem, o enrijecimento das articulações, da memória que falha, o seu processo de envelhecimento;
- A função pedagógica: A pessoa da Terceira Idade viveu um processo pedagógico que resultou no seu desenvolvimento cognitivo e constata agora que esse conhecimento tornou-se desatualizado. Por exemplo, um profissional liberal que desenvolveu um trabalho sem a preocupação ou necessidade de reciclar-se ou se atualizar, ficou na contramão da modernidade, da tecnologia.
- A função epistemológica: na pessoa da Terceira Idade, essa função pode ter mais pressupostos (preconceitos) devido ao avanço da idade cronológica e à racionalidade, cuja base é certa para sua geração, mas que hoje pode ser estudada com a intenção de reinseri-lo nas atividades produtivas. A teoria da cognição, através da episteme da observação e da auto-observação, pode contribuir muito para essa faixa etária. Na Terceira Idade a auto-observação é de importância fundamental para que se compreendam os mecanismos de funcionamento das nossas aprendizagens. Os novos comportamentos necessários ao desenvolvimento pleno de seu potencial passam por um processo de auto-observação.

Entendemos por cognição a aquisição de conhecimento. A Ciência Cognitiva necessita de interação com os diversos fenômenos do mundo; não pode ser unívoca. A ciência cognitiva é antiga, os gregos já tentaram explicar a natureza do conhecimento, mas somente nas últimas décadas as pesquisas foram ampliadas. Embora todos os componentes que deram origem à Ciência Cognitiva estivessem presentes no início do século XIX, foi apenas a partir da década de 1950 que ela surgiu como uma disciplina. (GARDNER, 1999).

De acordo com Varela, Thompson, Rosch (1997, p. 4),

A ciência Cognitiva se assemelha mais com um grupo desconexo de disciplinas, do que com uma disciplina em si mesma, ou seja, uma única disciplina. Cada disciplina que compõem a Ciência Cognitiva, dá uma resposta diferente para a questão sobre o que é mente e cognição, uma resposta que reflete as preocupações particulares da disciplina em questão.



Segundo Gadner (1999, p. 19),

Desde que o termo 'Ciência Cognitiva' começou a ser utilizado no início da década de 70, dezenas de cientistas tentaram definir a natureza e o domínio do campo [...] defino Ciência Cognitiva como um esforço contemporâneo, com fundamentação empírica, para responder questões epistemológicas de longa data \_ principalmente aquelas relativas à natureza do conhecimento, seus componentes suas origens, seu desenvolvimento e sua utilização.

Assim, de um ponto de vista mais amplo, o termo Ciência Cognitiva pode ser definido como sendo o campo interdisciplinar que trata do estudo da mente e da cognição.

Antes de prosseguir fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre as diferentes abordagens dos pesquisadores das ciências cognitivas e entre estes nos dedicamos, em maior profundidade, à teoria proposta por Fialho, no livro *Teorias da Cognição* (2001), procurando uma boa explicação para a pergunta: como ocorre a aquisição do conhecimento, a cognição? Com isso, percebemos que os princípios que fundamentam essa teoria poderiam ser utilizados para embasar o criação de ambientes de aprendizagem capazes de “co-evoluir” com os aprendentes.

A função cognitiva (re)constrói o objeto na mente do sujeito. O processo da cognição é elaborado pela pesquisadora. Por exemplo, a pessoa da Terceira Idade, ao ser entrevistada passa por uma decodificação e em seguida é reconstruído enquanto objeto de estudo, passando a objeto de estudo para a pesquisadora, que procura nele um conjunto de informações. Ele é um sujeito aprendente na medida em que se informa e se interessa em chegar a um novo conhecimento, interagindo, querendo aprender como se aprende (a motivação para a reinserção – critério para participar).

A visão de mundo está relacionada com o gênero: masculino e feminino. Cada vez que há mudança no *habitat*, o organismo se modifica para adaptar-se. O comportamento feminino de ficar em casa, “Rainha do Lar”, tem uma característica atávica, pois a pessoa perde a dimensão de sua personalidade profissional.

O aprendente da Terceira Idade vê seu futuro “Como Pode Ser” o processo de aprendizagem o levará a ver “Como Deve Ser” seu futuro.

Neste processo de como pode ser, a pesquisadora propõe uma condição preferida que é a reinserção, que deve ser voluntária. Os preconceitos dos indivíduos da Terceira Idade se sustentam em uma forma de “emocionar” através do

relato da sua história (biografia) e do seu tempo. Ele procura justificar-se de uma forma passiva para continuar neste mesmo pressuposto, nesta mesmice.

É através da emoção que a pesquisadora/facilitadora/professora. Leva o aprendente a desviar a emoção medo, substituindo-a por uma emoção de expectativa otimista, prazerosa.

O medo, como medo da velhice, da solidão, como medo de investir, de ter esperança, de perder dinheiro, de perder tempo, de despender maior esforço mental, de mudar o ritmo do dia-a-dia. Esse tornou automatizados os gestos, as atividades, as conversas.

O como pode ser é a bagagem que a pessoa da Terceira Idade traz e da qual é consciente. Num diálogo em que o aprendente está consciente do que pode ser: estou fazendo o que estou conseguindo fazer. A continuação do diálogo seria mostrar-lhe e fazê-lo sentir o quanto é agradável a idéia de que não é necessário que sua vida seja exatamente assim como está sendo. O esforço para torná-la mais agradável pode trazer resultados diferentes, prazerosos e desconhecidos.

No como deve vir a ser entra um elemento de sonho que pode alimentar a produção criativa. Como por exemplo quando relata: “minha vida foi os trinta anos que trabalhei, hoje o tempo não tem significado” (pagar contas: luz, água etc.).

A educação pode levar a Terceira Idade a descobrir novos desejos e prazeres numa nova atividade, entre as tantas que possa vir a encontrar na escola do futuro.

Com o sonho e o discernimento, a pessoa da Terceira Idade entra no processo do Aprender a Aprender. Confia na sua capacidade de mudança, no seu potencial que não deixa de existir pode não estar meio adormecido, mas nunca extinto. Através da mudança, a fantasia irrealizável, é substituída pelo sonho realizável com a disposição e disponibilidade para passar à ação.

O discernimento classifica a informação em categorias. Por exemplo, o sonho de vir a ser “X” passa por um processo de adequação, uma reforma do entendimento na qual as categorias criadas serão instrumentos de aprendizagem do novo comportamento e de construção da nova pessoa, pela valorização da sua experiência. Valorizar a experiência de vida, e “passar a limpo”, é ressignificar essa experiência, saber se desfazer de velhos conceitos para adotar os que parecerem úteis à situação atual. É interagir com os grandes avanços tecnológicos e científicos,

como, por exemplo usar o computador, não só como uma máquina de digitar e imprimir, mas como forma de interação como o ensino a distância.

É inevitável que a educação se faça por partes, de formas diferentes. Por exemplo, a lógica do mundo moderno aparenta ser a dos sentimentos mas na realidade é a econômica e a política. Como vemos nas novelas brasileiras que influenciam o comportamento das famílias, a lógica do coração vence mesmo contra a racionalidade econômica (o que posso e não posso).

O aprendente da Terceira Idade aprendeu da maneira como pode ser e agora, refazendo esse percurso, pode ter a compreensão do tempo perdido e reformular o experienciar daquela fase da sua vida, a fase dos pressupostos, dos preconceitos, das interdições.

A pessoa que viveu essa experiência percebe que vivia negando a sua importância de negação e quando pôde realizar essa mudança ela percebeu que a aparência da roupa nova provoca nas pessoas, no ambiente de trabalho, a atitude de apreciação que a estimula a continuar com esse comportamento.

Essa mudança da escola tradicional para o Aprender a Aprender da escola do futuro, a pessoa da terceira idade pode fazer ao rever qual havia sido o seu comportamento até agora e como deverá vir a ser.

Esse como deverá vir a ser passa por um abandonar as coisas como são, experimentar o viver o como pode ser para poder sonhar com o como deve vir a ser e criar as condições para se adaptar ao novo comportamento. Uma mudança no horário de lazer ou ócio para dar lugar a uma atividade produtiva (por exemplo escrever uma tese).

O aprender a aprender, no processo de como deverá vir a ser tem, para a pessoa da Terceira Idade, aparece como um desafio particular. Ela não nega a sua experiência, mas deve fazer dela uma nova leitura à luz da realidade atual para chegar às novas atividades, que criarão as condições para que a mente se torne produtora de perguntas; os “porquês” voltarão a dominar sua atenção; sua curiosidade se aguçará e as novas maneiras de conceber (conceituar/estudar) o mundo serão percebidas.

O aprender a aprender na escola do futuro não se constitui como um processo mágico, mas como um desenvolvimento do conhecimento que vai provocar uma

mudança que pode ser inovadora para seu grupo, mas haverá sempre o risco de ser rejeitada e ter que relacionar-se com o novo grupo.

O aprender a aprender é um processo interativo onde o aprendente não pode ser considerado um receptor passivo de idéias; a nova interação é feita num nível mais aprofundado, que exige uma leitura mais especializada para que a mudança possa ocorrer.

A observação do mundo inclui uma observação de si mesmo enquanto interagindo com ele; a auto-observação. A auto-observação do momento atual na Terceira Idade tem sua razão de ser por que está ligada à memória de outros fatos, relacionados com o atual. Como, por exemplo, a pontualidade, que “pode ter acompanhado toda a sua vida”. A pontualidade na Terceira Idade, pode mudar de conotação ao ser percebida como uma forma de controle de comportamento. Chegar no horário ao local de trabalho (ou de outro compromisso) pode ser mal visto, por tratar-se de um condicionamento: o de fiscalizar a hora em que as pessoas chegam. Cria-se um clima de dominação.

Na Terceira Idade a auto-observação requer um período maior, dado o seu tempo cronológico. Como esclarece Lacan (1988), por causa da coordenação motora do infante (6 a 18 meses), a visão que ele tem de sua imagem no espelho é de um ser humano que vai crescer e tornar-se adulto. Devido à sua coordenação motora estar incompleta ele tem uma “visão” dele adulto parte de um grupo.

A analogia que se pode fazer com o processo de envelhecimento está em que o idoso pode, e muitas vezes o faz, esforçar-se no sentido de transferir a velhice para “mais tarde” (com cuidados, remédios e etc.). Ele também tem uma visão de sua imagem completa. Sua imagem boa forma (termo *Gestalt* que é o estudo da forma).

Desde a fase do espelho, estudada por Jaques Lacan, sabe-se que o ser humano vive para (o desejo) do Outro. No estudo da Terceira Idade nota-se que o idoso sente a necessidade de convivência; todo esforço deve ser feito no sentido de evitar que ele caia na solidão, que conduz à insegurança, à fragilidade, mesmo que esteja gozando de boa saúde. (uma observação feita no Asilo Betesda em Joinville: uma senhora dita como de boa saúde mostrava pelo seu jeito solitário mostrando insegurança, estar doente).

Uma pessoa da Terceira Idade pode ser despertada para o seu potencial de “crescimento” cognitivo, mental e neurológico. Para comprovar essa afirmativa,

foram entrevistadas pessoas da Terceira Idade que tiveram uma atuação importante na área da educação ao longo de sua vida, visando saber como ela “explica” hoje a sua atuação passada.

Além disso, cada fase da auto-observação será enriquecida por um processo de comparação, que inclui, por exemplo, a entrevista com empresários que já têm experiência de vida empresarial.

Usando a terminologia de Maturana e Varela (*apud* FIALHO, 2001, p. 9) em “Arquitetura Cognitiva Para os Seres Humanos” na análise cognitiva da Terceira Idade, o ponto de início da observação é caracterizado por uma experiência contraditória em que o “isso eu já vi” se alterna com o “isso eu não conhecia”. É necessário uma revisão no domínio lingüístico, no domínio cognitivo e no domínio de conduta, se a reinserção for o objetivo. O domínio da contabilidade, por exemplo, é um domínio cognitivo, que foi deixado de lado no momento da aposentadoria por uma pessoa da Terceira Idade há 10 anos passados. Para retornar à mesma atividade, com a intenção de se tornar um empreendedor, esse domínio profissional deverá ser revisado, o que poderia ocorrer através da Escola do Futuro, que abordará as mudanças tecnológicas ocorridas neste campo de atuação e no das leis trabalhistas. O assunto deverá ser visto na sua interdisciplinaridade.

Isso não significa que a pessoa da Terceira Idade não possa vir a participar do domínio de conduta, apenas que há um percurso regressivo no sentido de revisar os três domínios e atualizar-se.

O conhecimento recente é constrangedor, embora seja realista. A teoria de Nietzsche serve para analisarmos como uma pessoa volta a fazer planos, calcular e selecionar a sua atividade tendo em vista um objetivo por ter a capacidade de produzir linguagem (um sistema semiótico com o qual o homem pode conhecer e memorizar uma vasta gama de fenômenos, podendo agir sobre eles de modo favorável) é a própria atividade essencial do homem. O Homem se define como um animal capaz de prometer, isso é, capaz de prever o futuro, de esperar, calcular e selecionar sua atividade em vista de um fim determinado.

A educação para a pessoa da Terceira Idade está direcionada para o aprender a fazer; o aprender a estudar geralmente não é igual a aprender a meditar que implica a auto-observação. Por exemplo, as palavras de uma pessoa da terceira idade “se é só para escutar, já estou me afastando da igreja. Não agüento mais só escutar a fala

do pastor”. Está presente nessa mudança a sua capacidade de auto-organização, entender a teoria da complexidade, lidar com ela a nível pessoal e saber seus limites. Compreender que essa complexidade participa de uma dinâmica que nos dias de hoje é mais rápida pois a comunicação é feita de maneira eletrônica.

“Piaget nos ensina que cognição e emoção são faces de uma mesma moeda. Emoções são fundadoras de comportamentos individuais e grupais” (FIALHO, 2001, p. 57).

Para as pessoas da Terceira Idade que queiram voltar a estudar é muito importante que aprendam a desaprender, não para esquecer ou jogar fora o que havia sido aprendido, mas no sentido de reexaminar as idéias e opiniões à luz de um conhecimento novo, reconstruindo-o sob uma nova lógica. É repensar as certezas, crenças ou verdades e, depois dessa cuidadosa análise, proceder a reestruturação do que se fez necessário.

“A emoção fundadora de nossa cultura é o Medo”, diz Fialho (2001, p. 57). No caso da Terceira Idade o medo de aprender é vir a descobrir que o que considerava “certo” não o é mais. A Terceira Idade vive na incerteza sobre o presente e o futuro, e na hipótese de voltar a estudar, descobre que as suas certezas precisam ser repensadas.

Na Terceira Idade, a emoção é utilizada como arma de defesa contra a exclusão. Uma pessoa na Terceira Idade, lembrando do tempo em que tinha poder decisório e assumia a responsabilidade mesmo por decisões impopulares, argumenta que “minha intenção era boa; queria o bem de todos”. O fenômeno social da exclusão da Terceira Idade tem vários aspectos importantes, entre outros, por exemplo o econômico diferencia dentro do grupo etário as possibilidades de uma qualidade de vida que lhe permite usufruir de uma vitalidade mantida por mais tempo. A adequação do econômico e do social pode sedimentar (fortalecer a mentalidade para aceitar a sua realidade e as mudanças que necessita).

A exclusão, que representa a condição de inativo, é tão carregada de preconceitos que os indivíduos de Terceira Idade a evitam. Uma das maneiras de sentir-se excluído devido à diminuição do vigor físico é o recusar-se a adequar o exercício físico aos medicamentos mais úteis.

No estudo da Terceira Idade, pesquisas avançadas estão produzindo medicamentos e conhecimentos sobre o envelhecimento dos corpos vivos. Esses

medicamentos deveriam ser conhecidos, divulgados e acessíveis principalmente às populações dos países em desenvolvimento, sob a forma de genéricos, como existe para medicamentos gerais. Infelizmente, essa ciência não é prioritária aos olhos dos governantes.

Sob essa ótica, a educação para a Terceira Idade teria de ter um caráter informativo sobre o envelhecimento do ponto de vista científico. Poderia ser incluída como um item na proposta da educação para a Terceira Idade.

## **2.2 Leitura do mundo**

Os aprendentes da Terceira Idade trazem consigo uma leitura do próprio corpo e a do outro, dos outros elementos da natureza e da sua cultura. Leitura essa adequada à realidade da época em que a pessoa estava ligada à produção.

Porém, o percurso feito desde a sua saída do mundo produtivo até o momento em que pensa reinserir-se, exige uma releitura porque o que ela encontra no seu dia-a-dia nem sempre é percebido na sua devida importância. Por exemplo, se a pessoa só usava remédios caseiros, agora, no caso de uma apendicite deverá sujeitar-se à uma cirurgia extrativa.

Diante do conhecimento que encontram no seu cotidiano as pessoas da Terceira Idade devem interrogá-lo, interpretá-lo, dialogar com ele, ampliá-lo e reinventar a vida. É o caso da pessoa que se aposentou e mudou-se de uma casa com amplas salas onde se sentia feliz em receber pessoas para festas, para um pequeno e humilde apartamento.

É necessário que a pessoa da Terceira Idade chegue lúcida ao conhecimento que foi acumulado por outros e às descobertas da Ciência, da Arte e da Filosofia que são outras formas de explicar a realidade “a pessoa da terceira idade só teve conhecimento religioso, acreditava – em dogma”.

Segundo Paulo Freire (1988) o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas se alonga na inteligência do mundo. As pessoas da Terceira Idade têm uma leitura muito mais ampla e rica dada a sua idade, as pessoas de 60 anos, nascidas em Joinville, por exemplo, lembram-se de passagem no seu desenvolvimento que se tornaram históricas.

A experiência de viver esse movimento dialógico da leitura do mundo pode ser impulsionado por cinco dimensões (FIALHO 2001):

- Curiosidade
- Investigação
- Descoberta
- Paixão
- Partilha

A curiosidade é o convite para a investigação e esta rompe com a imposição da grade curricular que estrutura as disciplinas sem nenhuma relação entre si. Para rompê-la devemos trabalhar a partir de projetos, tomando a pesquisa feita em pedagogia, possibilitar a organização do saber do aprendente, pondo-o em diálogo com as diferentes formas de conhecimento (parece que está deslocado).

O aprendente escolhe o caminho para satisfazer a sua curiosidade. Quanto mais novas descobertas fizer, quando mais investigar, mais progredirá. Investigar é aventurar-se nos diversos caminhos do saber, planejando e organizando ações em busca de respostas para as inquietações utilizando as mais variadas fontes: na diversidade de textos que são veiculados na sociedade, na experimentação, nas práticas de laboratório, nos áudio visuais, nas visitas de estudos, nas conversas com a comunidade, nas artes plásticas e dramáticas, na música, nos programas veiculados na mídia, na tecnologia da informação, encontrará a satisfação da sua curiosidade.

Investigar levando os aprendentes a conversas com as pessoas da comunidade promovendo o desenvolvimento de potencialidades até então desconhecidas. Despertar para uma nova auto-organização do corpo, evitando ficar sentado o dia inteiro em frente à televisão; sair da passividade física e intelectual de só rezar, ou se lamentar, adotando o princípio “ajuda-te, que o céu te ajudará”.

A investigação leva a descobertas. Descobrir o que existe é o mo(vi)mento criativo em que se avalia outras formas de perceber/sentir/compreender/vislumbrar a vida. Sugestões para leituras, para filmes, como por exemplo Matrix, que mostra outras realidades, deverão ser levadas aos aprendentes. E também novas modalidades de jogos como o RPG, são algumas maneiras de conduzir à investigação.



Descobertas podem ser valorizadas como a auto-organização de um conhecimento que pode permitir uma maior compreensão de si mesmo, com o outro—social, com a natureza. O aprendente da Terceira Idade tem presta para prolongar a sua vida física e intelectual.

No contexto de descoberta, a pessoa da Terceira Idade precisa levar em conta que descobrir é um processo que nunca acaba e que isso desperta a urgência na sua curiosidade para aprender, se quer desfrutar do progresso, precisa aprestar-se.

O professor apaixonado e o aprendente encantado compartilham o que sabem e sentem. Os aprendentes da Terceira Idade, ao compartilhar suas descobertas, expõem os próprios pensamentos e sentimentos despertados pela paixão das descobertas realizadas na investigação: comentar a leitura de um livro como *Iracema*, de José de Alencar, estimulando o outro, não pela imposição mas pela provocação para um novo modo de pensar, curioso para ver “se vai dar certo então...”.

A disponibilidade mental pode ser um fator importante para o desenvolvimento da curiosidade em uma pessoa que está passando de uma vida ativa de responsabilidades (familiares e profissionais) para o estágio da inatividade. A concentração não é tão dividida entre os vários deveres (familiares ou para aqueles de dois ou três empregos).

Os futuros aprendentes desafiados pela possibilidade de um conhecimento de novo tipo são atraídos pelo “gostoso” (o sabor do saber, Maturana e Varela (*apud* FIALHO, 2001, p. 65)) proposto pelo projeto o qual pretende proporcionar: conforto, exercícios físicos agradáveis, sentir-se bem ou não: eles são atraídos pelo desafio de continuar jovem, e na ativa.

A presença do facilitador neste diálogo em que o aprendente pede para que se mostre a ele a possibilidade dele “vir a poder” também.

Uma ecologia cognitiva que oportuniza o ciclo destes mo(vi)mentos pode vir a contribuir no desenvolvimento de experiências de aprendizagem para o aprendente de Terceira Idade e facilitadores, ao auto-organizarem conhecimentos percebendo-se como corpos aprendentes.

Queremos ressaltar que é a paixão do professor facilitador pelo objeto a ser estudado que leva os aprendentes de Terceira Idade a se sentirem motivados em

participar deste diálogo (ser aceito com essa condição: você pode vir participar completamente desde que... regras do jogo) (regras do conhecimento).

## **2.3 Uma escola para a terceira idade: uma escola com um coração**

### **2.3.1 A escola do futuro**

Os temas da aprendizagem são, entre outros, vendo o invisível, ouvindo o inaudível, dando corpo ao incorpóreo, descobrindo perfumes, saboreando idéias. (FIALHO, 2001)

O professor/facilitador é o apaixonado por aquilo que ensina. O amor provoca. O professor aponta para a reinserção, o processo de como alcançá-la, o conhecimento é aberto. O aprendente vislumbra, se encanta e procura seguir o mestre. A reinserção é o oásis que o aprendente quer alcançar. A pessoa sente-se valorizada pelo conhecimento.

O início do diálogo com as pessoas que ainda não se interessaram pela mudança terá como detonador um exercício lúdico pelo qual, através da “catarse”, seja possibilitada uma descarga emocional das emoções que estiveram até então reprimidas e negadas e cujo papel de obstáculo à mudança será revelado através de uma dramatização ou do “contar a história de alguém conhecido e que se encontra numa situação difícil (insuportável)” Por exemplo: a síndrome da caduquice está para a velhice como um bode expiatório; isto é, a pessoa é considerada incompetente para tomar decisões, irresponsável, sendo-lhe colhida, também, a liberdade de escolha.

É tentar transformar assim uma situação descrita como angustiante em uma situação prazerosa num clima de “também já passei por isso”.

A Escola do Futuro, apesar de escola, não seguirá o modelo tradicional, com as disciplinas organizadas em grade estanques mas de forma transdisciplinar retratando os viéses da vida.

Como disse Fialho (2001, p. 12),

A ciência cognitiva é em si, transdisciplinar na medida em que a compreensão do fenômeno cognitivo demanda a contribuição da episteme dada por diferentes disciplinas que, ao combinarem-se, produzem uma nova episteme, uma emergência, no sentido dado a

essa palavra, no passado pelos psicólogos da Gestalt e, hoje em dia pelos teóricos da complexidade.

“O papel do jogo e da fantasia é essencial para o desenvolvimento humano”, afirma Vygotsky (apud VASCONCELOS, VALSINER, 1995, p. 70). A escola da Terceira Idade deve levar em conta as experiências anteriores de seu público. Tendo isso em conta e percebendo que o desenvolvimento do jogo para uma pessoa recebida na escola como um ser integral, o mesmo servirá como um processo de auto-organização e auto-controle progressivo (essa nova relação do idoso com o próprio corpo e com suas relações com outros corpos a pessoa da Terceira Idade nesta escola tem que ter um projeto de mudança - não ficar em cima do muro pois até o muro envelhece).

Nessa escola a mudança vem de dentro de um ser passivo que aceita a inatividade e que vai desenvolver um sujeito capaz de utilizar os instrumentos de cultura que lhe são oferecidos: conviver e dialogar.

Para o futuro na Terceira Idade o educar para o futuro tem um significado mais específico mais imediato. O futuro conceitua-se como uma mudança muito grande dada uma nova expectativa de vida.

Hoje as pessoas de Terceira Idade diferente de antigamente podem e devem praticar atividades que lhe são apropriadas, ter independência de espírito, lutar pelas suas idéias. O acesso ao lúdico um direito das crianças, também o é da terceira Idade. Deve contudo apresentar inovações, modernizar-se; significa relacionar-se com o próprio corpo e com o das outras pessoas. A brincadeira apresenta-se com uma ferramenta para a construção de um sujeito autônomo. Na Terceira Idade, a brincadeira retoma uma dimensão que havia perdido, estando completamente desvalorizada.

Para a criança as brincadeiras integram o ser criança; a Terceira Idade precisa ser motivada para essas atividades, pois, o entusiasmo pode não aparecer no primeiro momento, mas quando os resultados começam a aparecer a pessoa sente alegria do conhecimento novo, motivo para continuar nessa aventura.

O jogo tem um elemento cognitivo permite às pessoas mais velhas conviverem através de uma atividade lúdica em que está em jogo um uso da inteligência e de uma expressão em ato que não se expressa por palavras e sim na ação.

Uma pessoa da Terceira Idade pode ter um potencial de inteligência, mas se deixa absorver pela sua vida emocional (ex.: mãe da amiga “B” amiga Monica) e ela bloqueando a sua disponibilidade para aprender o novo, continua escrava do relógio, presa a compromissos familiares. Não mostra ou não tem curiosidade. A mudança apavora, não existe o encantamento do conhecer as novas descobertas se agregam ao seu conhecimento.

Como transmitir a eles, aprendentes, o caráter positivo destas descobertas? Como tornar interessante o que no momento é desinteressante? Fazendo uma analogia com o que Tiba (1986) no seu livro Puberdade e Adolescência comenta a importância da superposição das socializações familiar e comunitária. Isso mostra que as duas socializações familiar e comunitária são diferentes e no entanto co-existem para o jovem. Vejamos para o adulto como se dá a socialização na fase de mudança para a velhice “saber ficar no seu lugar”. Em seus lares, as pessoas de Terceira Idade através do rádio, da televisão e dos familiares de idade mais jovem que passam pela casa, suas informações se cruzam com os seus contatos na comunidade da paróquia ou outros grupos diversos.

Quanto maior a abrangência do seu papel social mais a pessoa se sente segura de sua atuação. Um homem, gerente aposentado, que não queira se desligar do mundo dos negócios, terá a oportunidade de continuar em contato com o conhecimento próprio do meio empresarial atuando como consultor ou assessor na área. Isto poderá se tornar uma atividade remunerada e um novo impulso para a vida.

Na Escola do Futuro, diz Fialho (2001, p. 32), “estes indivíduos devem também ser capazes de exercer a fraternidade, a solidariedade, compreendendo a multiculturalidade e a evolução individual, mas ao mesmo tempo coletiva”.

Toda escola constitui uma organização. A escola para a Terceira Idade deverá ter conforto, atualização eletrônica, lazer, leituras diversificadas, abertura para debates. Entender o momento que está vivendo e como está o mundo neste momento. Com essa leitura para entender o momento desenvolve-se em cada aprendente a curiosidade, a investigação e a descoberta de um objeto de estudo próprio a ser feito por ela mesma.

Do ponto de vista cognitivo, educar a Terceira Idade confunde-se com o educar crianças; quer se formar seres criativos, independentes, cidadãos conscientes e solidários, capazes de desenvolver uma vida profissional plena e produtiva.

No cotidiano, é muito grande a expectativa de se aposentar e entrar na Terceira Idade pois nota-se no emprego e na expressão ligados à palavra trabalho, esse sentimento de escravidão do trabalho forçado. O início é auspicioso, a aposentadoria é a recompensa por muitos anos de trabalho, mas à medida em que o poder aquisitivo do salário do aposentado se deteriora com a inflação, também seu entusiasmo arrefece. O estado de espírito otimista dá lugar à decepção. Já não vale o quanto valia. Em entrevista recente um aposentado dizia que “tive que me desfazer do que havia comprado durante toda a vida ativa, pois os impostos não me permitem mantê-lo”.

As mudanças psicológicas que ocorrem simultaneamente neste período de perda do vigor físico e outras mudanças corporais, como o embranquecimento do cabelo e da barba e a menopausa, levam à uma nova relação com o próprio corpo e com dos outros. Esse processo só é possível com uma vivência lenta e dolorosa que chega a sepultar o antigo eu ou a personalidade toda (no caso de uma mulher cuja vida era centrada na família e na reprodução – minha mãe). Há um aspecto do progresso que é liberador da mulher.

Nesta fase, justifica-se um estudo da memória enquanto fonte de sofrimento pelo que *poderia ter sido* realizado e não foi... e que com o passar do tempo parece ter se tornado impossível. Para a Terceira Idade, a memória é a armadilha. Por exemplo, relembrar episódios de operações cirúrgicas como mutilações, devido a problemas de saúde.

O desprezo da Terceira Idade em relação aos valores dos adultos e jovens deve também ser respeitado, pois a negação por parte dos adultos e dos jovens ao processo de educação familiar leva-o a um profundo desamparo. A diferença nos padrões de autoridade dos pais na educação é notada pelos mais velhos como fraqueza liberal. Como, por exemplo, a idéia de não ser compreendido no que fez durante os anos em que esteve, com a condução da família. Casais que não se lembram da mesma forma de acontecimentos importantes para ambos.

Os fenômenos que iremos estudar nas pessoas da Terceira Idade na nossa sociedade são sintomas dela e demonstram a nós, “normais”, partes nossas com as

quais a nossa sociedade (e nós mesmos) não consegue lidar e que por isso precisa excluir. Por exemplo, relacionamentos familiares tornados difíceis por atitudes impensadas (assim que o pai do marido faleceu... se apressou em vender a casa e levaram a senhora “D” para morar junto. Verdadeiro desastre).

Discutir sobre a relação consigo mesmo, com a passagem do tempo e a disponibilidade para mudanças. A escola do futuro tem como um de seus objetivos mostrar como pode ser o estudo e o caminho para chegar a ele a partir de um insuportável “como é” “como está” como um processo de ensino em que o aprendente sai com uma compreensão maior de sua vida e seus valores como instrumento para mudá-la.

Neste processo de como deve ser, propomos a reinserção, que deve ser voluntária. Para Mariotti (1999), complexidade quer dizer diversidade, convivência com o aleatório, com mudanças constantes e com conflitos, é ter de lidar com tudo isso, mobilizando potenciais criadores e transformadores. Esse passa a ser então o novo papel das organizações: mobilizar potenciais criadores e transformadores para sobreviverem a essa complexidade e a imprevisibilidade do futuro.

O aprendente da Terceira Idade tem pressa para prolongar a sua vida física e intelectual. Essa pressa, seja ela consciente ou não, deve ser alavancada pela escola do futuro.

Segundo Maturana e Varela (*apud* FIALHO, 2001, p. 65), “Todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer”. Os mesmos autores afirmam que:

Os futuros aprendentes, desafiados pela possibilidade de um conhecimento de novo tipo, são atraídos pelo “gostoso” (o sabor do saber) proposto pelo projeto, o qual pretende proporcionar: conforto, exercícios físicos agradáveis, sentir-se bem. O fenômeno do conhecer não pode ser equiparado à existência de “fatos” ou objetos “lá fora”, que podemos captar e armazenar na cabeça.

A presença do facilitador no diálogo em que o aprendente pede que se lhe mostre a possibilidade de também “vir a poder” é importante; é a paixão do professor facilitador pelo objeto a ser estudado que leva os aprendentes de Terceira Idade a se sentirem encantados em participar do diálogo.

Através da intuição para desenvolver nossos sentidos. Aprender é um ato consciente. Na Terceira Idade esse aprender é movido não pela ingênua curiosidade da infância ou sofreguidão e sentimento de busca do poder, da carreira para sua

vida, e mas de um estudo mais calmo e empírico, visando a auferir resultados imediatos.

Na escola do futuro não basta um conjunto de disciplinas. É importante ter metas e uma pedagogia que atendam a esse segmento. Acredita-se que a educação ao longo da vida, apareça como uma das chaves de acesso ao desenvolvimento. Diz Delors (1999, p. 1) que

A educação vem dar resposta ao desafio de um mundo em rápida transformação, mas não constitui uma conclusão inovadora, pois há tempos já foi chamada a atenção para essa necessidade de um retorno à escola, a fim de estar preparado para acompanhar a inovação, tanto na vida privada como na vida profissional. É uma exigência que continua válida e adquiriu, até, mais razão de ser. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas das informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levam a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos.

A pedido da UNESCO, uma Comissão Internacional da Educação para o século XXI apresentou o Relatório Jaques Delors, como assim se tornou conhecido, iniciado em março de 1993 e concluído em setembro de 1996, com a contribuição de especialistas do mundo todo. A conclusão a que chegaram foi a seguinte:

... frente aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como uma “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos seus ideais mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras... (DELORS, 1999, p. 11)

Diante do que Jaques Delors afirmou em 1999, cabe hoje em 2003 perguntar o que de fato foi feito com a educação.

## **2.4 Considerações gerais acerca do cérebro e suas múltiplas funções**

“Enquanto nosso cérebro for um mistério, o Universo, reflexo da estrutura do cérebro, também será um mistério” (Santiago Ramón Ycayal).

Um dos mitos que existe sobre o envelhecimento é que o processo de degeneração do cérebro humano é irreversível. Contudo, os recentes estudos sobre o cérebro humano têm apontado que o seu desenvolvimento e funcionamento decorrem de hábitos culturais, da organização social, do trabalho e das atividades de lazer, incluindo as enfermidades (genéticas ou não) que a pessoa tenham sofrido. Os neurocientistas, entre eles Lima (1988), afirmam que o cérebro se forma na dinâmica cotidiana das reações do indivíduo em relação ao meio. Em outras palavras, o desenvolvimento do cérebro é simultaneamente orgânico e social. Hoje está provado que a estimulação social, a convivência em grupos, auxilia a regeneração do cérebro, o efeito sendo maior quando ligado ao prazer de conviver e de viver com outras pessoas.

Com base nesses novos conhecimentos, um processo de aprendizagem que provoque reflexões e seja prazeroso e desafiador, é a proposta da escola do futuro para a Terceira Idade. Com o estímulo dos circuitos neurais, e conseqüentemente, a formação de mais e mais sinapses, ampliar-se-ão as ramificações das células cerebrais.

Hoje é indiscutível o papel das emoções no processo de cognição do indivíduo e o seu desempenho. Localizado no cérebro, a sede das emoções, o sistema límbico atua fortemente na memória e na capacidade de aprendizagem. Assim, quanto maior o envolvimento das pessoas de Terceira Idade em atividades físicas, sociais e culturais, melhor será o seu desempenho para executar, ousar, resolver e aprender; inclusive a, sua memória reterá por maior tempo as informações adquiridas e processadas.

Diante desse fato, deverá ser feito o planejamento da projeção temporal das atividades realizadas. Não é suficiente planejar situações de aprendizagem para os encontros com os aprendentes, é preciso planejar o tempo para a realização da ação e para a reflexão, incluindo a avaliação do percurso realizado e possíveis reformulações. Este procedimento visa garantir a retenção das informações na memória de longa duração; se alojadas apenas na memória de curta duração, serão rapidamente esquecidas e dificilmente podem ser reativadas.

Os novos dados sobre o funcionamento da memória que foram trazidos pela neurociência estão sendo fundamentais para a educação das pessoas de Terceira Idade; estão sendo considerados, inclusive, na organização do currículo e no



processo de aprendizagem da escola do futuro. Mas, apesar de todos estes conhecimentos, sabendo da complexidade que envolve os estudos do cérebro, principalmente de como o cérebro exerce o comando e como o conhecimento é produzido na mente. Como bem diz Edgar Morin (2002), o homem é inteligente, mas o seu cérebro desafia a sua inteligência. Esse cérebro já é, há mais ou menos cem mil anos, portador de possibilidades intelectuais, culturais e sociais que só se realizaram bem mais tarde, sendo que a maior parte delas ainda nos é desconhecida e até inimaginável.

Apesar dos avanços com relação a sua formação anatômica e fisiológica, o cérebro ainda era, em meados do século XX, desconhecido na sua organização e funcionamento. Mas, desde então, as neurociências apresentaram grande e rápido desenvolvimento, especialmente nos últimos anos.

As neurociências progredem por múltiplas vias de penetração que correspondem, cada uma, a um dos múltiplos aspectos da natureza ao mesmo tempo física, química e biológica do cérebro mas enormes incógnitas ainda existem. Incógnitas que não resultam apenas da insuficiência de conhecimento, mas também da insuficiência das formas de chegar ao conhecimento.

Conforme Morin (1999, p. 107),

Lógica mas não surpreendentemente ao resolver muitos enigmas e elucidar os muitos processos envolvidos, as neurociências revelaram os mistérios insondáveis até o presente momento onde havia uma incógnita. Como um Buraco Negro, o mistério do cérebro tende a engolir a nossa inteligibilidade, enquanto se acha na fonte de nossa inteligibilidade.

É preciso acentuar o hábito de fazer leituras com o objetivo de sintetizar o saber atual da neurociência acerca do cérebro, como produtor e desafiador dos nossos conhecimentos, especificamente, sobre a memória e o processo de envelhecimento.

Esses estudos são de fundamental importância para possibilitar uma educação transformadora para as pessoas da Terceira Idade e combater o mito da degeneração do cérebro humano nessa faixa etária.

Até há pouco tempo, os cientistas pensavam que o cérebro era essencialmente estático não havendo possibilidade de reparação no caso da ocorrência de algum dano. Com os avanços tecnológicos, principalmente na última década, conseguiu-se provar que sua regeneração é possível.

Exames como a tomografia computadorizada, a imagem por ressonância magnética e a tomografia por emissão de pósitrons comprovam a plasticidade do cérebro em regenerar as áreas arruinadas.

Isso só foi possível dada a própria complexidade do cérebro humano que é capaz de restaurar suas funções porque não armazena cada memória em neurônios, em células cerebrais distintas; ela está presente em redes de neurônios interligados. Se um neurônio morre, o cérebro restabelece essa conexão por meio de outro neurônio, retraindo assim, a memória. São os circuitos redundantes.

Conforme a pessoa vai envelhecendo, as células cerebrais ramificam-se cada vez mais. Na meia – idade, o cérebro apresenta muito mais ramificações do que quando jovem. O circuito de energização destas ramificações fica mais ou menos ativo conforme o seu uso. Trata-se, então, de manter o cérebro em exercício, para que seja produtivo. As ramificações extras compensam a morte de células cerebrais desde que o cérebro seja mantido em exercício.

Daí a possibilidade de se alcançar o estado mental a que se refere o Dr. Dharma Sing Khalsa, médico e gerontólogo, segundo o qual, “a mente (que) sabe como regenerar-se continuamente”.(KHALSA, 1997, p. 24)

Nos anos 90 inaugurou-se uma nova era para as ciências, denominada pela ONU como a “década do cérebro”, que permitirá ao homem não só sonhar com a regeneração do cérebro, encontrar essa possibilidade dentro de si mesmo.

Na escola do futuro, aquele “refletir sobre si mesmo e suas ações” a que nos referimos anteriormente, deve caminhar simultaneamente com a curiosidade em relação ao mundo. Muitas coisas que ajudam o cérebro a se regenerar, também auxiliam o resto do corpo a se reestruturar.

Estudando o funcionamento do cérebro aprende-se a otimizar seu potencial, levantar propostas para retardar os sinais do que convencionalmente se caracteriza como velhice, promover a longevidade saudável e intervir nos estágios iniciais do declínio cognitivo.

### 2.4.1 Funcionamento do cérebro

Realça-se neste item a importância do conhecimento da neuroanatomia ou anatomia do cérebro para termos a compreensão dos vários níveis de funcionamento do cérebro e da geografia cerebral.

O cérebro tem três divisões principais: o tronco encefálico, o cerebelo e o cérebro propriamente dito.

O tronco encefálico fica logo acima da coluna vertebral. Ele transfere as informações dos sentidos e controla coisas básicas como a respiração e os batimentos cardíacos, mas não cria qualquer raciocínio ou sentimento.

O cerebelo tem muito mais capacidade do que o tronco encefálico. Ele fica logo atrás do tronco encefálico e ajuda o corpo a se mover. Ele governa a coordenação dos músculos e conserva parte da memória dos movimentos. Quando recém-nascidos, tem-se pouco controle dos movimentos porque o cerebelo ainda não está totalmente desenvolvido. À medida que envelhecemos, ele melhora as suas funções.

É no cérebro propriamente dito que acontecem os pensamentos, as emoções e a memória; e caracteriza o último estágio do desenvolvimento do cérebro no seu processo de evolução.

O cérebro se parece com duas metades de uma noz; essas partes formam uma esfera que é coberto por uma fina camada, com apenas um ou dois milímetros de espessura. É o neocórtex, de cor bege, o cérebro que raciocina. Sem essa parte nós viveríamos em estado vegetativo.

O neocórtex tem aproximadamente 16 cm e apenas 1/3 dele é visível; os restantes (2/3) estão escondidos numa série de sulcos e fissuras.

Abaixo do neocórtex está um espesso bolo de uma massa esbranquiçada, que realiza o trabalho bioquímico, de manter o corpo ativo, mas não produz qualquer pensamento ou sentimento.

O cérebro divide-se em quatro áreas ou lobos: o lobo frontal (que efetua a maior parte da resolução de problemas abstratos); o lobo parietal (que ajuda a processar informações dos cinco sentidos); o lobo temporal (que controla a memória, audição e linguagem). O lobo frontal está situado na frente do cérebro, o parietal fica logo atrás; e o menor deles, o lobo occipital, situa-se na base do crânio.

O lobo temporal localiza-se nos dois lados do cérebro, próximos às têmporas. Como observou KHALSA (1997), a função cognitiva não se prende a uma área e cada área não funciona independentemente. Isso é apontado através de técnicas avançadas de imagens que comprovam que cada memória e pensamento requerem o funcionamento de várias áreas do cérebro e muitas vezes em lobos diferentes. Essa nova concepção é chamada de mapeamento múltiplo.

Na longevidade cerebral, o fenômeno de mapeamento múltiplo tem dois significados importantes, conforme Khalsa (1997, p. 118):

- 1º - como as memórias devem “viajar” em volta do cérebro para se completarem, o “sistema de transporte” do cérebro através dos neurotransmissores deve ser mantido adequadamente;
- 2º - é relativamente difícil “eliminar” por completo uma memória, porque parte dela está espalhada em muitas áreas amplamente separadas. Mesmo que uma memória tenha sido parcialmente destruída, ainda é possível preservar a maior parte dela, conservando saudáveis as áreas restantes do cérebro.

O peso total de um cérebro humano equivale a menos de 1,36 kg mas parece que o tamanho do cérebro não faz muita diferença. Não é o tamanho do cérebro que determina o número de neurônios com a idade inteligência e sim o número de conexões entre os neurônios.

Os hemisférios esquerdo e direito do cérebro têm funções distintas. O hemisfério esquerdo do cérebro é mais responsável pelo pensamento analítico: a linguagem, a organização do tempo e a seqüência. O hemisfério direito responde pela imaginação e criação como a música, o reconhecimento de rostos, a organização do espaço e a visualização de imagens.

Os hemisférios do cérebro estão ligados entre si por um feixe de filamentos nervosos chamado corpo caloso, que coordena as funções dos dois lados.

#### 2.4.2 Neocórtex e o sistema límbico

O neocórtex e o sistema límbico estão situados no cérebro, mas têm funções diferentes. O neocórtex é o cérebro racional, e o sistema límbico é o cérebro sentimental. Na evolução, o sistema límbico foi a 1ª parte do cérebro a se desenvolver, há aproximadamente 150 milhões de anos. O sistema límbico repousa

sobre o topo encefálico. A palavra límbico é derivado de *limbus*, do latim, que significa “elo”.

As principais partes do sistema límbico são: o hipocampo, a amígdala, o hipotálamo, o tálamo e a glândula hipófise. Para compreender as emoções e a memória é essencial que se entenda esse sistema límbico:

1. Hipocampo: é o centro de memória; armazena algumas memórias recentes e poucas remotas. Envia as memórias remotas para o neocórtex, e armazena fatos não emocionais. É a parte do cérebro que processa a maior parte do aprendizado de livros, ou memória semântica. O hipocampo está completamente desenvolvido aos dois anos de idade. Nos pacientes com doença de Alzheimer, o hipocampo está entre as primeiras áreas do cérebro a serem danificadas por isso que os pacientes perdem suas memórias recentes antes de perderem as remotas, porque estas já estão guardadas no neocórtex.
2. Hipotálamo: ajuda a mostrar ao corpo como reagir nas várias situações. Mas isso só acontece depois que o hipocampo, a amígdala e o neocórtex decidiram quão importante é a situação. O hipocampo envia suas mensagens à glândula hipófise, que as retransmite para o restante do corpo, através de seus próprios hormônios e de fatores “de liberação” que ativam outros hormônios. O hipotálamo também controla a temperatura do corpo, a sede, a fome e a função sexual.
3. Amígdala: é a principal área de processamento da memória emocional. Junto com o hipocampo classifica e armazena as memórias, mas se concentra nas informações de impacto emocional. Sem amígdala, ficar-se-ia destituído de emoções. Atuando com o neocórtex “racional”, a amígdala decide a quantidade de impacto emocional que cada pensamento traz consigo. Quanto mais emoção tem um pensamento, mais probabilidade terá de ser enviado pela amígdala para um armazenamento permanente. O neocórtex “racional” também fornece as informações intelectuais para a amígdala e o hipocampo, possibilitando escolhas mais “inteligentes” em relação às reações emocionais.
4. Tálamo: é o principal responsável por dar sentido aos constantes estímulos sensoriais do corpo. Recebe todas as mensagens sensoriais que estão chegando (exceto o olfato) e as retransmite para os centros de

processamento no cérebro. O tálamo é basicamente uma estação de retransmissão.

5. Glândula hipófise: é a glândula mestra do sistema endócrino. Determina o que as outras glândulas devem fazer. Recebe as mensagens do hipotálamo e depois ajuda o organismo a produzir os hormônios de que ele precisa para reagir às diversas situações.

O sistema límbico é onde a mente e o corpo se encontram. É onde o sistema endócrino faz, diretamente uma interface com o cérebro. É também onde o pensamento encontra a emoção. Esse conhecimento que parece plausível e lógico, não encontra, contudo, consenso na comunidade científica.

Antônio Damásio, observador de distúrbios psicológicos e neurológicos, pensador profundo, afirma: ... gostaria de propor a existência de uma determinada região do cérebro onde os sistemas responsáveis pelas emoções e sentimentos, pela atenção e pela memória de trabalho interagem de uma forma tão íntima que constituem a fonte para a energia tanto da ação externa (movimento) como da ação interna (animação do pensamento, raciocínio). Essa região de origem é o córtex anterior, outra peça do quebra – cabeça do sistema límbico. (DAMÁZIO, 1996, p. 97)

O sistema límbico produz emoções em coordenação com o cérebro racional, a fim de formar seus pensamentos e emoções e determinar as respostas físicas do corpo àqueles pensamentos e emoções.

Deepack Chopra, médico e organizador da Associação Americana de Medicina Ayurvédica (uma forma de medicina tradicional hindu), acredita que o processo de envelhecimento pode ser reformulado de forma drástica quando se usa adequadamente a conexão mente/corpo. Valorizando a alimentação, modificando a relação com o mundo exterior e exercitando o silêncio interior, Chopra acredita que o homem seja capaz de controlar o modo como age. São suas palavras:

Somos as únicas criaturas na face da terra capazes de mudar nossa biologia pelo que pensamos e sentimos. Possuímos o único sistema nervoso consciente do fenômeno do envelhecimento. Leões e tigres não percebem o que está acontecendo com eles \_ mas nós sim. E porque somos conscientes, nossos estados mentais influenciam aquilo de que temos consciência. Seria impossível isolar um simples pensamento ou sentimento, uma simples crença ou suposição, que não tenha algum efeito sobre o envelhecimento, direta ou indiretamente. Nossas células estão constantemente bisbilhotando nossos pensamentos e sendo modificadas por eles. Um surto de depressão pode arrasar com o sistema imunológico; apaixonar-se, ao contrário, pode fortificá-lo tremendamente. O desespero e a desesperança aumentam o risco dos ataques de coração e do

câncer, encurtando a vida. A alegria e a realização nos mantêm saudáveis e prolongam a vida. A recordação de uma situação de estresse libera o mesmo fluxo de hormônios destrutivos que o estresse propriamente dito. Pelo fato de a mente influenciar cada célula existente no corpo, o envelhecimento humano é um processo fluido e cambiável, pode ser acelerado, reduzido, parar por algum tempo e até mesmo reverter-se. (CHOPRA, 1995, p. 15).

Na entrevista com o geriatra Hercílio Hoepfner (2003), de Joinville, o mesmo discorda da citação de Chopra, dizendo que “por enquanto a ciência não se pronunciou”. Não há provas em nosso meio, em Joinville, de reversão de envelhecimento a não ser por cirurgia plástica.

O sistema límbico é muito importante para a memória e, conseqüentemente, para a longevidade cerebral. Para permanecer com uma boa memória, o sistema límbico deve ficar alerta, ativado e até mesmo excitado. Nunca deve ficar sobrecarregado, pois se isso acontecer, por ansiedade ou medo, a memória ficará prejudicada. Se o sistema límbico ficar afetado pelo tédio, a memória sofrerá como também se ele estiver carente de alimentação física.

É muito importante acentuar que ao estimular a saúde física do sistema límbico, o aspecto intelectual funcionará melhor e o indivíduo também se sentirá melhor emocionalmente. Para o estudo de Terceira Idade esse aspecto é muito importante; voltar a estudar revitaliza a memória e o conhecimento. Quando o sistema límbico está equilibrado, o humor melhora consideravelmente. À medida em que a função límbica se restabelece, experimenta-se uma melhora do bem-estar físico o sistema límbico é o principal elo entre a mente e o corpo. A imunidade, a energia, o impulso sexual, o vigor e a habilidade para controlar o peso provavelmente melhorarão.

Isso é possível devido ao efeito do cérebro sobre o sistema endócrino e vice – versa, pois são as glândulas endócrinas que fazem com que a mente e o corpo funcionem como uma entidade única

O hipotálamo, o hipocampo, a amígdala e a glândula hipófise, que pertencem ao sistema límbico, são tão importantes que são chamados de “segundo cérebro”. A rede límbica liga o cérebro ao sistema endócrino, que por sua vez, controla o corpo.

O sistema endócrino é formado por uma série de glândulas que produzem hormônios. Os hormônios são “substâncias químicas sinalizadoras” que ativam muitos outros órgãos em todo o corpo e também influenciam o cérebro. As glândulas endócrinas secretam hormônios diretamente na corrente sanguínea. À medida que

estes hormônios percorrem todo o corpo e o cérebro, eles encontram as “células–alvo” nos órgãos que devem influenciar. No cérebro, os hormônios desencadeiam emoções.

Existem oito glândulas endócrinas (mais o fígado e os rins que também secretam hormônios), com funções diferenciadas, algumas mais importantes estão estreitamente ligadas ao modo como se pensa e sente. As que mais afetam a função cognitiva e as emoções são as supra renais, as gônadas, a pineal e a hipófise. O hormônio DHEA ajuda a manter a função das células cerebrais.

Os hormônios sexuais exercem uma influência poderosa sobre a mente: sobre a maneira como raciocinamos, como nos lembramos dos eventos e lembramos das coisas, como executamos tarefas físicas e como sentimos emocionalmente. Parecem ter, também, um papel importante na memória. A terapia de reposição de estrogênio nas mulheres idosas parece retardar (mas não se tem certeza diz o geriatra Hercílio Hoepfner (2003)) a progressão de qualquer disfunção da memória, inclusive o mal de Alzheimer.

A glândula pineal produz a melatonina, hormônio que regula o sono, e participa de muitas atividades biológicas, inclusive a função imunológica. À medida que as pessoas envelhecem, a glândula pineal aos poucos murcha e se calcifica. A subprodução da melatonina é um dos motivos pelo qual os idosos dormem menos. A hipófise é a glândula que produz vários hormônios, e é chamada de glândula mestra devido à sua habilidade de “ativar” as outras glândulas. Recebe suas mensagens direto do hipotálamo: é o local de “encontro” do corpo e a mente.

O Dr. Dharma Sing Khalsa (1997), descreve, com propriedade, a imagem do pensamento como uma lâmpada acesa. Ele explica que as células cerebrais funcionam à base de eletricidade; no cérebro, há uma corrente elétrica fluindo.

Os pensamentos viajam através dessas células cerebrais como uma corrente elétrica. Enormes cadeias celulares “são ativadas” com energia para formar pensamentos e memórias completos. Se parte desta reação em seqüência da corrente bioelétrica for interrompida, a memória ou pensamento ficam incompletos ou são destruídos.

As células cerebrais são capazes de construir essa corrente de memória, que é denominada “trilha de memória” devido às suas formas, na maioria, alongadas. São



formadas como as árvores, explica o Dr. Khalsa (1997), com um sistema de “ramificações” numa das extremidades, e na outra, um sistema de “raízes”.

“O cérebro opera sobre impulsos elétricos e trocas envolvendo substâncias químicas. A mente opera sobre símbolos. Como passamos do concreto ao simbólico é, ainda, um mistério” diz Fialho (2001, p. 39). As raízes do neurônio são chamadas de axônios a partir das “ramificações” dos neurônios vizinhos. Em seguida, na forma de um impulso elétrico, estas informações viajam para cima, em direção ao tronco do neurônio, que é o corpo celular. Finalmente, elas alcançam as ramificações ou dendritos. A partir dos dendritos, o impulso nervoso viaja para os axônios de outro neurônio. E assim, forma-se um pensamento ou memória completa semelhante a uma cadeia (no sentido de encadeamento).

Como os dendritos fazem as conexões que permitem a ocorrência de pensamentos e memórias, eles são de grande importância para a função cerebral. Quanto mais dendritos e conexões se tiver, e, quanto mais saudáveis forem esses dendritos, mais inteligente a pessoa é.

Nos pacientes com Mal de Alzheimer, bilhões de dendritos aos poucos enfraquecem e morrem. Os pesquisadores estão provando que pode-se estimular o crescimento de dendritos novos, conforme Khalsa (1997, p. 135)

Apesar dos dendritos alcançarem as “raízes” dos axônios de neurônios vizinhos, as células cerebrais realmente nunca se tocam. Há sempre uma minúscula abertura entre os neurônios que é chamada de sinapse. Os pensamentos e as memórias alcançam estas aberturas “nadando” através delas em substâncias químicas chamadas neurotransmissores.

Então, quando um impulso elétrico do pensamento atinge a ponta de um dendrito, ele é transformado num neurotransmissor. Este flui para abertura entre as células e quando alcança a próxima célula, ele se fixa. Isto cria uma carga elétrica naquela célula permitindo que o pensamento continue a viajar.

As sinapses podem ser estimuladoras ou inibidoras. A potência sináptica determina a possibilidade de os impulsos serem transmitidos até o neurônio seguinte, bem como a facilidade com que isso ocorrerá. “E se o neurônio for de excitação, uma sinapse estimuladora facilita a transmissão de um impulso, enquanto uma sinapse inibidora o dificulta ou bloqueia”. É o que informa Damásio (1988, p. 52).

Há pelo menos 100 neurotransmissores, mas somente seis integram a maioria dos processos cognitivos. São eles: a acetilcolina (neurotransmissor da memória e do pensamento), a noradrenalina (“excitadora”, controladora do sono, controla o bom humor), a dopamina (controle dos movimentos físicos, bom humor, impulso sexual e a memória), a serotonina (“bem-estar”, estimula o sono e controla a dor), a L-glutamato (vital para a memória) e a gaba (relaxamento e sono).

Todos os neurotransmissores são importantes para a nossa vida. Se eles não estão sendo conservados num ambiente bioquímico apropriado, o intelecto, a memória e as emoções sofrerão.

Como os neurotransmissores são substâncias químicas flutuantes e não estruturas neurológicas estáveis, os problemas que apresentam podem ser remediados. Isso tem um grande significado pois possibilita uma rápida e eficaz recuperação da deficiência cognitiva evitando os efeitos desagradáveis da idade.

### 2.4.3 A memória

Quando a memória começa a falhar, é hora de prestar atenção ao que está acontecendo com o nosso cérebro. É possível deter os efeitos de seu envelhecimento através de um programa de normas alimentares, exercícios e meditação.

As memórias não residem em um único neurônio e sim em enormes seqüências de neurônios (trilhas de memória). Cada neurônio guarda apenas uma pequena porção de uma memória inteira.

Não se sabe exatamente como cada célula cerebral armazena sua pequena porção de uma trilha de memória completa. Segundo Khalsa (1997), as “partículas” individuais de uma trilha de memória são criadas quando um pensamento, ou fragmentos de atividades sensoriais alteram fisicamente a estrutura das células cerebrais do RNA, o ácido ribonucléico. Diz ele que,

O cérebro é então o “banco de memória” do corpo, o RNA é o “banco de memória” de cada uma das células cerebrais. O RNA é encontrado no núcleo da célula e também no gelatinoso citoplasma que o circunda. O núcleo e o citoplasma são os locais onde todos os códigos genéticos estão armazenados. Teoriza-se que as lembranças são armazenadas no RNA como proteínas ‘codificadas’. (KHALSA, 1997, p. 145)

As informações devem entrar primeiro no cérebro para serem codificadas como memória pelas células. Há muitas maneiras pelas quais as informações podem fazer isso: através da visão, da audição ou da execução de movimentos. Estes três tipos de memória são chamados: memória auditiva, memória visual e memória cinestésica entre outras.

A maioria da memória auditiva é armazenada no lado esquerdo do neocórtex do cérebro; a maior parte da memória visual é armazenada no lado direito. E a maioria da memória cinestésica fica armazenada no cérebro, fora do neocórtex.

Muitas pessoas tendem a armazenar apenas um dentre os três tipos de memória. Aproximadamente, 65% de nós somos guiados pela memória visual, 20% pela memória auditiva e 14% pela memória cinestésica.

Há pessoas que são competentes nos três tipos de memória. A durabilidade de uma memória depende não só dela, mas também de como essa memória está codificada. Se ela está codificada visual, auditiva e cinestésicamente, irá ocupar um número máximo de células cerebrais.

O processo de assimilação cinestésica não é eficaz para a maioria dos tipos de processos acadêmicos, mas é uma memória mais duradoura, porque se situa no cerebelo, que é menos vulnerável ao dano degenerativo do que o neocórtex e o hipocampo, que processam a assimilação visual e auditiva, respectivamente.

As memórias visual e auditiva também podem ser transportadas para armazenamento. Seu hipocampo perde habilidade permanente, desde que o cérebro esteja fisicamente sadio.

A principal área do cérebro que “transporta” as memórias recentes para um armazenamento a longo prazo é o sistema límbico: o hipocampo e a amígdala. Ele decide se vale a pena armazenar uma memória. Khalsa (1997, p. 149) explica o processo de memorização a longo prazo e de memórias recentes:

O hipocampo toma a decisão a respeito da maioria das informações que não são emocionais, cabendo à amígdala essa tarefa. Se não fossem as capacidades do hipocampo e da amígdala para “classificar e enviar”, virtualmente nenhuma nova informação poderia ser mandada para um armazenamento a longo prazo. Isso, de fato, é exatamente o que acontece aos pacientes com mal de Alzheimer e às pessoas com debilitação da memória associada à idade. Seu hipocampo perde habilidade biológica de enviar as memórias para um armazenamento permanente. Após uma degeneração grave do hipocampo, esse começa a perder sua capacidade de armazenar suas próprias memórias recentes (em si mesmo). Deste modo, os primeiros estágios da perda de memória são quase sempre

caracterizados pela incapacidade de produzir novas memórias. Isso explica porque as pessoas na Terceira Idade são capazes de recordar coisas, fatos que aconteceram há muitos anos e não conseguem se lembrar daquilo que aconteceu ontem. Nem todas as memórias recentes são guardadas no hipocampo. Muitas delas ficam, provisoriamente, armazenadas no lobo pré-frontal do neocórtex. Essa é uma área de armazenagem temporária comum para as memórias muito recentes, em geral conhecida como “memória funcional”. Estas memórias são aquelas que o cérebro decide que são triunfais.

As memórias são transportadas para o armazenamento permanente pelo sistema límbico de duas formas:

- Quando o sistema límbico torna-se excitado ou estimulado em relação a um acontecimento ou um fato.
- Repetindo as mensagens para si mesmo.

Com frequência, estes dois métodos de armazenamento trabalham juntos. Numa grave ameaça pode afetar essas memórias: os estragos biológicos causados pelo transcurso do tempo; o envelhecimento e o tempo podem contribuir para degenerar o cérebro.

Khalsa (1997) também aborda o envelhecimento biológico do cérebro dizendo que a perda do intelecto, da memória e da capacidade criativa para resolver problemas não acontecem de repente, quando a pessoa atinge a velhice; o processo é lento e muitas vezes passa despercebido.

O cérebro é um órgão vulnerável; alguns pesquisadores acreditam que no início da idade adulta perde-se aproximadamente metade das nossas conexões sinápticas, pelo mau uso ou devido à falta de uso, implicando em um certo grau de declínio cognitivo e perda de uma bioquímica jovem.

Aos 30 anos, o cérebro, pela perda significativa de neurônios, começa a encolher, mensuravelmente. Até então, o grau de envelhecimento não corresponde ao grau do declínio cognitivo, porque a plasticidade do cérebro permite que se façam novas conexões sinápticas.

O esquema simplificado de um neurônio apresenta-se como segue:

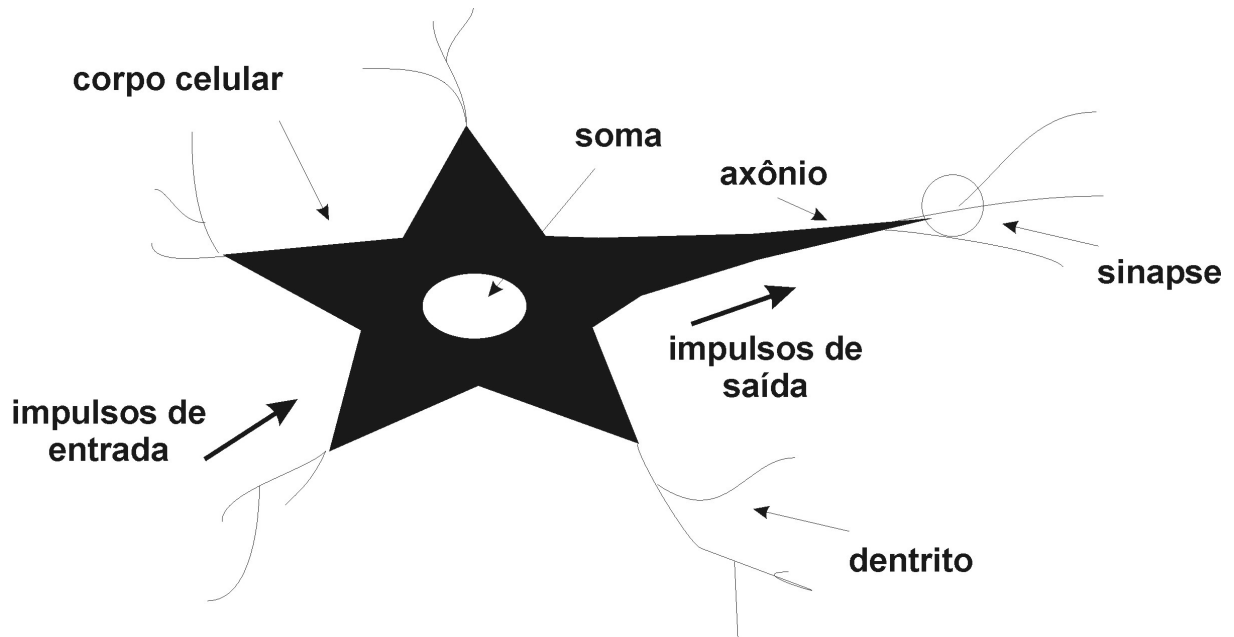


Figura 4: Esquema simplificado de um neurônio.

Fonte: FIALHO (2001, p.33).

Um neurônio é composto de um corpo celular ou soma do qual emana uma fibra maior, o axônio, e um número de fibras em forma de galhos, os dendritos. No envelhecimento, grande número de neurônios têm suas funções diminuídas e morrem; a ciência está tentando reativar esses neurônios.

O sinal gerado por um neurônio e transportado por um axônio (canal de saída) é um impulso elétrico, mas o sinal que passa de célula para célula consiste de moléculas de substâncias transmissoras (já foram identificadas mais de 40 tipos dessas substâncias) que fluem através de contatos terminais especializados: as sinapses. Estes neurotransmissores, como a dopamina, as encefalinas, endorfinas, adrenalina, serotonina e outros, são concernentes a diferentes atividades cerebrais, como o controle do humor, a percepção, da dor, da fome e outros. (FIALHO, 2001, p. 33)

A difusão desse conhecimento através de cursos para as pessoas de Terceira Idade pode ter um efeito positivo na sua auto-organização; ela poderá ser reformada na medida em se processa a compreensão sobre estes fatores (o resultado é que cria o *feedback*).

Entre os 40 e 50 anos, há pelo menos 2% de diminuição no peso total do cerebral; as áreas do cérebro associadas à memória diminuem determinando a criatividade.

Aos 60 anos, há um declínio perceptível na capacidade cognitiva. A maioria das pessoas, nessa época, têm uma perda significativa da capacidade de memorização e de concentração. A maioria das pessoas nessa idade, ou mais velhas, não são capazes de fazer tarefas mais complicadas tão rápido quanto as mais jovens porque a velocidade do sistema nervoso começou a decrescer.

Por volta dos 50-60 anos, as pessoas apresentam mais dificuldade para assimilar novas e complexas habilidades mentais. Verifica-se que não é só a memória começa a declinar mas toda a função cognitiva. Como causas da deterioração cognitiva associada à idade, Khalsa (1997) menciona que a depressão biológica, a má nutrição, Cortisol, o estilo de vida estressante e os radicais livres contribuem para esse declínio.

Se todos esse fatores ocorrerem ao mesmo tempo e se não houver medidas para remediá-los, o resultado será catastrófico. Contudo se o homem for capaz de evitar os fatores que deterioram o cérebro, ele será capaz de produzir um ciclo regenerativo eficaz.

Khalsa (1997) acredita que através de um programa de longevidade é possível evitar o envelhecimento do cérebro. O programa inclui um tratamento multifatorial: terapia nutricional completado com vitaminas, minerais e oligoelementos específicos, administração de tônicos naturais, exercícios para a mente, exercícios cardiovasculares, exercícios de yoga para a mente-corpo, controle do estresse e administração de certos medicamentos farmacêuticos.

Cada elemento do programa atua sinergicamente com os demais elementos. Nenhum aspecto seria totalmente eficaz se empregado isoladamente. Esse programa combinado exerce um efeito terapêutico sobre a memória, a concentração, a capacidade cognitiva e especialmente sobre o aprendizado e a criatividade nas pessoas.

#### 2.4.4 A velhice caminha para uma renovação a passos largos

Dados científicos colhidos das falas de diversos autores esclarecerem e reforçam os conhecimentos sobre velhice. Como aponta o filósofo e médico Dr. Deepack Chopra, M. D. (1995, p. 81),

Aceitava-se que aos 90 anos, o cérebro não mais produzia mais novas células. Em pesquisas recentes, porém, os neurologistas descobriram que o cérebro, mesmo com áreas danificadas, pode produzir novas células cerebrais e que esse processo se estende por toda a vida.

Khalsa (1997) afirma que experiências foram realizadas em animais mas ainda não existe uma técnica clínica reconhecida para estimular a produção de novas células cerebrais no homem.

As implicações filosóficas das descobertas feitas confirma que as novas conexões e sinapses podem ser formadas, podem ser renovadas, em qualquer idade.

Chopra confirma as afirmações de Khalsa, dizendo que “uma descoberta encorajadora, é que, ao manter-se ativo, o idoso pode continuar produzindo novos dendritos o tempo todo. É encorajador saber que o cérebro possui seus próprios mecanismos para se ativar na velhice”. (CHOPRA, 1995, p. 292)

Este entendimento constitui a base de uma pesquisa realizada por Marian Diamond (2003), da Universidade de Berkeley; ela mostrou que os cérebros de ratos velhos cresciam se fossem colocados numa sociedade de ratos jovens e recebessem estímulos que desenvolveriam um córtex cerebral por outro lado, o córtex cerebral se encolheria se os ratos velhos fossem confinados em gaiolas pequenas e privados de interação social; perdiam dendritos em vez de reforçá-los.

A projeção dessas experiências em pessoas, explica, fisiologicamente, o que acontece com pessoas idosas solitárias e isoladas; elas têm maior probabilidade de serem confusas, desorientadas, e apáticas do que as que permanecem ativamente envolvidas no seu meio social, familiar o de amizade.

Justifica-se então o propósito de uma educação para as pessoas da Terceira Idade; a convivência convivendo com facilitadores educacionais os manteria ativos, úteis não só para si mesmos como para a comunidade em que vivem.

Khalsa e Chopra, compactuando o pensamento de que “um meio eficaz de produzir novas conexões é simplesmente pensar. Todas as vezes que pensamos, nosso cérebro desenvolve novas conexões para ajudar a conduzir esse pensamento” (KHALSA, 1997, p. 106).

E Khalsa aconselha seus pacientes a permanecerem mentalmente ativos: “Use-o ou perca-o” (KHALSA, 1997, p. 106). A plasticidade do cérebro é de um valor incalculável para qualquer pessoa que esteja numa proposta de regeneração dele. Dr. Chopra comenta também a grandiosidade desta possibilidade. “Todas estas boas novas acerca do envelhecimento do cérebro reforçam as nossas expectativas de que conservar as faculdades mentais seja algo absolutamente normal” comenta Chopra (1995, p. 294).

Lissy Jarik, da Universidade de Columbia, realizou, a partir de 1947 estudos com gêmeos, visando comprovar possibilidade de preservação da inteligência quando a pessoa se encontra avançada em anos. A pesquisa não acusou uma queda significativa do QI entre os 65 e 75 anos.

Contudo, constatam-se inconsistências de indivíduos para indivíduos; as pessoas idosas simplesmente não podem ser classificadas em grupo; o indivíduo faz a diferença.

Segundo Chopra (1995, p. 295),

qualquer que seja a causa específica, é a doença, e não a velhice em si, que parece provocar o declínio nas funções mentais há muito associada à senilidade. Embora o quadro neurológico ainda não seja claro, é completamente realístico esperar sobreviver com a memória e a inteligência intactas.

Paul Baltes, importante pesquisador alemão, também defende a idéia de que qualquer declínio na estrutura física do cérebro em virtude da idade pode ser suplantando por novas realizações mentais. Enfim, pode-se dizer que existe a possibilidade de viver conscientemente uma longa vida. As pessoas que envelhecem melhor o conseguem devido a uma constelação de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Muitas descobertas foram feitas e a maioria é otimista em relação a um novo conceito de velhice. O geneticista brasileiro, Dr. Tomas Prolla (1999), professor na Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, afirmou em uma entrevista que o controle genético do envelhecimento resultará em pessoas capazes de manter por



muito tempo a saúde física, não imortalidade; pois o ser humano não foi criado para ser imortal a longevidade está em se chegar à velhice com boa qualidade de vida e saúde.

Um dos estudos mais extensos e importantes teve início em Baltimore, em 1958, quando oitocentas pessoas, homens e mulheres com idades variando entre 20 e 105 anos apresentaram-se para serem examinados à medida que envelheciam. O projeto ficou conhecido como O Estudo Longitudinal de Envelhecimento e confirmou que, com a idade, a pessoa vai adquirindo características cada vez mais pessoas, mas com possibilidades de melhoria em qualquer setor.

Um aspecto interessante das pesquisas indica que a regeneração do cérebro está relacionado à iniciativa pessoal. A longevidade, até o momento, ainda depende da disposição de cada um. É necessário que as pessoas tenham conhecimento sobre o assunto para desencadear a regeneração. Mas, não se pode deixar a responsabilidade inteiramente nas mãos do idoso porquanto demanda recursos médicos, educacionais, farmacológicos e financeiros. A sociedade e as políticas sociais devem auxiliar o idoso nesse processo.

Damázio (1996), afirma que uma grande parte das redes de circuito cerebral, em qualquer momento da vida adulta, é individual e única, refletindo fielmente a história daquela pessoa. A mente e o comportamento dos indivíduos não são moldados apenas pela atividade das redes de circuitos neurais e pelos genes, mas também pelo contexto social e cultural em que convivem.

Preparar-se para o envelhecimento pode ser a meta mais significativa. Merecem destaque as palavras de Chopra, relacionadas às possibilidades do idoso para aprender: “Qualquer que seja sua idade, seu corpo e mente não passam de uma minúscula fração das possibilidades ainda abertas a você - sempre há um número infinito de novas habilidades, insights e realizações à frente”.(CHOPRA, 1995, p. 307)

### 3 O UNIVERSO DA TERCEIRA IDADE

“Colher os frutos da sabedoria que os anos trazem e transmitir um legado às gerações futuras (...) esse é o envelhecimento puro e simples”.(SHALOMI e MILLER, 1996, p. 21)

Neste capítulo, começa aqui, dar destaque procura-se identificar as características do envelhecimento, e estabelecer a intervenção do Estado brasileiro na política nacional pertinente aos indivíduos da Terceira Idade.

A Terceira Idade aguarda o novo Estatuto do Idoso, que deverá ser aprovado no decorrer de 2003. O aumento da população de Terceira Idade, enquanto desafia o governo no que diz respeito à situação da previdência social desperta, também, a necessidade da criação de estratégias e meios para que as pessoas, ao envelhecerem, sejam estimuladas a buscar uma vida com qualidade e a se manterem úteis à sociedade em que convivem.

Não há consenso sobre a classificação de Terceira Idade como proposta pela OMS. Algumas correntes de estudo surgem estabelecendo conceitos e classificações, porém estas idéias e padrões ainda são bastante novos, gerando, por vezes, desagregos principalmente entre estudiosos e cientistas que querem padronizar faixas etárias determinando quando uma pessoa passa a ser considerada da Terceira Idade e quais as limitações próprias da idade.

Porém, só temos elementos para uma conceituação, pois não há acordo entre os cientistas. Trata-se de um momento novo e que ainda possui uma gama de possibilidades e ramificações para serem desenvolvidas. O critério utilizado pelos estudiosos para definir a Terceira Idade é o estabelecido pela OMS (Organização Mundial da Saúde) a saber: para os países desenvolvidos a pessoa acima de 65 anos é considerada de Terceira Idade. Para os países em desenvolvimento a Terceira Idade é atingida pelas pessoas acima de 60 anos.

Na Grécia Antiga, o escritor Cícero mostrou interesse pelo tema do envelhecimento na sua obra “Senectude”, na qual aborda aspectos ligados à Terceira Idade. Contudo, os primeiros estudos mais profundos sobre a velhice iniciaram-se somente a partir da segunda metade do século XIX quando os cientistas, se mostraram preocupados em conhecer as diferentes dimensões e facetas da Terceira Idade.

Butler (1999) informa que no ano de 1922 Stanley Hall publicou o livro denominado *Senescence, the Last Half of Life*, onde se opõe à crença de que a velhice é simplesmente o reverso da adolescência. Contra-argumenta que, além das peculiaridades existentes no modo de pensar, sentir e querer dos jovens e dos idosos, há variações individuais que independem da diferença etária. Esta obra pode ser considerada a primeira grande monografia na área.

Em 1939 foi publicada a Gerontologia, estudo científico que focaliza principalmente as mudanças ocorridas com o organismo durante o envelhecimento. A partir deste fato, em 1946 foram fundadas três instituições - a *Gerontological Society of America*, a *American Geriatric Association* e a *Division of Maturity and Old Age* da *American Psychological Association*, e pesquisas mais especializadas começaram a tomar forma com argumentos em favor da educação da integração e participação das pessoas de Terceira Idade na vida social. (BUTLER, 1999)

Estudos desenvolvidos no campo da medicina, trataram o envelhecimento como um processo orgânico ou diminuição do rendimento da máquina fisiológica. Os resultados e o reconhecimento de que medidas de higiene corporal otimizadas podem retardar o envelhecimento foram divulgadas pelas revistas especializadas. (FURTADO, 1997)

Na década de 50, os Estados Unidos, a França, a Inglaterra e a Alemanha vivenciaram o início do processo de mutação demográfica devido à redução da mortalidade infantil e ao tratamento das doenças ligadas ao envelhecimento.

### **3.1 Classificação e conceitos**

A conceituação do termo *Terceira Idade* mostra que o universo ao qual se refere apresenta algumas peculiaridades no modo de pensar, de sentir e de querer. Conceituar a Terceira Idade não é estabelecer associação com uma fase na qual ocorrem sucessivas deficiências. Para muitos especialistas e estudiosos da área da Biologia, o universo da Terceira Idade compreende a fase do envelhecimento que pode ser vista como um processo biológico, econômico e social. A conceituação oferecida pelo presente estudo visa dar uma contribuição no sentido de desfazer determinados pré-julgamentos errôneos. O termo pressupõe a fase da vida do ser humano onde ocorrem alterações de diversas ordens. Conforme Heschel (apud

SHALOMI & MILLER, 1996), deve-se entrar a Terceira Idade da mesma maneira como se entra no último ano de uma faculdade: antecipando a realização. Os anos da Terceira Idade são anos de formação, ricos de possibilidades de desaprender as tolices de toda uma vida, de perceber as próprias ilusões, de aprofundar a compreensão e a compaixão, de ampliar o horizonte da franqueza, de refinar o sentido de justiça.

A fase de maior maturidade do ser humano, compreende, conforme a Organização Mundial da Saúde, 4 estágios:

- meia idade - de 45 a 59 anos;
- idoso - de 60 a 74 anos;
- ancião - de 75 a 90 anos e
- velhice extrema - de 90 anos em diante.

Furtado (1997) informa que estudos mais recentes já estabelecem outra classificação:

- "jovens-idosos" - de 60 a 69 anos;
- "meio-idosos" - de 70 a 79 anos e
- "idosos-velhos" de 80 anos em diante.

Há outros modelos; como ressalta Furtado (1997), a velhice é percebida de formas variadas nas diferentes culturas e épocas da história do homem. Há, assim, diferentes definições da velhice e diferenças entre as velhices socialmente construídas. Os limites do envelhecimento variam de indivíduo para indivíduo, não sendo possível determiná-los com exatidão.

Birman (1994, p. 30), diz que "a velhice não tem concepções absolutas, mas interpretações sobre o percurso da existência, e como interpretações, estas concepções se transformam historicamente".

Quaresma (1988, p. 227) afirma que a Terceira Idade terá que ser compreendida na sua totalidade enquanto "processo complexo para o qual concorrem fatores de ordem biológica, social, econômica e cultural, agindo no sistema de relação do indivíduo com a sociedade e o meio ambiente". Embora exista um indicador cronológico convencional para determinar a que faixa etária pertence a pessoa idosa, outros fatores individuais influenciam a classificação. Assim, o envelhecimento não estaria relacionado unicamente a um processo biológico ou

genético, sendo significativa a participação dos fatores ambientais, sociais e culturais na especificação de seus processos e características.

Neste estudo, o conceito de Terceira Idade respeita o fato de que cada indivíduo reage ao processo de envelhecimento de forma diferente.

### **3.2 Características do envelhecimento**

Apesar dos constantes estudos sobre o envelhecimento, a questão continua em aberto. Sob o ponto de vista fisiológico, diz Furtado (1997), o envelhecimento é o resultado de um processo contínuo de mudanças irreversíveis ao longo da vida, que ocorre desde o momento em que o ser humano nasce. Portanto, não é um fato estático ou determinado por uma única causa específica. O envelhecer de cada indivíduo relaciona-se com os múltiplos aspectos ambientais, além dos fatores genéticos.

O declínio do organismo pode ser acelerado ou retardado por inúmeros fatores, como o nível de saúde, a hereditariedade, hoje chamado fator DNA, o meio ambiente familiar, as emoções, os hábitos passados de trabalho e a classe social. Consoante Furtado (1997), envelhecer não é sinônimo de doenças e nem de invalidez, mas resultado de fatores orgânicos, emocionais e sociais pelas quais a pessoa passa desde o nascimento até a morte.

### **3.3 Comprometimento orgânico, emocional e social**

As principais transformações que ocorrem durante o processo de envelhecimento dizem respeito aos aspectos orgânicos, emocionais e sociais. Para uma melhor compreensão, optou-se por tratar tais aspectos separadamente. Contudo, apesar de estarem sendo abordados de forma isolada, esses aspectos estão intimamente ligados, pois, quaisquer alterações em um deles reflete diretamente nos demais.

#### **3.3.1 Aspectos orgânicos**

De acordo com Bernardini (1995), várias transformações decorrentes do envelhecimento podem iniciar-se na idade adulta e culminar na Terceira Idade, um

desgaste contínuo que irá influenciar o funcionamento de determinado órgão ou tecido. Por exemplo, o enfarte, que aparece na Terceira Idade, pode ter as causas originadas na fase da vida ativa.

Furtado (1997) afirma que apesar das diferenças individuais, alguns sinais marcam o envelhecimento, como o embranquecimento dos cabelos, a calvície, as rugas, a obesidade, a diminuição da força muscular e da agilidade motora.

Em relação às dificuldades que as pessoas encontram à medida que envelhecem, Skinner & Vaughan (1985, p. 35), escrevem:

Alguém já disse que, se você quiser saber como se sente um velho, embace os óculos, tape os ouvidos com algodão, calce sapatos pesados e folgados demais para os seus pés, ponha luvas, e tente - mesmo assim - levar um dia de modo normal. Não há como negar que, com o envelhecimento, nossos sentidos se tornam menos precisos e nossos músculos mais fracos.

Baseados em fundamentos biológicos, os gerontologistas consideram que o envelhecimento inicia-se em torno dos 25 anos de idade. Um coração normal começa a envelhecer aos 60 anos, o aparelho locomotor, ossos, músculos e cartilagens começam a apresentar sinal de degeneração aos 40. Em relação aos cinco sentidos, os que primeiro falham são a visão e a audição, o que ocorre por volta dos 40 anos. O olfato diminui a partir dos 50 e o paladar começa a diminuir a partir dos 30. A redução da capacidade desses órgãos deve-se à atrofia das células sensoriais, ligadas ao envelhecimento das células ganglionares, afirma Weineck (1991).

Em relação aos ossos, o maior problema é a osteoporose, verificada principalmente nas mulheres a partir da menopausa devido às mudanças hormonais. A osteoporose é uma transformação progressiva do osso em consequência de modificações bioquímicas que fazem diminuir o poder de fixação do cálcio, ocorrendo a descalcificação, o que torna o osso esponjoso e frágil, comenta Furtado (1997). Tal deficiência é constatada nas queixas freqüentes de dores nas pernas que as mulheres de Terceira Idade manifestam, impedindo-as de participar de atividades comunitárias, que as obrigam a sair de casa.

O sistema respiratório tem a sua capacidade ventilatória máxima reduzida à metade a partir dos 60 anos, o que provoca uma perda da elasticidade torácica e da atividade dos músculos respiratórios. Ocorrem também modificações importantes na função cardiovascular. O coração tem que trabalhar mais devido ao aumento da

resistência vascular, causado pelo processo da esclerose. A frequência cardíaca máxima declina e observa-se, também, uma diminuição do miocárdio e como consequência, uma redução na capacidade de fluxo sanguíneo periférico. A pressão arterial tende a aumentar.

Ainda conforme Furtado (1997), a alteração da circulação é um fator preponderante na redução do desempenho físico da pessoa da Terceira Idade; isso afeta a sua capacidade de trabalho, limitando o seu desempenho em exercícios de longa duração.

As alterações do sistema nervoso central e do periférico podem interferir negativamente na sensação, na percepção e na compreensão de estímulos internos e externos, dificultando a adaptação. O sistema nervoso central sofre uma involução. Há diminuição no volume do encéfalo e da medula nervosa, os neurônios atrofiam-se e tornam-se menos excitáveis, o tempo de reação fica mais lento, a atenção e a capacidade de concentração diminuem, a compreensão das idéias é mais lenta. Assim, as mudanças neurológicas afetam as funções cognitivas e afetivas da pessoa da Terceira Idade, dizem Nadeau & Péronnet (*apud* FURTADO, 1997).

A diminuição do fluxo sanguíneo cerebral em torno de 30%, é outra característica importante na involução do sistema nervoso central, acarretando a diminuição da reserva de oxigênio, da atividade enzimática, entre outras. As alterações do sistema nervoso também são responsáveis pela redução da ação do sistema proprioceptivo, da cinestesia e pela menor sensibilidade dos órgãos dos sentidos que, tendo a sua ação reduzida, principalmente em resposta a movimentos bruscos, pode ocasionar desequilíbrio e quedas, comenta Furtado (1997).

Sabe-se que a pele vai perdendo a suavidade, o frescor, a tonicidade, a elasticidade e enrugam-se. Nos mais velhos, há diminuição da percepção das variações de temperatura tanto ao tocar um objeto quanto ao ajustar-se às variações climáticas. Os ouvidos e os olhos são os órgãos que mais sofrem ao longo dos anos com as agressões externas. A sensibilidade auditiva diminui, o cristalino e a córnea ficam cada vez mais comprometidos.

O processo de envelhecimento implica ainda na diminuição do tônus muscular, na perda da força e na diminuição da velocidade de condução nervosa. A diminuição da massa muscular provoca perda da mobilidade e limitações do desempenho físico.

O corpo, e especialmente os ombros, curvam-se para frente, a cabeça inclina-se, a curvatura dorsal acentua-se, os joelhos tendem a dobrar-se, produzindo uma curvatura geral e, em consequência disso, a altura do indivíduo diminui. Além disso, pode-se incluir também a diminuição do líquido dos discos intravertebrais e compressão das vértebras o que produz uma redução de até 5 centímetros na estatura do indivíduo. Para muitos, o corpo perde sua atração, sua capacidade de criar sociabilidade, de agradar. A diminuição do vigor físico pode tornar a pessoa dependente de terceiros na realização de suas tarefas pessoais, diminuindo a autonomia. O reconhecimento social fica afetado, assim como a capacidade de criar novas relações.

### 3.3.2 Aspectos emocionais

Outro elemento que costuma modificar-se consideravelmente com o passar da idade é o temperamento das pessoas. Grinberg (1999) destaca 4 tipos principais de mudanças, apontando as formas de procedimento que vão caracterizar as pessoas:

1. Eufóricos ou ativos: Têm auto-estima, apreciam a vida. São otimistas. Procuram sempre estar em atividade. Odeiam ficar sem fazer nada. Amam e, provavelmente são amados. Embora possam ter algum distúrbio orgânico, mantêm-se sob controle. Sociáveis, trabalhadores, criativos. Dizem que costumam viver mais.
2. Deprimidos: Angustiadados, atormentados, desanimados, pessimistas. Esperando sempre o pior. Estão em dificuldades por algum problema psicológico ou físico. Podem se sentir desprezados ou humilhados. A auto-estima está abalada. Ociosos ou não, hipocondríacos, no geral. Melancólicos. Como diria Camilo Castelo Branco: “Era um acesso de hipocondria, uma invasão de tristeza”.
3. Assustados: Pessimistas, hipocondríacos, preocupação doentia com o funcionamento dos órgãos. Preocupação excessiva. Tristeza profunda. Medo à flor da pele. Receio permanente com uma ou mais causas ou efeitos. Queixam-se amargamente da vida, das pessoas que poderiam auxiliá-los nos transe, nos momentos aflitivos. Improdutivos, estão sempre pensando em marcar uma consulta com o médico, ou fazer exames laboratoriais.



4. Indiferentes: Em qualquer situação não se queixam. Parecem não ter uma exata idéia da vida em si. Podem até se considerar muito seguros, mesmo que seja aparentemente. Insensíveis, apáticos. Pessoas que no geral não têm ódio, nem amizade por outras. Desinteressados de qualquer religião ou sistema político. Podem até se considerar felizes. Para eles a vida só é para ser vivida. Vão matando o tempo, até com um certo desprezo ou mesmo desinteresse. Não aborrecem e não gostam de ser incomodados. Tanto faz ter amigos ou não ter amigos. Deixam o tempo passar. Aparentemente desprendidos, despreocupados.

Pergunta-se porque ocorrem essas modificações emocionais na Terceira Idade? Não existe obviamente uma resposta exata para todas essas variações que o autor cita (ver quadro anteriormente apresentado). Podem ser causadas por vários fatores reais que estão diretamente ligados às variações de humor ou mesmo de desvio/alteração da personalidade. Azambuja (1995, p. 97) afirma que:

(...) a estas condições somam-se o declínio de suas características físicas tais como rugas, cabelos brancos, diminuição da memória e dos sentidos e muitas outras, que unidas à sua marginalização, determinam alterações psíquicas como a perda da confiança, a angústia e a depressão (...).

Na Terceira Idade as pessoas sentem-se incapazes como homens e mulheres após perceberem que seus filhos já saíram de casa. Acreditam que sua missão no mundo está cumprida. Não recebendo incentivo por parte dos mais novos para iniciar outro projeto de vida, a auto-estima e a motivação ficam abaladas, deixando-as, por vezes, sem ânimo para continuar ou reaprender a viver em clima de felicidade.

### 3.3.3 Aspectos sociais

Com a aposentadoria, geralmente ocorre a queda do *status* econômico; em muitos casos também ocorre a diminuição do prestígio social e profissional. Segundo Lorda & Sanches (1995, p. 14):

as pessoas mais idosas são muitas vezes injustiçadas, relegadas e consideradas pouco importantes para a sociedade. Ser velho equivale a estar psico e fisicamente incapacitado, a sofrer perdas mentais, a ser economicamente dependente, a experimentar isolamento social e perda de status social.

As considerações de Lorda & Sanches fazem eco com o pensamento de Zanelli & Silva (1996, p. 26):

Outra idéia difundida diz respeito ao tempo de que se dispõe na aposentadoria. De imediato é ligado ao ócio, ao não fazer, ao deixar a vida correr. O sentimento que é contraposto ao direito de aproveitar o tempo, é o da inutilidade. Revela-se, então, toda positividade que é colocada no ato de trabalhar, mais ou menos intensamente conforme o contexto cultural, classe social ou religião a que se filia a pessoa.

Segundo Penteado (2000, p. 86), o envelhecimento do ser humano e o que isso reflete social, econômica e politicamente; representa “desafios prementes enfrentados por políticos, administradores de empresas, médicos, gerontólogos e educadores do mundo inteiro”.

Continuamente, Penteado (2000, p. 86) que,

As sociedades modernas escondem preconceitos de muitos matizes e perpetuam estas discriminações de forma, muitas vezes, insidiosa, além de alimentar a desvalorização de minorias étnicas, raciais, de sexo e de pessoas idosas. Há falta de informação mais exata sobre a realidade da dimensão social das pessoas idosas no mundo, e tal precariedade de dados dificulta, ou mesmo impede, a formulação de campanhas de conscientização junto à população e a conseqüente implantação de políticas públicas ou privadas mais eficazes para estancar a contínua desqualificação social dos mais idosos.

O presente trabalho visa, a exemplo daquele transmitido pelas principais universidades brasileiras, despertar a população de Terceira Idade, em nível local, para a implantação de um ensino continuado.

Conforme Hutz (1983, p. 63-66),

Outro problema que enfrenta o idoso são os preconceitos em relação à velhice, tanto por parte dele próprio, quanto por parte das pessoas das demais faixas etárias. Os mais comuns são: a rejeição da velhice como se fora uma “doença incurável”, o impedimento de execução de certas atividades tendo como falsa justificativa, apresentada muitas vezes ao velho de uma forma “carinhosa” o fato de “por já ter trabalhado muito, deve descansar”. Estas são algumas das pressões bastante castradoras que fazem com que o idoso reforce sua impressão de ser incapaz. [...] A inatividade é sempre uma forma de parasitismo. É porque o problema gravíssimo do relacionamento dos idosos, é devido, principalmente à interrupção definitiva do trabalho profissional e das atividades físicas e recreativas que os priva do contato diário e interessado com muitas outras pessoas [...].

Nesse mesmo sentido, Brito (1992, p. 6) afirma que “...a idade não significa apenas um espaço de tempo, mas um modo diferente de vida. Na Terceira Idade, surge grande sentimento de inutilidade. O indivíduo sente-se só e marginalizado no contexto social.”

Para Bobbio (1997, p. 12),

A marginalização dos velhos em uma época em que a marcha da história é cada vez mais acelerada, é um dado impossível de ser ignorado. Nas sociedades evoluídas, as transformações são cada vez mais rápidas, quer dos documentos, quer das artes; viraram de cabeça para baixo o relacionamento entre quem sabe e quem não sabe. Cada vez mais o velho passa a ser aquele que não sabe em relação aos jovens que sabem... (...) não devemos considerar apenas o fato objetivo, ou seja, a rapidez do processo técnico. Para aumentar a marginalização do velho contribuiu também, (...) o envelhecimento cultural, que acompanha o envelhecimento biológico e social.

O afastamento da pessoa de Terceira Idade do ambiente de trabalho e a sua conseqüente inatividade, acabam deixando-a isolada do mundo social ao qual estava habituada; também o preconceito em relação ao envelhecimento a inibe de procurar um outro grupo com o qual possa relacionar-se.

Aliados a esses aspectos orgânicos, sociais e emocionais estão as habilidades e dificuldades do indivíduo idoso.

### **3.4 Habilidades e dificuldades genéricas da terceira idade**

Com o passar da idade, ocorrem no ser humano diversas transformações, como visto anteriormente. Muitas são as atividades que antes eram feitas sem nenhuma dificuldade que, com o envelhecimento, não são mais realizadas com o mesmo entusiasmo. Em contrapartida, a pessoa de Terceira Idade desenvolve melhor outros aspectos.

As principais dificuldades resultantes do processo de envelhecimento estão relacionadas com:

- a) Atividades psicomotoras: dificuldade de fazer exercícios de explosão como corrida de velocidade; menos rapidez em exercer atividades como trabalhar dentro de uma fábrica de produtos em série, ou limpar a casa.

- b) Atividades cognitivas: não raro, a memória e a agilidade para resolver problemas com rapidez tornam-se difíceis para uma pessoa da Terceira Idade.
- c) Fatores financeiros: muitas pessoas, ao chegarem à Terceira Idade, não possuem condições consideradas satisfatórias para a sobrevivência. Têm dificuldades para a aquisição de alimentos, remédios, vestuário e moradia. Em casos mais dramáticos, acabam seus dias em asilos, ou, nos casos mais críticos, nas ruas das grandes cidades.
- d) Aspectos emocionais: não recebem, por parte da sociedade e da família, a devida consideração e são alvo de preconceitos. Buscam, em atividades profissionais, a satisfação de se sentirem úteis e/ou viajam para aproveitar a vida e não incomodar ninguém.

Apesar dessas e de outras dificuldades, as pessoas da Terceira Idade desenvolvem algumas habilidades, relacionadas com:

- a) Atividades psicomotoras: pessoas com mais idade estão mais qualificadas para esportes como pescaria, caminhadas de longa distância, limpeza minuciosa de pequenas peças e, até mesmo, a fabricação de dispositivos sensíveis que exigem calma e paciência para a sua industrialização, como a montagem de elementos eletrônicos, miniaturas de carros, aviões, degustação de alimentos e outros (como se o paladar fica menos intenso) como foi dito anteriormente.
- b) Atividades cognitivas: conseguir enxergar toda a complexidade dos assuntos ligados ao ser humano é uma das funções que deve ser melhor desenvolvida dada a sua competência de refletir sobre os problemas e encontrar soluções.
- c) Atividades afetivas: se a pessoa mais idosa da família recebe o devido carinho e atenção, esse retribui afetivamente com o mesmo sentimento. O cidadão aposentado, deste modo também com mais tempo disponível, poderia ser utilizado com grande eficiência em serviços sociais ou no auxílio da educação dos netos. Em muitos lares, já é notada uma mudança de hábito e futuramente o patriarca e/ou a matriarca terão suas qualidades melhor aproveitadas.

Percebe-se que apesar de todas as dificuldades destas pessoas, existem outros aspectos que merecem valorização. No século XXI, a Terceira Idade pode ser encarada de modo diferente. Com certeza, muitos serão os benefícios obtidos com a utilização mais intensa de todo o conhecimento que possui o idoso.

### **3.5 A terceira idade no Brasil: dados demográficos e sociais**

Conforme já comentado e demonstrado, o grupo de pessoas da Terceira Idade está aumentando em todos os países do mundo. No Brasil, a situação não é diferente; nunca tantas pessoas chegaram a atingir mais de 60 anos de vida.

De acordo com dados fornecidos pelo Censo, citados anteriormente, no ano de 2000, o Brasil contava com 14 milhões de idosos, representando 8% da população total. Esse extraordinário aumento está preocupando o governo, principalmente no que se refere à previdência social. Em breve, o número de aposentados será muito maior do que o número de contribuintes, causando um sensível *déficit* financeiro. quando a necessidade urgente de medidas que oportunizam uma melhor qualidade de vida e conseqüente prolongamento da idade para a aposentadoria.

Explica Penteado (2000, p. 86) que

A Terceira Idade não poderá ser confinada em um sistema assistencial inevitavelmente precário. Aos idosos, deve-se dar a oportunidade de oferecer sua disponibilidade, sua experiência, todos os seus talentos e sentimentos em contrapartida à solidariedade à qual têm direito. Será graças a essa reciprocidade que as sociedades poderão conservar ou reencontrar sua unidade, apesar de seu envelhecimento gera.

Além da responsabilidade do governo, a sociedade não pode mais isentar-se da participação no processo de melhoria da qualidade de vida das pessoas de Terceira Idade. Já existem vários projetos para melhor prepará-las, dando-lhes condições e motivos para voltarem a integrar a sociedade e sentirem-se preparadas para o reingresso no mercado de trabalho.

Estudos da Organização Mundial de Saúde apontam a tendência de um crescimento acentuado da população idosa no Brasil, prevendo-se que crescerá 16 vezes, considerando a projeção de 1950 a 2025. O Brasil passará, então, segundo estimativas da ONU, a ser o país mais envelhecido da América Latina, com o maior contingente populacional de pessoas da Terceira Idade.

Na década de 80, esse grupo de indivíduos somava 8 milhões de pessoas; já em 1991 eram 10,7 milhões e deverão ser 32 milhões em 2025. Números impressionantes, pois, no início deste século, apenas 575 mil pessoas haviam atingido 60 anos. Neste sentido a nação brasileira destaca-se no cenário social e político internacional.

Segundo preliminar da pesquisa do Censo Demográfico de 1991, divulgada no Anuário Estatístico do Brasil (ANUÁRIO, 2003), a população de Terceira Idade brasileira em 1991, era de 4.903.468 homens e 5.772.041 mulheres, somando, aproximadamente, 10,7 milhões, assevera Furtado (1997).

Com relação à expectativa de vida média, no Brasil, para ambos os sexos, era em 1980, de 63,5 anos, devendo aumentar para 72,1 anos no ano 2.000 com a perspectiva de atingir 75,3 anos no ano 2.025, é ainda Furtado que escreve (1997).

Conforme Veras e Camargo Jr. (1995, p. 11), para o ano de 2025, os habitantes com 60 anos ou mais comporão, numa estimativa realista, um contingente de 31,8 milhões de pessoas, o que situará o Brasil como o sexto país do mundo em termos de massa de pessoas de Terceira Idade.

Para construir a história das mudanças numéricas na população da Terceira Idade, foi desenvolvido, recentemente, um modelo de quatro etapas, consoante Furtado (1997). A primeira etapa é anterior à transição demográfica: a combinação de altas taxas de mortalidade e fecundidade determinaram uma estrutura etária da população onde predomina a população mais jovens.

A segunda etapa começa com o declínio da mortalidade e a alta da fecundidade e o conseqüente crescimento da população. No início dessa etapa verifica-se, um rejuvenescimento dada a diminuição da mortalidade infantil. Com o passar do tempo, a idade dessas crianças aumenta formando uma espécie de "onda" que provocará, mais adiante, um aumento gradativo das taxas de crescimento dos outros grupos etários.

A terceira etapa começa com a queda da fecundidade, o que diminui o ritmo de crescimento da população jovem, e, conseqüentemente, provoca um aumento numérico de pessoas idosas.

Na quarta etapa, a taxa de fecundidade fica próxima a 2,1 filhos por mulher (nível de reposição). Nessa etapa a mortalidade continua caindo, provocando um progressivo aumento na taxa de envelhecimento da população.

Cronologicamente, pode-se descrever a transição demográfica no Brasil da seguinte maneira: na década de 30, as doenças infecciosas e parasitárias constituíam quase a metade das causas de óbitos nas capitais brasileiras; a partir de 1940, a taxa de mortalidade cai rapidamente dado o advento dos antibióticos, de melhorias no saneamento básico e de uma maior conscientização da população quanto às medidas de higiene, o que resulta na baixa da mortalidade infantil.

No entanto, a mortalidade aumentou nos grupos etários mais velhos devido, principalmente, à algumas doenças crônicas e degenerativas; esses aumentos atingiram mais os homens. A longevidade maior das mulheres deve-se à redução das complicações e do peupério nos partos.

Outro componente da transição demográfica é a queda da fecundidade, que começa em ritmo rápido na década de 60 e, em 30 anos, reduz a taxa de fecundidade de 6, 28 para 2, 9 filhos por mulher. Devido à redução da fecundidade houve uma queda na natalidade.

Com relação às imigrações para o Brasil, não foram significativas entre 1940 1990. O crescimento populacional ocorreu principalmente devido à diferença entre as taxas de natalidade e de mortalidade, caracterizando o que se denomina de crescimento vegetativo. Esse crescimento chegou a ser próximo a 3% ao ano na década de 60 baixando para 1, 8%, em 1990.

Na década de 80, quando a natalidade se aproximou da mortalidade, num nível mais baixo, houve uma desaceleração no ritmo de crescimento dos grupos mais jovens, mas a população idosa (mais de 60 anos) continuou crescendo em proporções mais elevadas que os outros grupos de idade. Assim, enquanto a população com menos de 20 anos cresceu 12% de 1980 a 1991, a população de Terceira Idade cresceu 46%, conforme Furtado (1997).

Estima-se que a partir de meados do século XXI, a população brasileira com mais de 60 anos será maior que a de crianças e adolescentes com menos de 14 anos, diz Goldstein (1999).

Uma visão mais abrangente do perfil das pessoas que compõem a Terceira Idade no país, pode ser observada na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Informações sobre o contingente nacional da Terceira Idade - 60 anos de idade ou mais

Característica	Distribuição	Frequência
Rendimento familiar <i>per capita</i> (RFPC)	Menos de 1	67,0
	De 1 a 2	16,9
	De 2 a 3	6,2
	De 3 a 5	4,7
	De 5 a 10	3,6
	10 ou mais	1,6
Educação (anos de estudo)	S/ instrução / menos de 1	49,5
	1	5,3
	2	7,3
	3	8,6
	4	14,7
	5 a 8	8,6
	9 a 11	3,8
	12 ou mais	2,2
Participação	Homens	47,5
	Mulheres	10,9
	Total	27,6
Agricultura	Homens	47,9
	Mulheres	25,8
Indústria Transformação	Homens	8,9
	Mulheres	6,5
Indústria Construção	Homens	5,8
	Mulheres	-
Outras Indústrias	Homens	1,0
	Mulheres	0,1
Comércio Mercadorias	Homens	10,5
	Mulheres	7,6
Prestação de Serviços	Homens	10,7
	Mulheres	13,0
Transp. / Social / Ad. Pública	Homens	10,7
	Mulheres	12,0
Outras	Homens	2,2
	Mulheres	-

Fonte: COSTA (1993, p. 16).

Com base na Tabela 1, com os dados levantados no ano de 1993, pode-se perceber que a maioria das pessoas recebe menos de um salário mínimo, quase a metade não tem instrução ou possui apenas um ano de estudo. Metade dos homens e quase 11% das mulheres ainda trabalham, a maioria, na agricultura. São em sua maioria pessoas de pouca instrução, que trabalham por um salário mínimo que apenas um permite sobreviver.

De acordo com o IBGE, no período de 1986 a 1996, a taxa de participação dos homens da Terceira Idade no mercado de trabalho passou de 28,5% para 38, 8% e das mulheres de 5,6% para 14%. Estes estudos vêm demonstrar que os aposentados têm uma significativa participação na população economicamente



ativa. E, de acordo com os dados pesquisados no ano de 1996, 79% continuam trabalhando paralelamente à aposentadoria. A sua renda total neste ano referencial, contribuía na renda dos familiares em torno de 44%. Observa-se, pois, que o número de pessoas de Terceira Idade no Brasil vem crescendo e têm procurado sobreviver, permanecendo produtivas, ainda que com baixa remuneração.

### **3.6 A política nacional do idoso**

Existem muitas considerações a serem feitas sobre as principais dificuldades que enfrentadas pela Terceira Idade quanto aos seus direitos constituídos e sobre os ainda a serem conquistados.

A Constituição Brasileira optou pelo termo idoso para as pessoas da Terceira Idade; neste trabalho utilizar-se o termo Terceira Idade, considerando o estigma ou preconceito acoplado ao termo idoso.

Grinberg (1999, p. 119), observa que

A constituição de 1988, dispensa o idoso, com mais de 70 anos de idade, da obrigação de votar. Não incidirão no Imposto de Renda, os proventos da aposentadoria do idoso com mais de 65 anos. Garante um salário mínimo ao idoso sem outros meios de subsistência. A Família, o Estado e a Sociedade têm o dever de amparar o idoso. Assegurando a sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar, e garantindo seus direitos à vida. O programa de amparo aos idosos será executado, preferivelmente em seus lares. Aos maiores de 65 anos, é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos, em diversas cidades.

Em seu artigo vinte e nove, contando com a família para o atendimento ao idoso, Grinberg (1999) complementa se pensamento ao afirmar que os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores; e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

A Lei n. 10.173 de 9 de janeiro de 2001, que veio a alterar o Código do Processo Civil Lei n. 5.869 de 11 de janeiro de 1973, em seu artigo 1.211-A, institui o benefício da prioridade de tramitação dos processos judiciais das pessoas com idade igual ou superior a sessenta e cinco anos:

O direito que o idoso possui de ter um processo seu a ser julgado por preferência de idade, ou seja, dar prioridade de tramitação aos procedimentos judiciais. O artigo primeiro, da Lei n. 8.842 de 4 de janeiro de 1994, que trata dos direitos do idoso, diz

que: “a Família, a Sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo a sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”.(BRASIL, 1996) Inciso III: O idoso é um cidadão como outro qualquer com direitos e deveres e deve ser respeitado e, na ocorrência, de preconceito de qualquer tipo, deve recorrer às autoridades competentes.

No momento estão sendo feitos uma série de estudos visando alterar a legislação existente. O interesse dos parlamentares está intimamente ligado à necessidade de alterações principalmente no que se refere à Previdência Social para torna-la mais digna para a Terceira Idade.

Assim, pode ser dito que o cidadão possui o direito de se aposentar por tempo de serviço, 30 anos para mulheres e 35 para os homens, mas que, em um futuro não longínquo, o direito dantes conquistado será suprimido, como parte da tendência mundial a privatização, pois não existem condições financeiras suficientes para garantir o pagamento aos inativos que, nas próximas décadas aumentarão em grande proporção.

A legislação que versa sobre a Política Nacional do Idoso<sup>2</sup>, está condensada na Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. No capítulo I, esta lei trata, nos artigos primeiro e segundo, do objetivo da Política Nacional dos Idosos assegurar os direitos sociais do idoso.

Cabe salientar também o que está disposto no Capítulo II - Dos princípios e das diretrizes. O artigo terceiro reza que o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza; que o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através da política do idoso.

Na seção III, do Capítulo II o artigo quarto e seus incisos versam sobre a viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações. Na participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos e na

---

<sup>2</sup> A referida política está sob a coordenação do Ministério da Previdência e Assistência Social, juntamente com os Ministérios da Cultura, Educação e do Desporto, Justiça, Saúde e Trabalho, Planejamento e Orçamento (por intermédio da Secretária de Política Urbana), do Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto e do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (por intermédio da

capacitação reciclagem dos recursos humanos nas áreas de Geriatria e Gerontologia e na prestação de serviços e outros.

A Presidência da República, através da Subchefia para Assuntos Jurídicos, aprovou o Decreto Federal n. 1.984, de 3 de julho de 1996, que regulamenta a Lei Federal n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. No uso de suas atribuições o Presidente decreta:

Artigo 15º - Ao Ministério da Previdência e Assistência Social, pelos seus órgãos, compete:

Promover a capacitação de recursos humanos para atendimento ao idoso; Parágrafo único: para viabilizar a capacitação de recursos humanos, os ministérios poderão firmar convênios com instituições governamentais e não-governamentais, nacionais, estrangeiras ou internacionais;

Promover eventos específicos para discussão das questões relativas à velhice e ao envelhecimento;

Inciso IV: coordenar, financiar e apoiar estudos, levantamentos, pesquisas e publicações sobre a situação social do idoso, diretamente, ou em parceria com outros órgãos. (BRASIL, 1996)

A Lei n. 8.842, no capítulo IV, das ações governamentais, artigo 10, que trata da área de promoção e assistência social diz que se deve: “prestar serviços e desenvolver ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas do idoso, mediante a participação das famílias, da sociedade e de entidades governamentais e não-governamentais”.(BRASIL, 1996)

O mesmo capítulo, no inciso I, na área da promoção e assistência social, diz que deve-se “promover simpósios, seminários e encontros específicos”.(BRASIL, 1996) No inciso II que enfoca a saúde, diz que: “deve-se garantir ao idoso a assistência à saúde mediante programas e medidas profiláticas”.(BRASIL, 1996) Já o inciso III, que trata da área da educação, preconiza que se deve: alínea a) “adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso” (...); alínea b “inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e produzir conhecimentos sobre o assunto” (...); alínea f: “apoiar a criação de universidades abertas para a Terceira Idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber”. E, finalmente, o inciso IV, referente à área

de trabalho e previdência social, garante “mecanismos que impeçam a discriminação do idoso quanto a sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado”.(BRASIL, 1996)

No referente às garantias do desenvolvimento de atividades produtivas, o artigo 4º, inciso IV, sugere a implantação de “oficina abrigada de trabalho: local destinado ao desenvolvimento pelo idoso, de atividades produtivas, proporcionando-lhe a oportunidade de elevar sua renda, sendo regida por normas específicas”.

O Decreto n. 1.744, de 8 de dezembro de 1995, regulamenta o benefício de prestação continuada devido à pessoa portadora de deficiência e ao idoso de que trata a Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Nesta Lei, no Capítulo I, Do benefício de prestação continuada e do beneficiário, o artigo 1º preconiza: “o benefício de prestação continuada previsto no artigo 20 é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso, com setenta anos, ou mais, que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família”.

No Brasil a política nacional do idoso é de real importância, considerando que o número de pessoas de mais de 60 anos está aumentando. Constituíam 4, 7% da população em 1960, que passou para 6% em 1980, 7% em 1991 e 8, 6% em 2000, há projeções de crescimento significativas para 2001.

A Política Nacional do Idoso deve estar atenta e atualizada, para estabelecer procedimentos que atendam às necessidades dos indivíduos da Terceira Idade.

### **3.7 Novas perspectivas para a terceira idade**

Freire (1969, p. 28) assinala que “O ato de liberdade mais sublime e revolucionário do homem, transformado em sujeito social, é emitir a crítica, propor soluções e responsabilizar-se pelas conseqüências de ambas as ações”.

Em países como o Japão, o conhecimento e a sabedoria dos ancestrais é milenarmente valorizada. Não é raro que um conhecimento sobre clima, medicamentos ou arte marcial seja ensinado às crianças por suas avós. Nos países orientais, em especial, os mais velhos têm papel fundamental com a educação dos jovens e essa capacidade é cultuada e respeitada. No Japão, o idoso não é inativo; é o ativo instrutor dos mais jovens.

Na sociedade tradicional, o conhecimento não tinha que passar por uma reciclagem para ser transmitido as gerações seguintes. Hoje o conhecimento, para ser transmitido, exige uma nova atitude como aparece no relato a seguir:

É Abranches (1998, p. 40) que coloca:

O pessoal maduro está cada vez mais ativo. É o que mostra um levantamento feito pela Associação Americana de Aposentados: pessoas com mais de 60 anos continuam muito interessadas em aprender coisas. Foram ouvidos mais de mil entrevistados, dos quais 62% disseram que gostariam de se aprofundar em seus *hobbies* favoritos. "Ter interesse em coisas novas faz muito bem à saúde", afirma o geriatra Luiz Eugênio Leme, da Universidade de São Paulo. "Tanto que se sugere a quem tem problemas de memória que estude línguas", exemplifica. No entanto de acordo com os participantes do estudo, o que serve de motivação para o aprendizado é a necessidade de estar por dentro de tudo o que se passa no mundo.

A partir disto, percebe-se que a capacidade das pessoas da Terceira Idade para assimilar uma abordagem interdisciplinar de um tema como a inserção em atividades produtivas tem que enfatizar o conhecimento e o saber fazer que elas possuem e que precisam ser valorizados.

Neste sentido, faz-se necessário um "aumento da pesquisa e teorização da área em busca do potencial de desenvolvimento da velhice, na perspectiva de otimização das capacidades latentes nesta fase da vida" diz Baltes (*apud* PENTEADO, 2000, p. 79).

Atualmente, em todo o mundo, grupos de Terceira Idade demandam atividades alternativas, como passeios, viagens, novos trabalhos, atividades em universidades, uma forma de enfrentar a nova fase da vida e não ficar à margem da sociedade.

Continuando a sua fala, Penteado (2000, p. 90), diz que:

Uma primeira idéia para os que chegam a idade de aposentar-se: **aprender** [grifo próprio]. Para estes eternos estudantes, existem pelo mundo mais de 1.700 universidades da Terceira Idade (...). Estas universidades têm estruturas e funcionamento diferentes de um país a outro, mas procuram realizar o mesmo objetivo: colaborar com os idosos, os aposentados a se manterem como verdadeiros atores culturais e sociais.

Diz Furtado (1997), que quanto às limitações do corpo, provindas do avanço da idade, a atividade física bem orientada proporciona benefícios ao aparelho locomotor, cardiovascular e respiratório, e retarda outros processos de envelhecimento. Também melhora as condições psicológicas do indivíduo, pois,

além de dar mais vigor físico, saúde, e bem estar liberando as energias, a atividade física aparece como a grande aliada para proporcionar a integração social e fortalecer a auto-estima, o auto conceito e a autonomia.

O ditado popular diz que a vida começa aos 40. É acreditando nisso que a cada dia mais pessoas deixam de lado a vergonha e o preconceito e passam a buscar uma melhor qualidade de vida na Terceira Idade. Já é comum encontrar idosos em academias de ginástica; alguns estão atrás de perder uns quilinhos, porém a maioria procura assegurar uma boa saúde. Eles buscam atividades físicas que trabalham a capacidade motora, aliviam as dores e promovem o relaxamento. O objetivo é não deixar que os problemas da idade, como artrites e reumatismos, os impeçam de desempenhar a rotina. A ginástica, o yoga e o alongamento são as atividades mais procuradas confirmam Schettino e Spitz (2000, p. 50).

As pessoas estão se acostumando com a idéia de que a vida não termina com a chegada da velhice; cria-se uma nova imagem para a Terceira Idade, deixando para trás aquela figura do velho isolado, frágil e problemático.

Deste modo, o papel das universidades de Terceira Idade é desenvolver trabalhos para a população de Terceira Idade promover pesquisas visando à produção de conhecimentos acerca do processo de envelhecimento, formar profissionais na área de gerontologia e ergonomia; estudar a prevenção e promover a integração das gerações.

O grande desafio atual é ampliar esses estudos para que a população idosa possa viver em plenitude, de maneira saudável, independente e até produtiva. A sociedade tenderá a se beneficiar com a experiência profissional dos mais velhos.

O dilema dos profissionais da educação de Joinville com interesse em se dedicar ao ensino da Terceira Idade é o de viabilizar a motivação para o reingresso destas pessoas a retomar os seus estudos.

## **4 A UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE E SUAS ORIGENS**

### **4.1 Aspectos históricos**

No Brasil, o número de alunos com mais de 50 anos cresceu nos últimos anos. Homens e mulheres com experiência de vida e muita história para contar aos colegas estão encontrando ou reencontrando o caminho do conhecimento acadêmico. Nos corredores e salas de aula de faculdades e universidades, pessoas de cabelos grisalhos se misturam com os jovens, egressos dos colégios, para buscarem a primeira ou a segunda formação superior, como uma alternativa profissional ou apenas com o intuito de atualização. O número de matrículas nas universidades abertas à Terceira Idade, em vários estados do país, registram essa realidade.

Outro fator que vem influenciando a busca de escolaridade superior está relacionado às mudanças na economia mundial. A competitividade não é mais local mas, global, o que exige a atualização. "Minha intenção não é atuar no mercado como advogado, mas me aprimorar no meu ramo de atividade", afirma o empresário Paulo Coelho, de 39 anos, estudante do quinto período de Direito, da UNIVALI.

O coordenador do processo seletivo e professor do curso de Design da UNIVILLE, José Carlos Iwaya, informa que os alunos com idade superior a 45 anos são os mais interessados, apesar de enfrentarem dificuldades na fase inicial. "As notas mais elevadas são as deles. A evasão também é muito pequena. Estas pessoas já sabem o que querem, são bem realistas e investem bastante", comentou o professor.

Entre a população mais velha, observa-se uma crescente demanda pela educação continuada e pelo o acesso à educação superior. É a conscientização da necessidade de lutar pelos seus direitos e vencer a competitividade. A criação de um elevado número de universidades da Terceira Idade, em varias regiões do país, reflete esse processo.

A Gerontologia é favorável à participação das pessoas de Terceira Idade na vida social. O principal argumento assenta na competência do idoso de se preparar para uma velhice com qualidade que se apoia nos contatos sociais, na troca de experiências e de conhecimentos.

As primeiras experiências e estudos relacionados ao tema da Terceira Idade surgiram na França e nos Estados Unidos, nos anos 70, coincidindo com a intensificação do processo de envelhecimento populacional e estabilidade econômica. Os modelos e denominações criados nestes países difundiram-se em poucos anos por todo o mundo, contribuindo para a sua institucionalização.

O estadista e inventor norte-americano Benjamin Franklin foi um dos precursores na criação de atividades educacionais para adultos e idosos nos Estados Unidos.

Na Filadélfia, em 1727, ele formou um grupo composto de 12 pessoas denominado *Junto*. Durante 30 anos esse grupo encontrou-se semanalmente para discutir problemas relacionados à sociedade e à comunidade.

Na França, nos anos 50 e 60, o aumento da longevidade e da população idosa deu origem a várias atividades educacionais alternativas para atender pessoas recém -aposentadas. É francesa, inclusive, a denominação *Terceira Idade*, com referência à etapa de improdutividade no curso da vida.

Nos anos 70, as universidades da Terceira Idade entraram na segunda geração de atividades educacionais; nos seus currículos enfatizaram o desenvolvimento de a preparação dos idosos para uma participação ativa na sociedade.

A terceira geração das universidades francesas da Terceira Idade surgiu nos anos 80 e preocupou-se em desenvolver um currículo adaptado às necessidades educacionais de um segmento populacional que estava se aposentando cada vez mais cedo.

Na China, desde o fim da revolução cultural, os governantes consideraram a educação a melhor forma de ajudar os mais de 100 milhões de idosos chineses que deveriam se adaptar às mudanças sociais. Dentre os programas, destacou-se uma rede de 400 universidades para idosos, que promovem atividades acadêmicas para 470 mil estudantes na faixa etária acima de 50 anos.

No Uruguai, a Universidade Aberta do Uruguai - UNI-3 - foi criada em 22 de abril de 1983. Esse programa é o pioneiro na América Latina. Sua característica de ensino é não-formal, intergeracional e fundamentada na educação permanente. Sua finalidade essencial consiste em preparar o idoso para ser, participar, contribuir para o desenvolvimento da comunidade, dar e receber, tomar decisões, cultivar novas amizades, viva uma vida plena, digna e harmoniosa.



Os princípios básicos dessas universidades mantêm-se inalteráveis ainda hoje e consistem em proporcionar aos mais velhos a possibilidade de conviverem de maneira salutar e útil com as gerações mais novas.

O movimento das Universidades da Terceira Idade alastrou-se rapidamente pela Europa, chegando a Portugal em 1976, quando o Dr. Herbert Miranda fundou a Universidade Internacional da Terceira Idade de Lisboa. Na América do Sul chegou os anos 80 marcaram o início das Universidades da Terceira Idade.

Embora mantendo um objetivo básico, as Universidades de Terceira Idade (UTI's) organizaram as suas atividades de diferentes formas, de acordo com o país de origem mas, todas dão primazia ao conhecimento cultural e científica. As aulas são complementadas com atividades recreativas, como o teatro, corais, grupos de dança e ginástica, pintura e passeios. Funcionam, basicamente, como ensino superior e ou como ensino informal.

Na Espanha as UTI's estão principalmente ligadas a universidades tradicionais como a Universidade de Salamanca e a Universidade de Toledo; a frequência a esses cursos se dá com horários e apropriados para o sua público. Além dos cursos superiores, devidamente realizam, também, cursos de curta duração ou cursos de verão.

Na França e na maioria dos países europeus as UTI's funcionam como um espaço alternativo de aprendizagem, sem finalidade de certificação. O Ministério da Educação deste país permite o uso da denominação "Universidade" mas não em cabe conceder certificados ou grau acadêmico (DL nº 252/82 de 28 de Junho). Elas funcionando fora do sistema escolar, e mantem fiéis aos princípios básicos da aprendizagem informal. A maioria trabalha com professores voluntários embora haja exceções, o que resulta no esclarecimento de mensalidades mais elevadas. Existem atualmente 33 UTI's com mais de 5000 alunos, sendo as maiores a Universidade de Lisboa da Terceira Idade (ULTI) e a Universidade do Autodidata e da Terceira Idade do Porto (UATIP), com 630 e 500 alunos respectivamente. Elas utilizam a denominação de Universidades ou Academias de Cultura, estas últimas ligadas às Santas Casas da Misericórdia. A maior é Leiria, com 500 alunos. Santa Maria da Feira e Oeiras têm menos alunos é a de Lisboa, com 500 alunos.

As universidades de Portugal desenvolvem atividades paralelas como teatro, jograis, canto, cerâmica, rendas e bordados, *thai-chi*, música, etc, e algumas têm

revistas e publicações regulares: *Arvore do Saber* – da ULTI ou Terceira Dimensão, da UATIP.

Em 27 de Novembro de 1998 foi criada a Federação Portuguesa das Universidades, Academias e Associação para a Terceira Idade - FEDUATI.

## 4.2 Universidades da terceira idade no Brasil

O Brasil já despertou para a Terceira Idade. No início da década de 1970, sob a influência dos programas franceses, foram criadas as Escolas Abertas para a Terceira Idade, com a finalidade de oferecer informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, programas de preparação para a aposentadoria e atualização cultural. De acordo com Ploner e Sais (2000, p. 37):

Essa proposta vem para o Brasil em 1977, quando é fundada a primeira Escola Aberta para a Terceira Idade no Serviço Social do Comércio (SESC). Nos anos 80, timidamente algumas universidades acolhem esse projeto, que se espalha pelo país na década de 90. Têm início vários programas, com diferentes enfoques e objetivos. (...) Estas universidades para a Terceira Idade surgem embasadas na *teoria da atividade*, que afirma que os idosos desejam contatos sociais, mas são tolhidos por fatores físicos e sociais.

É emocionante visitar uma universidade e encontrar alunos de 50, 60, e até 85 anos, lado a lado com os jovens estudantes. Já se foi o tempo em que universidade era lugar só de cabeças novas, simbolizando o futuro. Hoje, pais e avós também freqüentam as salas de aula e às vezes podem até se encontrar em uma mesma sala.

Do total dos três milhões de estudantes do ensino superior no Brasil, no ano de 2001, 11 mil são novas matrículas de alunos com 50 anos ou mais, conforme apurou o Censo da Educação Superior em 1999. Entre 2000 e 2001, as matrículas de estudantes nessa faixa etária cresceram 23%, em relação aos 17% da média nacional no período. A faixa etária dos 40 aos 49 anos apresentou um crescimento de 22% (Os dados relativos a 2002 ainda estão sendo contabilizados).

A solidão, a falta de convívio social e até a vontade de voltar ao mercado de trabalho apresentam-se como importantes motivos para retomar a educação. Em Santa Catarina e, mais especificamente em Joinville, número de pessoas interessadas ainda é pequeno.

O Censo do Ensino Superior feito pelo Ministério da Educação (CENSO, 2003) revela que apenas 5% dos 2,7 milhões de alunos matriculados têm mais de 40 anos. Os dados revelam ainda que, de 1.035.750 ingressantes no ensino superior em 2000, apenas 8.709 têm mais de 50 anos, sendo 5.439 de 50 a 54 anos, 1.633 de 55 a 59, 462 de 60 a 64, e 1.175 alunos acima de 65 anos.

Esse pequeno número se explica das as barreiras que ainda impedem alguém acima de 50 anos de se matricular no ensino superior. O fato de ter que enfrentar um vestibular, concorrendo com candidatos bem mais jovens e atualizados afasta as pessoas mais velhas da instituição pública. Resta a alternativa de procurar a rede de ensino privado, mas o valor da mensalidade, cada dia mais alto, torna-se um obstáculo intransponível. O que fazer então?

### **4.3 A criação de universidades abertas para a terceira idade**

A experiência da educação sistematizada para adultos no Brasil, até 1970, se limitava aos programas de alfabetização, originários de movimentos populares, como as comunidades eclesiais da igreja católica e os sindicatos dos trabalhadores. (CACHIONI, 1999) Nessa época, o governo militar, que era contrário a esses movimentos, criou o Movimento de Alfabetização-Mobral, que não atingiu resultados significativos e foi extinto em 1970.

A possibilidade de cursos especialmente voltados à educação de adultos só surgiu a partir de 1971, com a implementação legal do ensino supletivo. Apesar do objetivo inicial de ensinar à população adulta, o programa acabou atingindo também os jovens e idosos que ansiavam por uma oportunidade de concluir o ensino formal.

A primeira experiência brasileira de educação para os adultos e idosos foi implementada pelo Serviço Social do Comércio (SESC). Os grupos de Convivência surgiram na década de 1960, com a mesma metodologia de serviço social e desenvolvimento da sociabilidade que era usada para crianças, jovens e adultos. Sua programação foi elaborada com base nos programas de lazer, destinados ao preenchimento do tempo livre. Neste ano de 2003 o SESC completa 40 anos de atendimento ao idoso.

No início da década de 1970, sob a influência dos programas franceses, foram criadas as Escolas Abertas para a Terceira Idade, que exigiam um público com

melhor qualificação educacional e tinham a finalidade de oferecer informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, programas de preparação para a aposentadoria e de atualização cultural.

Ao longo de sua história, as universidades da Terceira Idade conciliaram programas de lazer e programas educativos: pesquisas visando à produção de conhecimentos acerca do processo de envelhecimento, de formação de profissionais para atuar na área de gerontologia; de prestação de serviços preventivos da saúde de integração entre gerações.

É recente, no Brasil, a admissão de adultos e idosos nas universidades para experiências educacionais desvinculadas da programação clássica dessas instituições: formação profissional de 3º grau, pesquisa e extensão. As universidades da Terceira Idade incluíram na sua missão a prestação de serviços à comunidade na qual está integrada.

Até a década de 70, poucas pessoas, ou melhor, ninguém aceitava que pessoas dos 50 anos voltassem a estudar se houvesse condições para tanto. O pioneiro da Universidade da Terceira Idade com as novas características foi o pedagogo francês Pierre Vellas, que, em 1973, criou a Universidade da Terceira Idade, em Toulouse. Rapidamente a idéia de Vellas começou a ser divulgada para outros países da Europa e América Latina.

Os brasileiros demoraram para reconhecer a validade da idéia e somente a partir da década de 90, começaram a surgir as Universidades da Terceira Idade. Hoje, são mais de 150, espalhadas pelo País, na maioria criadas pelas instituições de ensino.

Na PUC-SP, o programa existe desde 1991 com o nome de Universidade Aberta à Maturidade. Funciona com cerca de 360 alunos, distribuídos em 12 classes. Não foi estabelecida uma idade mínima para o ingresso, mas a preferência é por alunos acima de 50 anos.

Outra que também oferece esse tipo de ensino é a Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), que hoje tem 300 alunos matriculados na Universidade Livre da Terceira Idade, criada em 1998.

Nas duas instituições, duas vezes por semana os alunos assistem, a aulas de diversas disciplinas, adequadas aos padrões desta geração. Tanto na PUC-SP quanto na Metodista-SP, não há uma exigência de escolaridade para ingressar no curso; basta saber ler e escrever. A Metodista ainda acrescentou uma como

entrevista critério para a seleção; a PUC dada a demanda, não estabeleceu formalidade para a aceitação.

Não é raro um aluno terminar um curso de Terceira Idade e tentar continuar os estudos. Das 12 classes da PUC, sete estudantes continuaram na universidade para fazer cursos de aperfeiçoamento.

É o caso de Ignez Ribeiro, 69 anos, há dez anos na PUC e que não pretende deixar a universidade tão cedo. "A sala de aula acaba virando uma família e não dá vontade de abandoná-la", diz.

Na Metodista-SP, o aluno, ao concluir o curso, recebe um certificado de "Agente Social". Segundo a coordenadora da universidade, Rita Russo, 50 anos, muitos dos alunos vão trabalhar como voluntários em hospitais, creches, asilos, entre outras instituições assistenciais.

As mulheres são maioria nas salas de aula, apesar de já se verificar um crescimento do número de homens matriculados. Francisco de Paula Brandão, 84 anos, aposentado há 28 anos, é o aluno mais velho da Metodista-SP. Ele pensa em, voltar ao mercado de trabalho como voluntário para ocupar o tempo.

Um dos objetivos de quase todos alunos é aproveitar a universidade para preencher o tempo ocioso, reconquistar o convívio social e, quem sabe, ter uma nova oportunidade no mercado de trabalho. É o caso de Ivone Sgambatti, 57, da PUC-SP. Aposentada como assistente social, Ivone ainda exerce a profissão e diz que quer se atualizar para melhorar seu desempenho no mercado de trabalho. A aposentadoria de R\$ 700,00 e a solidão em casa fizeram Maria Celi Guimarães, 67 anos, procurar a Universidade Metodista-SP para retornar os estudos. "Quero voltar a trabalhar", diz ela, que é formada em Contabilidade.

A geriatra e gerontóloga Alda Ribeiro, 43 anos, acredita que os projetos das universidades ajudam os idosos refletir sobre o papel de cada um na sociedade. "É o momento de eles tomarem conscientização do valor e do poder que possuem", diz ela, que também é professora do curso da PUC-SP. "A mudança na cabeça destas pessoas pode desencadear uma alteração no conceito que a sociedade tem em relação a essa faixa etária, que, na maioria das vezes, é deixada de lado", ressalta Alda, professora da PUC, autora de três livros sobre a Terceira Idade.

O coordenador da Universidade Aberta à Terceira Idade, Fauzzi Saadi explica que a PUC-SP não objetiva profissionalizar o idoso, dando-lhe um certificado de conclusão. "Não há uma formação. Apenas queremos tornar os idosos vivos plenamente". Maria Celi, de 67 anos, diz que pretende continuar estudando até o fim da vida.

Já na Universidade de São Paulo - USP, o propósito é oferecer ao idoso a oportunidade de conviver com os alunos dos cursos de graduação. Estabeleceu como requisito que o interessado deve ter a idade mínima de 60 anos e deve escolher as disciplinas em que queira se matricular.

A Universidade de São Paulo - USP estruturou o projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade em 1993, visando integrar o idoso no seio da comunidade acadêmica; conscientizá-lo da importância de seu papel na sociedade como elemento de equilíbrio social; trazer à comunidade acadêmica jovem a experiência do idoso como uma forma de enriquecimento e valorização da vida; ampliar o papel social da universidade, tornando-a elo de ligação entre o idoso e a sociedade. Podem ingressar na Universidade todas as pessoas com idade mínima de 60 anos.

Constatou-se, no segundo ano de existência, que os idosos, de acordo com o testemunho dos docentes, enriquecem o nível das classes, na medida em que trazem para as salas de aula os valores inestimáveis de sua experiência e de sua memória, afirma Penteado (2000, p. 90). O mesmo autor ainda diz que:

Dentre seus objetivos podemos destacar: integrar o elemento idoso no seio da comunidade acadêmica; conscientizar o elemento de Terceira Idade da importância de seu papel na sociedade como elemento gerador de "equilíbrio social"; trazer à comunidade acadêmica jovem a experiência do idoso como forma de enriquecimento e valorização da vida; e ampliar o papel social da Universidade, tornando-a um elo de ligação entre o elemento idoso e as instituições e os serviços a ele voltados. (...) Outras universidades públicas e privadas, como a própria Universidade São Judas Tadeu, estão desenvolvendo estes projetos culturais e acadêmicos, no Estado de São Paulo e em outros estados, contribuindo assim, para mudanças de qualidade na relação Universidade/Sociedade e desenvolvendo, em melhor nível, a valorização da cidadania. (PENTEADO, 2000, p. 90)

A iniciativa tomada pelas universidades promove a valorização da capacidade e do conhecimento dessas pessoas e oferece ao grupo da Terceira Idade uma nova expectativa em relação à vida, não só de convivência com o grupo da universidade, mas de uma real integração na sociedade como um todo.

De acordo com Ploner e Sais (2000, p. 41):

(...) para as pessoas que participam da universidade, essa não pode ser experienciada como a única alternativa para convivência gratificante ou para viver essa etapa da vida com satisfação e alegria (...) mas deve ser, sobretudo, o lugar em que as pessoas que estão ali, reflitam sobre seu 'papel' na comunidade, sua condição existencial, seu processo de envelhecimento e as condições em que as pessoas estão vivendo a velhice, suas determinações e possibilidades de transformações da atual estrutura vigente.

Nas universidades de Terceira Idade, o conflito de gerações entre alunos e professores com certeza será inevitável. Um professor, na faixa dos 30 a 40 anos, ao explicar as guerras do século 20, tem que considerar que em sua sala estão alunos que conviveram com os conflitos e possuem um conhecimento temporal muito diferente dos docentes. Isso dá causa a um diálogo muito interessante do ponto de vista cognitivo, pois o conhecimento que os alunos têm de uma guerra é certamente diferente daquele de um professor que só conhece os fatos históricos através de livros e filmes. Podem vir a concluir que a visão de quem vivenciou o fato e de quem estudou o assunto através de depoimentos, apresenta características diversas.

"É fascinante essa troca de experiências. As diferentes histórias de vida de cada um e o interesse destas pessoas dão uma satisfação especial ao professor", diz Neuza Alegria, 53 anos, socióloga e professora do curso da Universidade Metodista. Ex-docente de cursos de graduação, Neuza diz que sente poucas saudades dos alunos mais jovens. "Há uma ingenuidade e heterogeneidade nos cursos de graduação em razão da formação escolar muito parecida entre os jovens. Já na Terceira Idade, há muitas diferenças na formação e na vivência", explica.

A costureira Anna Ferreira do Prado, de 80 anos, pintou no rosto a palavra "bicho", Como caloura de 2003 do curso de Letras da PUC. Anna começou a estudar há dez anos, no supletivo da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, fez cursinho alternativo durante um ano e conseguiu ser aprovada no vestibular, na terceira tentativa.

No caso de Anna, o desafio é conseguir ajuda financeira para pagar a mensalidade do curso de Letras, três vezes maior que o valor da aposentadoria que recebe, de R\$ 200,00. Além de fazer um curso superior, a aposentada pretende aprender inglês e familiarizar-se com o computador, mas o seu maior sonho é escrever um livro. "Voltei a ser jovem", afirma, ainda em clima de comemoração.

A partir da década de 1980, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, foi criado um grupo interdisciplinar de profissionais interessados nas questões da Terceira Idade - o Núcleo de Assistência ao Idoso (NAI), que, em maio de 1992, deu origem à Universidade Aberta à Terceira Idade - UNATI.

Anteriormente à criação à sua criação, o professor Américo Piquet Carneiro, com sua característica capacidade de antevisão, começou a reunir, no Hospital Universitário Pedro Ernesto Hupe, um grupo pioneiro de profissionais interessados nas questões da Terceira Idade. Como resultado de debates e trocas de experiências profissionais e institucionais, implantou-se o Projeto Núcleo de Atenção do Idoso do HUPE, visando oferecer atenção integral à saúde do idoso, numa ação multiprofissional e interdisciplinar, entendendo o idoso como um ser humano integral com direito à uma boa qualidade de vida. Estava, assim, constituído o embrião da UNATI – UERJ, criada em outubro de 1992. Destinada a alunos de ambos os sexos, com idade acima de 50 anos, se exigia prova de escolaridade. Já passaram pela UNATI 1.800 alunos, em 10 anos de funcionamento do Curso/Programa.

A UNATI desenvolve ainda estudos e pesquisas relacionados à velhice e ao envelhecimento, visando aprofundar os conhecimentos sobre a realidade biopsicossocial do idoso.

Esse trabalho tem oferecido uma alternativa para as pessoas de meia idade e Terceira Idade que a sociedade brasileira exclui, numa fase da vida em que detém experiência acumulada e sabedoria. As UTI são espaços de convivência social, de aquisição de novos conhecimentos sobre um envelhecimento sadio e digno e, sobretudo, de tomada de consciência da importância de participação do idoso na sociedade, enquanto sujeito histórico. A UNATI tem se constituído, também, como referência para a implantação de outros programas similares, e como um espaço para estudos, pesquisas e trabalhos de graduação, de dissertações de mestrado e doutorado.

O processo de avaliação é uma constante no decorrer do Curso/Programa envolvendo todos os segmentos da UNATI – alunos, professores, estagiários e coordenação. No final de cada semestre, os alunos respondem a um questionário avaliativo em relação às disciplinas do curso, objetivos, conteúdos, metodologia, relação professor e aluno, apontando sugestões que são discutidas com os



professores, os representantes de turma e a Coordenação, visando aprimorar o Curso/Programa do semestre seguinte.

No Paraná, a Universidade Aberta para a Melhor Idade – UAMI, nasceu de um curso educação continuada para a Terceira Idade. Em 1982 foi criado um curso denominado "Atualização da Mulher", que visava a espiritualidade, sem um tipo de religião específica. O curso funcionava uma vez por mês, durante o período de 1982 a 1985. Em 1995, ocorreu a estruturação de um curso aberto voltado para homens e mulheres da Terceira Idade. De lá para cá, o curso houve alterações no conteúdo programático e na relação de professores; a musicoterapia e o canto-corais foram incluídos como disciplinas.

A Universidade Federal de São Paulo com a Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI, iniciou suas atividades em 02 de agosto de 1999, com seis turmas de vinte e nove alunos cada. Aproximadamente 500 alunos compõem a lista de espera. No início de 2001 foi formada a Associação dos Ex-alunos da UATI.

Essa universidade oferece cursos especiais para pessoas acima de 50 anos, para reciclagem e atualização do conhecimento, com o propósito de dar um novo significado à vida. Não são expedidos diplomas ou certificados de profissionalização, não são aplicadas provas ou notas dadas. São realizadas algumas avaliações e pesquisas para os professores, pós-graduandos e alunos em programas de iniciação científica da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. O curso é composto por 3 módulos, com o seguinte currículo:

- Módulo I – A Saúde Física e Mental Especialistas em áreas da saúde como médicos, psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, terapeutas discutem os requisitos para uma vida saudável.
- Módulo II – Conscientização de Nova Vida no Século XXI São abordados temas referentes à Sociologia, à Política, ao Direito, à História, à Geografia, à Pedagogia, à Psicologia, à Filosofia, etc.
- Módulo III – Integração Social e Cultural Arte. Desenvolve a criatividade e a participação social e cultural através da literatura e do lazer.

No final de três semestres letivos, o aluno receberá um certificado de frequência do curso se comprovar 75% de comparecimentos.

A Universidade Aberta à Terceira Idade Veiga de Almeida - UVA, constitui-se como um curso de Extensão Cultural, vinculado à Pró-Reitoria Comunitária desta Universidade para atualizar os princípios da cidadania.

O curso é oferecido em dois períodos letivos; realiza um Mural Cultural, na última quinta-feira de cada mês, com atividades culturais e de lazer, envolvendo excursões e visitas a museus, fazendas e instituições congêneres.

O corpo docente é constituído de profissionais com formação em Gerontologia Social ou em Geriatria, ou com experiência em atividades sociais e de professores dos diferentes departamentos da Universidade.

As aulas são ministradas de forma expositiva dialogada ou dinâmica de grupo, com utilização de recursos audiovisuais e realização de oficinas específicas de cada área.

A Universidade do Sagrado Coração – USC, de São Paulo, instituição cristã e comunitária, também volta-se para os idosos. Criou em 1993, a Universidade Aberta à Terceira Idade, com o objetivo de integrar a Terceira Idade e disponibilizar as suas vivências para a comunidade universitária.

A Comunidade Universitária da USC, por sua vez, tem muito a oferecer aos idosos a de beneficiar com a sua experiência. São desenvolvidas parcerias promovendo a realização de atividades que contribuam tanto para a formação acadêmica dos universitários como do grupo Terceira Idade, além da troca de experiências entre elas.

Ao ensejo do 1º centenário do IASCI Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus e do 40º aniversário da USC, atendendo à diretriz humanístico-cristã que norteia as suas ações, a Reitoria da USC instituiu, em agosto de 1993, o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, destinado, especificamente, a pessoas de ambos os sexos com mais de 50 anos, com o propósito de desenvolver estudos relacionados à problemática do envelhecimento.

A USC oferece diversas disciplinas, entre elas, cursos de línguas, oficinas especializadas de matemática, gramática, artes, poesia, informática. Enfim, a USC abriu um leque de alternativas, procurando atender os interessados. A cada semestre recebem novos alunos e oferecem novas opções, visando manter o idoso ligado à Universidade. As ações interdisciplinares se inserem nas três modalidades oferecidas: o ensino, a pesquisa e a extensão; maximizando, assim, a utilização dos

recursos materiais e humanos disponíveis na USC. O Programa propicia, ainda, o fortalecimento da interação Universidade-Comunidade, a ampliação do rol de serviços prestados, a diversificação e o arejamento da vida acadêmica, além de abrir um novo campo para pesquisas interdisciplinares que poderão resultar em benefícios diretos a um segmento da população que se avoluma quantitativamente a cada ano.

O Programa constitui uma contribuição para a melhoria de vida das pessoas idosas e um instrumento de ação comunitária educacional. Constituem objetivos da USC:

- Desenvolver estudos e pesquisas que contribuam para um conhecimento mais profundo do processo do envelhecimento e a solução de problemas que lhe estão afetos.
- Possibilitar a convivência permanente de gerações, visando a efetiva integração de jovens, adultos e idosos, numa perspectiva de humanização crescente das relações interpessoais.
- Proporcionar às pessoas da Terceira Idade a oportunidade de uma formação continuada, através da possibilidade de participar das diversas atividades oferecidas pela Universidade. É destinada a pessoas de ambos os sexos, a partir dos 50 anos de idade residentes em Bauru e região. Tem como requisito mínimo para o ingresso os princípios básicos da leitura e da escrita.

Cada aluno pode optar por duas disciplinas, independente da área em que está lotado: Humanas, Exatas ou Biológicas. O aluno da Terceira Idade interage com o universitário e participa das ações desenvolvidas em sala-de-aula.

Na Universidade de São Francisco, a Universidade para a Terceira Idade começou a tomar forma em 1992, no campus de Itatiba, a partir de um projeto da professora Ângela Lygia Parodi Scavone. No segundo semestre de 1994, foram realizadas três palestras no campus de Bragança Paulista, abordando temas dirigidos a essa faixa etária. O expressivo número de participantes - 350 pessoas, em média, em cada uma das palestras e os resultados de uma pesquisa realizada com um grupo de idosos da cidade, levaram à implantação, em fevereiro de 1995, da Universidade para a Terceira Idade no campus de Bragança.

As atividades são oferecidas em módulos, os alunos devem optar por duas disciplinas obrigatórias e por uma série de outras.

Em março de 1996, o programa chegou ao campus de São Paulo e, atualmente, a Universidade para a Terceira Idade conta com cerca de 500 alunos. Além das disciplinas regulares, são oferecidas diversas atividades paralelas, como palestras, debates, sessões de cinema, concursos, *workshops* de artes e eventos de lazer: bailes, jantares, excursões culturais, etc.

A Universidade Aberta à Terceira Idade Vasco da Gama Filho, do Rio de Janeiro – UGF, possibilita a todos o acesso à Universidade. Promove o encontro de gerações através de atividades extraclasse e de integração, com grupos de convivência e sensibilização, biodança, coral, musicoterapia, visitas com guias, hidroginástica, vídeos e excursões. Idade não é barreira para entrar na universidade para a Universidade da Terceira Idade Vasco da Gama.

Foi a necessidade de estar sintonizado com as inovações relacionadas às legislações trabalhista, tributárias e comerciais que levou o empresário Hélio Epaminondas do Nascimento a voltar a estudar. Aos 43 anos, cursa o quarto período de Direito, no Centro Universitário do Triângulo - UNIT. Ele é um dos 670 estudantes acima de 40 anos, o que representa 6% dos 11 mil alunos da instituição.

Os números mostram que os estudantes de mais idade encontram mais espaço nas instituições privadas porque essas pessoas não têm muito tempo para se preparar e a concorrência por uma vaga nas universidades públicas. Na Universidade Federal de Uberlândia UFU, segundo dados da Divisão de Controle Acadêmico, estão matriculados ao todo 186 alunos com idade superior a 40 anos.

O Curso de extensão para a Terceira Idade em Uberlândia iniciou em 2002. A professora aposentada Maria José Freire Nunes, de 67 anos, foi uma das primeiras inscritas no curso de extensão para pessoas acima dos 40 anos que será oferecido pela Uniminas. O curso é novidade em Uberlândia mas em todo o Brasil já são mais de 150, segundo dados da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBBG). São as chamadas faculdades abertas ou faculdades da Terceira Idade, cujo objetivo não é oferecer formação profissional, mas a atualização dos conhecimentos. "Há muito tempo eu desejava fazer alguma coisa relacionada à parte cultural, por necessidade de aprimorar e acompanhar a evolução do mundo", disse Maria José.

De acordo com a coordenadora de pós-graduação da Uniminas, Paula Mariza Zedu Alliprandini, é importante a pessoa entender o processo de envelhecimento e as estratégias para enfrentá-lo. Neste sentido, o curso traz contribuições nas áreas

da saúde, políticas públicas e legislação voltada para o idoso, políticas sociais e direitos dos idosos, e aspectos psicológicos. "Vamos buscar adequar os conteúdos e bibliografias a esse público para atender às expectativas de cada um", explicou Paula Mariza.

Para Maria José, o curso levará os participantes a "enfrentar os problemas da idade" e, com isso, a sua qualidade de vida. Ela ressalta ainda a importância da convivência entre as pessoas, o que quebra a mesmice e a solidão em que vivem muitos idosos.

O curso é oferecido em quatro semestres, com módulos independentes, e as aulas ocorrem duas vezes por semana: às terças e quintas-feiras, das 14 às 17 horas. O público-alvo é constituído de pessoas a partir dos 40 anos de idade com diferentes níveis de escolaridade; a única exigência é que seja alfabetizada. Mas, segundo Paula Alliprandini, a demanda poderá ser maior por parte de pessoas já graduadas que buscam se atualizar quanto às mudanças tecnológicas, científicas e sociais. Ela informou ainda que o valor do investimento em cada módulo é de quatro parcelas de R\$ 111,00 mais a matrícula, no mesmo valor.

Há muitas outras universidades abertas que não puderam ser acessadas.

São elas: a Universidade Aberta à Maturidade de São Judas - UNATIC, em São Paulo, a Universidade Aberta para a Terceira Idade de Campo Grande, em Mato Grosso, a Universidade Estadual Sem Fronteira, no Ceará, a Universidade Estadual Aberta para a Terceira Idade, em Ponta Grossa, no estado do Paraná.

Na busca de informações sobre os aspectos práticos como organização, parcerias, infra-estrutura e recursos, foram identificados itens alguns indicadores de sucesso e fracasso.

Quanto à organização, as universidades abertas à terceira idade se classificam como privadas ou públicas. Nas públicas a infra-estrutura é provida pela própria universidade. Ambas fazem parceria com diversos setores e têm fontes variadas de recursos. Quanto à participação da terceira idade na vida acadêmica em certas instituições a *universidade toda* é aberta aos alunos de terceira idade, enquanto que em outras os temas devem ser selecionados e preparados para a terceira idade (voluntariado). O fracasso foi verificado em instituições que não alcançam o objetivo de reintegrar os alunos. A falta de uma dinâmica interativa entre os cursos e o aprendente tornam a relação agradável e somente isso. Pudemos verificar também

que o sucesso quanto à sobrevivência é comum a todas que se reproduzem a cada ano, porém o que seria um sucesso do ponto de vista da Escola do Futuro? É a mudança que ocorre no aprendente quando ele começa a Aprender a Ser, Aprender a Fazer, Aprender a Aprender, Aprender a Viver Juntos, Aprender a Sentir (FIALHO, 2001) suas emoções.

## 5 METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO

Este capítulo trata dos procedimentos adotados para a execução da pesquisa de campo. Descrevem-se as etapas, os instrumentos, como ocorreu o contato com os indivíduos de Terceira Idade e a sua opinião sobre o retorno do idoso aos bancos escolares.

Foi utilizado o método fenomenológico, que descreve a realidade social das pessoas da Terceira Idade. Em relação à sua natureza, a pesquisa é aplicada, pois procura gerar soluções potenciais para determinados problemas, ou seja, conhecimentos práticos para questões próprias da Terceira Idade na cidade de Joinville.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa apresenta as seguintes fases:

- pesquisa bibliográfica, visando delimitar o tema da tese;
- pesquisa exploratória pela familiaridade com o fato social, a Terceira Idade e a falta de motivação por desconhecimento da possibilidade de retorno aos estudos;
- pesquisa descritiva, por descrever o processo de envelhecimento de pessoas, em local definido e em determinado momento;
- pesquisa de observação pela utilização de entrevistas abertas e questionários quantitativos e qualitativos que foram interpretados à luz da fenomenologia social.

Neste estudo foi dada prioridade ao método qualitativo, pela ênfase no “porquê” das atitudes dos participantes em relação ao conhecimento. Os critérios para a qualidade da pesquisa foram aplicados com rigor desde o início da fase exploratória. O trabalho se resume à um estudo da possibilidade de criação da Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville e pretende constituir como um exercício da reflexão sobre determinados aspectos das pessoas que apresentam condições para inserir-se na educação continuada. Como canta Vandr :

“Vem! Vamos embora. Esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer...”.

A pesquisa iniciou em 2002, na cidade de Joinville, com o intuito de verificar se havia motivação por parte das pessoas da Terceira Idade em freq uentar módulos de ensino interdisciplinar, tendo em vista sua reinserção no mercado de trabalho.

Para isso, foram realizadas entrevistas abertas com o público alvo em vários locais públicos do município, com a finalidade de convidá-lo a frequentar a Universidade da Terceira Idade. A afluência média foi de 60 pessoas, de um total de 127 convidados. Nove módulos foram realizados; um deles está explicitado no Apêndice G.

Avaliando a motivação das pessoas entrevistadas verificou-se que havia grande interesse.

Foram realizados três encontros em ambientes acadêmicos, informando os participantes sobre a intenção de realizar uma pesquisa mais ampla para verificar o interesse em sobre a disposição que teriam as pessoas em frequentar uma Universidade Aberta para a Terceira Idade. Em 2003, foi projetada uma nova pesquisa para confirmar esse interesse.

O entendimento das etapas e dos métodos de pesquisa utilizados, explicam-se com o seguinte esquema:



Quadro 1: Etapas e métodos de pesquisa utilizados

Out a nov/2000- Entrevista informal realizada com transeuntes residentes em Joinville para apurar os seguintes aspectos: a identificação, o ponto de vista sobre a terceira idade, a visão sobre aposentadoria, a necessidade de retornar à uma atividade produtiva, o quanto se sentem preparados e motivados, o desejo de estudar, a vontade de adquirir novos conhecimentos.	Primeiro contato verbal com o público de terceira idade, aleatoriamente abordado em diversos locais da cidade. Apêndice A
Dez/2000- As questões levantadas no questionário enviado referem-se à escolaridade, sexo, idade, estado civil, aposentado, a profissão, intenção de trabalho, interesse em participar de cursos.	Questionário enviado aos 127 transeuntes, anteriormente, abordados; correspondência (carta); mensagem de resposta.
Dez/2000- Comunicado esclarecendo o início da aplicação dos módulos e modelo solicitação de confirmação para o primeiro encontro de apresentação do projeto.	Comunicado/convite
Jan-fev/2001- Carta apresentando a pesquisadora para alguns empresários joinvilenses, destacando a importância da pesquisa e solicitando apoio para a entrevista a ser aplicada.	Cartas de apresentação. Apêndice C
Fev-mar/2001- Questionário enviado aos empresários joinvilenses com a intenção de apurar a abertura do mercado de trabalho para os indivíduos de terceira idade.	Roteiro da entrevista com empresários. Apêndice D
Abr/2001- Questionário aplicado aos participantes (pessoas da terceira idade) para traçar o perfil do público que efetivamente estava assistindo aos módulos.	Questionário aplicado durante o desenvolvimento dos módulos.
Mai/2001- Questionário aplicado para apurar a satisfação dos participantes em relação aos módulos aplicados.	
Set/2001- Questionário aplicado 03 meses após a finalização dos módulos para verificar as principais mudanças ocorridas na rotina pessoal dos idosos.	Questionário de Avaliação.
Out/2001 – Apresentação da Dissertação de Mestrado	Apresentação para Banca
Fev/2002 – Reunião de estudantes dos cursos de Pedagogia e Educação Física que atenderam ao convite para participar da pesquisa de campo.	Orientação verbal para a entrada ao campo de pesquisa. Roteiro de abordagem.
Mar/2002 – Instrumento de pesquisa.	Questionário com 24 perguntas Apêndice F
Abr/2002 – Reunião dos estudantes participantes da pesquisa de campo para receber orientação para o preenchimento do questionário.	Intenção sobre como chegar o entrevistado para o preenchimento dos itens do questionário.
Mai/2002 – Solicitação aos estudantes participantes da pesquisa de campo para conversar sobre o desejo das pessoas entrevistadas de falarem mais de suas vidas.	Orientação verbal para a entrevista com pessoas dispostas a falar de suas vidas com uso de gravador.
Jun/2002 – Carta de esclarecimento para os entrevistados.	Carta de agradecimento e modelo de solicitação de confirmação de participação nos encontros/palestras. Apêndice B
Jun/2002 – Retorno com alguns empresários, relato a continuidade do Projeto.	Entrega de correspondência relatando pesquisa sobre as universidades abertas no país. Apêndice H
Ago/2002 – Encontro com as pessoas da Terceira Idade participantes da pesquisa.	Palestra proferida pelo geriatra Hercílio Hoepfner. Respostas para perguntas referentes ao projeto de implantação da Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville.

continuação

Quadro 1: Etapas e métodos de pesquisa utilizados

*continuação*

Mar/2003 – Reunião com o grupo de estudantes (entrevistadores) e as pessoas de terceira idade (entrevistados).	Encontro foi realizado na Associação Catarinense de Ensino ACE.
Jun/2003 – Encontro com os entrevistados, as pessoas de terceira idade.	Comunicado via entrevista Rádio Colon
Jun/2003 – Reunião com alunos do grupo de entrevistadores para organizar novo encontro com os entrevistados.	Solicitação de registro de dados para avaliação do projeto. Apresentação da proposta de criação da Universidade Aberta em Joinville.
Ago/2003 – Enviado aos entrevistados.	Questionário de avaliação dos encontros/palestras. Apêndice E
Ago/2003 – Qualificação   doutorado.	Apresentação do projeto para banca.
Set/2003 – Palestra feita por professores convidados e apresentação de atividades direcionadas para o público alvo por alunos do curso de Educação Física e Pedagogia.	Correspondência, convite e agradecimento. Apêndice I.

## 5.1 Escolha do método

A fenomenologia social exige a entrevista qualitativa para verificar a motivação dos entrevistados: as questões foram com eles discutidas procurando analisar o nível motivacional da Terceira Idade para uma retomada de seus estudos.

Os questionários aplicados em uma primeira entrevista informal com o público alvo, tiveram como objetivo obter informações complementares e confirmar a necessidade da criação de uma universidade aberta para a Terceira Idade em Joinville. A partir desses questionários, foi selecionada a amostra do público alvo para aplicação dos mesmos em vários bairros de Joinville.

O primeiro contato com os idosos foi realizado nos meses de outubro e novembro do ano de 2000, em diversos locais da cidade de Joinville: ruas, praças, pontos de ônibus, filas de banco no ato do recebimento da aposentadoria, restaurantes, shoppings. Outro tipo de abordagem foi feita pelo contato prévio com os familiares e amigos de pessoas da Terceira Idade, convidados a participar do projeto. O método de abordagem de pessoas que aparentavam certo envelhecimento, foi aleatório predominando o senso comum e o conhecimento prévio de seus familiares, alunos da universidade (entrevistadores), amigos que os incentivaram a participar da pesquisa. A entrevista informal e oral abrangeu 823 pessoas com registro das respostas escritas.

As perguntas procuraram identificar a faixa etária, a experiência na Terceira Idade, a possibilidade de voltar a estudar e o endereço completo para posterior envio de correspondência.

Através da análise do discurso obtido percebeu-se que os indivíduos participantes apresentaram diversas razões para justificar o seu interesse.

Abaixo o relato de algumas das falas dos entrevistados:

(...) Vejo a aposentadoria como uma decadência do ser humano, onde os valores dados a ele a cada dia são mais precários e preteridos pela sociedade" (...) "O objetivo é oferecer uma nova oportunidade? Então estou pronto para mais esse desafio". (...) "Será um belo aprendizado e o brotar de uma nova esperança". (...) "A aposentadoria me separou de tudo que eu gostava na vida". (...). "Essa oportunidade tão importante, vem para estimular, renovar e reanimar meus sonhos de retornar a estudar". (...) "A sociedade está demonstrando preocupação com sua responsabilidade social e sobretudo a consciência de novos caminhos, vencendo preconceitos e fazendo a diferença"(...) Poder voltar a estudar é maravilhoso

## **5.2 A realização das entrevistas e envio dos questionários**

Foram realizados no primeiro semestre de 2002, três encontros para preparar a equipe de apoio à pesquisa, dos quais participaram alunas(os) dos cursos de Pedagogia e Educação Física da Univille; colaboraram na organização e execução das entrevistas e preenchimento dos questionários.

A teoria desenvolvida por Fialho (2001) abriu caminho para despertar nas pessoas o desejo de um novo tipo de atividade de conhecer, participar e orientar-se para um novo projeto de vida.

A técnica adotada foi de perguntar o porquê de sua disposição para participar e como pensam fazê-lo, com que meios. Buscou-se abordar pessoas simpáticas, de boa aparência, abertas ao diálogo, que mostraram desejo de participar de palestras; o grande receio de quem faz uma pesquisa é que o comparecimento das pessoas não seja insuficiente para a continuação do projeto. O fantasma da insegurança à véspera de uma palestra (encontro para as entrevistas) é como a de um ator/autora cuja interação com seu público é a razão de ser de sua arte.

Foi trabalhada uma amostra formada de pessoas de Terceira Idade, homens e mulheres com idade igual ou superior a 50 anos. Incluiu-se um item que previa um retorno por parte da pesquisadora.

A permanência no campo de pesquisa enquanto, o registro e análise dos dados foi feito de maneira flexível, a fim de permitir que sejam, se necessário, refeitos o caminho e as técnicas de abordagem, pois a realidade se constrói no processo de pesquisar.

Foi necessária uma reflexão crítica sobre o método e os dados encontrados foi útil a leitura do livro Pesquisa Social de Maria Cecília de Souza Minayo, vindo ao encontro da pergunta da pesquisa: está Joinville com uma demanda por parte da sua população de Terceira Idade com 2º grau disposta a investir em um curso universitário? Para que essa pergunta seja respondida é necessário o aprofundamento de questões anteriores a essa resposta.

Independentemente da criatividade, os critérios estabelecidos pelo tipo de estudo e pela abordagem (entrevistas/questionários) escolhida foram estudados rigorosamente. Um dos objetivos específicos, elaborar e apresentar categorias diferenciadas para que possa ser satisfeita a demanda de variados grupos de aprendentes de Terceira Idade, preservar-se a “neutralidade” científica.

Acredita-se que para ingressar na Universidade Aberta para Terceira Idade em Joinville é preciso que o aprendente tenha nível compatível com o curso desejado, meios financeiros para manter-se estudando e saúde compatível com o investimento intelectual necessário à concentração em um curso em que métodos científicos são utilizados. Resgatou-se a intenção do estudo, em contribuir para a produção de conhecimento básico e aplicado e sua repercussão e disseminação na sociedade.

Em toda essa trajetória pelo campo de pesquisa tal como na viagem de Ulisses, não pudemos dar ouvidos às sereias dos elogios à nobreza do nosso empreendimento, pois, na verdade procura-se saber objetivamente quem poderia (potencial) participar de um curso árduo e cuja colheita pode ser muito desigual segundo o uso que o aprendente fará uma vez terminada essa “aventura” no continente do conhecimento (tenho que fazer algo, vou conseguir?).

O material trabalhado para essa cognição humana e seu potencial de desenvolvimento e continuidade na Terceira Idade é especialmente delicado no que se refere à distância entre sonho e realidade e a articulação com o futuro, numa dimensão de produtividade da pessoa. Não nos referimos, na pesquisa feita à quantidade de produção e sim à qualidade e o caráter sustentável deste aprendizado (ir ao médico e dialogar, conhecer seu corpo). Por exemplo, uma

pessoa de Terceira Idade tem alguém na família, talvez um neto, atuando com a tecnologia mais avançada e a explicação de seu trabalho e tudo que envolve esse conhecimento tecnológico pode ser explicado por essa pessoa de Terceira Idade (avó) com leituras e aprendizado facilitados.

Pretende-se fazer uma pesquisa dando um caráter mais exploratório do que demonstrativo. Tem sido demonstrado que maiores resultados são obtidos quando examinamos o que realmente está acontecendo, e não o que pensamos estar se passando. (MACHADO, 2001)

A crise de valores pela qual passa a sociedade, a indefinição do atual momento e a necessidade de novos paradigmas provoca ansiedade e modificações no comportamento das pessoas e, em especial, nas de terceira idade e, conseqüentemente, nas organizações educacionais direcionadas para atender esse público cada vez mais presente.

Cabe a essas organizações educacionais Adaptar-se, no sentido de aceitar a inclusão da Terceira Idade neste contexto altamente competitivo que é o acadêmico, buscando oportunizar espaços com liberdade para os idosos que estão sua plenitude intelectual, garantindo-lhe um desenvolvimento multidimensional.

A inflexibilidade das organizações educacionais tradicionais as levará a serem varridas pelo vendaval gerado pelas mudanças impulsionadas pela tecnologia aplicada à educação.

A internet deve transformar radicalmente o ensino e a pesquisa das pessoas de Terceira Idade. A internet é fundamental para fazer a diferença no currículo escolar para Terceira Idade nesta escola do futuro. Na educação, a internet traz um potencial inovador ímpar, pois permite superar as paredes da sala de aula, com a troca de idéias com aprendentes (pessoas de Terceira Idade) de outras cidades e países, intercâmbio entre os facilitadores (professores), nacional e internacionalmente, pesquisa on-line em bancos de dados, assinatura de revistas eletrônicas e o compartilhamento de experiências em comum. (LÉVY, 1998)

Esse novo desafio, novo aprendizado para a Terceira Idade não será apenas do ambiente escolar, mas também nos seus lares com seus familiares. Com certeza o interesse pela internet funcionará na escola do futuro e o aproveitamento por parte das pessoas de Terceira Idade será responsável por um ambiente educacional com

novas características. As pessoas de Terceira Idade através da internet serão motivadas para o aprendizado permanente.

A necessidade de dar continuidade ao projeto em que foi estudada a motivação para a participação no desenvolvimento de um curso visando à reinserção social e no mercado de trabalho da população de Terceira Idade de Joinville foi objeto de nossa dissertação de mestrado (2001).

Essa pesquisa foi efetuada com pessoas da Terceira Idade, em Joinville, atendendo um dos objetivos, a motivação para a educação continuada para a Terceira Idade com a criação da Universidade para a terceira idade em Joinville. O convite para a participação na pesquisa foi feito através de correspondência via correio, pelos meios de comunicação e por um grupo de estudantes do curso de Pedagogia e educação Física da Universidade da Região de Joinville, que se propuseram a colaborar voluntariamente.

Para os alunos do curso de Pedagogia uma valiosa experiência, pois enriquece o saber acadêmico e o senso de cidadania, desenvolve a criatividade e a liderança. No total, a participação foi de vinte e dois alunos de ambos os sexos. Participaram, também, quatro professores três do sexo masculino e uma do sexo feminino, que responderam questionários e deram depoimentos.

Realizou-se uma ampla pesquisa com as pessoas de Terceira Idade de Joinville. O critério para abordá-las foi a quase certeza de que se tratava de uma pessoa da Terceira Idade, com um certificado de ensino médio. O objetivo principal da entrevista foi verificar quais eram os seus maiores interesses e necessidades no campo do conhecimento. A pesquisa se concretizou de forma democrática, consultando e respeitando cidadãos.

A aplicação dos primeiros questionários, revelou a dificuldade de alguns estudantes em transcreverem as respostas dos entrevistados. Fez-se uso então, do gravador para garantir a fidedignidade, completando-se, posteriormente, as palavras perdidas.

Também se fez necessário um treinamento dos entrevistadores, dada a necessidade de escolher quem devia responder o questionário. Os alunos mostraram-se entusiasmados em participar da pesquisa mas também verificou-se que o instrumento, era um tanto limitado para a coleta de dados. As pessoas pareciam estar sendo freadas nas respostas. Na verdade, o que elas queriam eram

dar depoimentos, falas mais longas e mais consistentes sobre suas vidas e do futuro período escolar em questão. A partir desta experiência, foi dada a oportunidade aos participantes para se estenderem mais nas suas respostas (depoimentos), pois era o que desejavam e as respostas ficaram mais ricas em termos de conteúdo.

O fato de sabermos com antecedência as categorias pesquisadas auxiliou nos registros das respostas; quando os dados eram significativos, as pessoas tinham a possibilidade de se estender um pouco mais, o que possibilitou fazer pequenas reorganizações, evitando perdas ou desvios de informações e colher dados mais significativos.

Dos vinte e dois alunos que participaram espontaneamente na aplicação do questionário, dezessete eram do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Os dados resultantes da aplicação do questionário foram tabulados e estão dispostos na Tabela 2. Foram utilizados os dados do cabeçalho para auxiliar na configuração do perfil da pessoa da Terceira Idade pesquisada. Essa pesquisa foi feita no segundo semestre de 2002 e nos meses de fevereiro, março e abril de 2003.

Tabela 2: Tabulação dos dados do questionário

Questão	Alternativas	Freq.	%
1. Sexo	Feminino	527	64
	Masculino	296	36
2. Quantos anos você está completando em 2003?	De 45 a 50 anos	75	9
	De 51 a 55 anos	411	50
	De 56 a 60 anos	231	29
	De 61 a 65 anos	93	11
	Mais de 65 anos	13	2
3. Qual é o seu estado Civil?	Solteiro	27	3
	Casado	461	56
	Viúvo	176	22
	Outro	159	19
4. Caso esteja aposentado, indique há quanto tempo.	Não estou aposentado	68	8
	Um ano	51	6
	Dois anos	203	25
	Três anos	327	40
	Quatro anos	51	6
	Cinco anos	98	12
	Mais de cinco anos	25	3
5. Qual seu local de nascimento?	Joinville	461	56
	Outro	362	44
6. Quanto ao local de moradia	Imóvel próprio	528	64
	Imóvel alugado	295	36
7. Quanto às condições de moradia	Condições próprias	617	75
	Com filho(s)	32	4
	Outro	174	21
8. Caso o senhor(a) não esteja trabalhando, gostaria de retornar ao mercado de trabalho?	Eu já estou trabalhando	275	34
	Gostaria de retornar	397	48
	Não gostaria de retornar	151	18
9. Qual é o seu meio usual de locomoção?	Ônibus	393	48
	Carro	192	23
	Moto	2	0
	Bicicleta	74	
	Outro	162	20
10. Qual é o seu nível de escolaridade?	Sem escolaridade	21	2.5
	1º grau completo	332	40.0
	2º grau completo	395	48.0
	Graduação	59	59.0
	Pós-graduação	13	2.0
	Mestrado	2	0.3
	Doutorado	1	0.2
	Pós-doutorado	-	-
11. O senhor(a) tem interesse de retornar à escola?	Sim	567	69
	Não	256	31
12. A que você atribui a escolha de voltar a estudar?	Influência da família	19	2
	Convívio com novas pessoas	81	10
	Mercado de trabalho, prestígio social e amplas possibilidades salariais	107	13
	Aperfeiçoar a atividade voluntária	36	5
	Continuar os negócios da família	28	3
	Para ter um diploma de curso superior	84	10
	Melhorar o nível cultural	447	54
	Outro	21	3

continuação



Tabela 2: Tabulação dos dados do questionário

		<i>continuação</i>	
<b>Questão</b>	<b>Alternativas</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
13. Como o senhor(a) ocupa a maior parte do seu tempo livre?	TV	312	38
	Rádio	284	34
	Internet	53	6
	Leitura	67	8
	Esportes	20	2
	Estudo	2	0.5
	Música	10	1.5
	Cinema	37	5
	Teatro	-	-
	Religião	38	5
	Outro	-	-
14. Qual é o meio que o senhor(a) mais utiliza para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais?	TV	337	41
	Jornal escrito	118	14
	Rádio	311	38
	Revistas	29	4
	Internet	28	3
	Outro	-	-
	Nenhum	-	-
15. Para o financiamento de seu retorno ao estudo, o senhor(a) depende:	De recursos da família	91	11
	De renda pessoal	438	53
	De bolsa de estudos	125	15
	De uma solução futura	32	4
	Não sabe como financiar	137	17
16. A sua renda pessoal é de:	Não tenho renda pessoal	-	-
	Até R\$200,00	9	1
	De R\$201,00 a 600,00	332	40
	De R\$601,00 a 1000,00	415	51
	De R\$1001,00 a 1600,00	36	4
	De R\$1601,00 a 2000,00	24	3
	De R\$2001,00 a 3000,00	7	1
	De R\$3001,00 a 4000,00	-	-
	De R\$4001,00 a 5000,00	-	-
	Acima de R\$5000,00	-	-
	Sim	353	43
17. O senhor(a) investe na aquisição de livros revistas e outros materiais como forma de manter-se atualizado?	Não	470	57
	Melhorar a renda pessoal	151	18
18. Caso pretenda retornar ao estudo, seu objetivo é:	Ampliar a experiência profissional	225	27
	Melhorar o nível cultural	447	55
19. O que o senhor(a) mais gostaria de estudar se tivesse a oportunidade de retornar à escola?	Saúde	27	3
	Direitos	15	2
	Internet	85	10
	Geografia	87	11
	História	33	4
	Psicologia	127	15
	Mercado	73	9
	Tudo que for possível	6	1
	Português	141	18
	Matemática	90	11
	Turismo	135	16
20. O senhor(a) aceitaria participar de palestras para receber orientação gratuita para a criação da Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville?	Sim	447	54
	Não	376	46
21. Qual a sua opinião referente à criação da Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville?	Considera importante	817	99
	Outra informação	6	1

*continuação*

Tabela 2: Tabulação dos dados do questionário

Questão	Alternativas	continuação	
		Freq.	%
22. Como você chegou até a Univille, ACE ou ao entrevistador para preencher o questionário e assistir às palestras?	Decisão pessoal	215	26
	Decisão da família	127	15
	Através de professores	18	2
	Através de alunos da Universidade	52	7
	Outras possibilidades	35	4
23. Como você imaginava a velhice?	Não compareceram	376	46
	Situação confortável de despreocupação	230	27
	Outras formas	593	73
24. O que é ser velho para você?	Viver bem	650	79
	outros	173	21

Algumas das categorias trabalhadas têm uma íntima relação com as perguntas formuladas no questionário e no decorrer das entrevistas: iniciativa, tempo vivido, concepção que a pessoa tinha da velhice, possibilidade de mudança na concepção da velhice hoje.

A categoria a ser estudada na questão 2 – tempo vivido –, é o tempo vivido pelas pessoas que participaram da pesquisa. A finalidade é fazê-los refletir sobre esse tempo, que foi o tempo do trabalho, do prazer de viver, tornando-o atual e presente. O resgate do passado, visa criar, abrir novas perspectivas para o futuro.

Como diz Merleau-Ponty (*apud* SOMBRA, 1998, p. 129), “o tempo passado aparece como uma sedimentação da nossa existência, ou seja, é ele que nos dá base para estruturar o tempo, atual e futuro... lembrar o passado é reviver ou recriar o tempo”.

O tempo vivido impulsiona existência dos idosos espelham a sua imagem e revela como os diferentes contextos sociais e culturais atuam na mente e no comportamento dessas pessoas.

Foram identificadas passagens significativas e foram constatadas similitudes em suas respostas, a análise das falas registradas permite que se acredite na possibilidade de integração, de convivência e de troca de experiências das diferentes gerações.

Na Tabela 3, os quatorze itens considerados mais significativos foram destacados e dispostos em forma de gráfico na Figura 5.

Tabela 3: Tabulação para o gráfico da figura 5

Questão	Alternativas	Freq.	%
1. Sexo	Feminino	527	64
	Masculino	296	36
2. Quantos anos você está completando em 2003?	De 45 a 50 anos	75	9
	De 51 a 55 anos	411	50
	De 56 a 60 anos	231	29
	De 61 a 65 anos	93	11
	Mais de 65 anos	13	2
3. Qual é o seu estado Civil?	Solteiro	27	3
	Casado	461	56
	Viúvo	176	22
	Outro	159	19
4. Qual seu local de nascimento?	Joinville	461	56
	Outro	362	44
5. Qual é o seu nível de escolaridade?	Sem escolaridade	21	2.5
	1º grau completo	332	40.0
	2º grau completo	395	48.0
	Graduação	59	59.0
	Pós-graduação	13	2.0
	Mestrado	2	0.3
	Doutorado	1	0.2
	Pós-doutorado	-	-
6. O senhor(a) tem interesse de retornar à escola?	Sim	567	69
	Não	256	31
7. A que você atribui a escolha de voltar a estudar?	Influência da família	19	2
	Convívio com novas pessoas	81	10
	Mercado de trabalho, prestígio social e amplas possibilidades salariais	107	13
	Aperfeiçoar a atividade voluntária	36	5
	Continuar os negócios da família	28	3
	Para ter um diploma de curso superior	84	10
	Melhorar o nível cultural	447	54
	Outro	21	3
8. Como o senhor(a) ocupa a maior parte do seu tempo livre?	TV	312	38
	Rádio	284	34
	Internet	53	6
	Leitura	67	8
	Esportes	20	2
	Estudo	2	0.5
	Música	10	1.5
	Cinema	37	5
	Teatro	-	-
	Religião	38	5
	Outro	-	-
9. Qual é o meio que o senhor(a) mais utiliza para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais?	TV	337	41
	Jornal escrito	118	14
	Rádio	311	38
	Revistas	29	4
	Internet	28	3
	Outro	-	-
	Nenhum	-	-

continuação

Tabela 3: Tabulação para o gráfico da figura 5

Questão	Alternativas	<i>continuação</i>	
		Freq.	%
10. O senhor(a) investe na aquisição de livros revistas e outros materiais como forma de manter-se atualizado?	Sim	353	43
	Não	470	57
11. Como você chegou até a Univille, ACE ou ao entrevistador para preencher o questionário e assistir às palestras?	Decisão pessoal	215	26
	Decisão da família	127	15
	Através de professores	18	2
	Através de alunos da Universidade	52	7
	Outras possibilidades	35	4
	Não compareceram	376	46
12. Como você imaginava a velhice?	Situação confortável de despreocupação	230	27
	Outras formas	593	73
13. O que é ser velho para você?	Viver bem	650	79
	outros	173	21
	Considera importante	817	99
14. Qual a sua opinião referente à criação da Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville?	Considera importante	817	99
	Outra informação	6	1

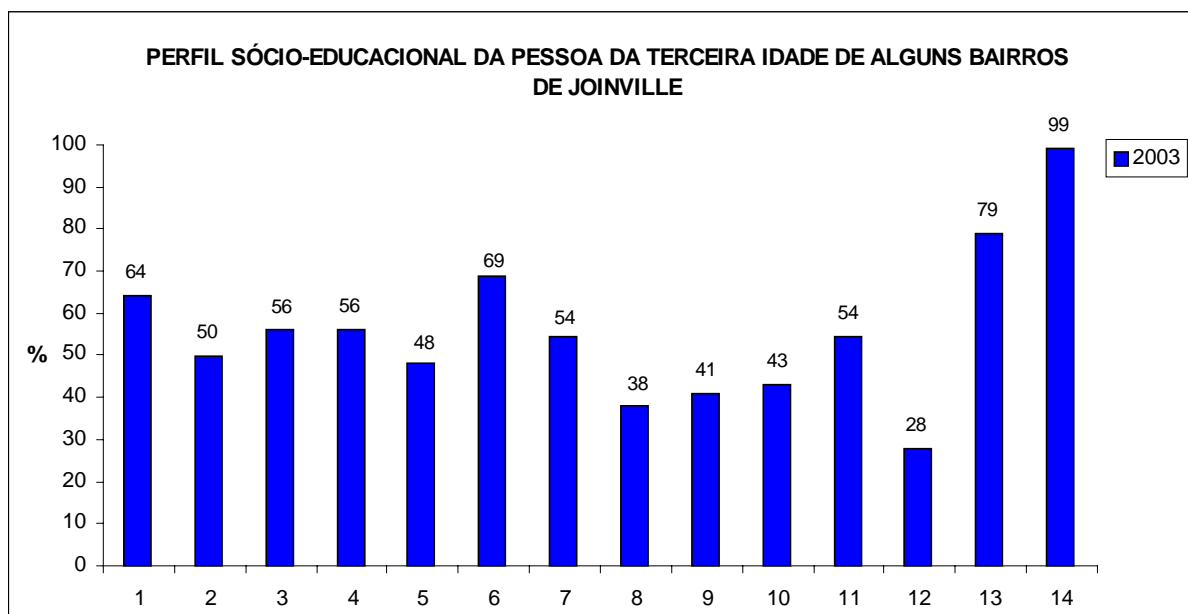


Figura 5: Distribuição gráfica das respostas do questionário da tabela 3.

Fonte: Campo.

1. Sexo feminino (527)
2. Faixa etária entre 51 a 55 anos (411)
3. São casados (461)
4. São Joinvilenses (461)
5. Escolaridade com 2º grau completo (395)

6. Tem interesse em retornar à escola (567)
7. Quer voltar à escola por interesse em melhorar o nível cultural (447)
8. Utilizam a televisão para ocupar o tempo livre (312)
9. Utilizam a televisão para se manterem informados sobre os acontecimentos atuais (337)
10. Investem na aquisição de livros, revistas e outros materiais como forma de atualização (353)
11. Chegou até a Univille, ACE ou ao entrevistador para responder o questionário ou assistir as palestras (447)
12. Imaginavam a velhice como sendo uma situação confortável de despreocupação (230)
13. Ser velho hoje é viver bem essa nova fase da vida, mas é “chato” (650)
14. Criar uma universidade para a Terceira Idade em Joinville é maravilhoso (817)

A questão 1 mostra que do total de 823 entrevistados 527 (64%) eram do sexo feminino. Não chega a ser surpreendente em uma sociedade na qual cada vez mais cresce a atuação e o interesse de participação da mulher, que o número de pessoas de Terceira Idade do sexo feminino (64%), seja superior ao de participantes do sexo masculino (36%). Confirma-se o maior índice feminino, ao compararmos com os dados oficiais da Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville (IPPUJ) onde os residentes urbanos de Joinville acima de 60 anos apresentam 6,6% de mulheres e 6% de homens. As mulheres parecem ser mais abertas em justificar o seu interesse pelo estudo e o propósito de retomá-lo.

Quanto à idade, 50% do total se situa na faixa etária entre 51 a 55 anos e os outros 50% correspondem a 14% para a idade entre 45 e 50 anos, 24% entre 56 e 60 anos, 9% entre 61 e 65 anos e 3% com a idade de mais de 65 anos.

A questão 3, estado civil, que indica que 461 são casados, correspondendo a 56% do total, mostra o maior acesso das famílias estabelecidas, facilitando o contato do entrevistador e definindo o dos entrevistados. Na questão 4, onde 56% dos participantes não são joinvilenses, mostra que a cidade é um grande polo de migração. A questão 5 indica que o nível de escolaridade é bom, pois 48% possui pelo menos o 2º grau completo. Na resposta à pergunta sobre o interesse dos entrevistados em retornar à escola 69% responderam que gostariam de retomar os estudos. É interessante notar que 49% dos entrevistados declararam que o maior

interesse está em melhorar o nível cultural, o que confirma as respostas durante a aplicação dos módulos em 2001. Essa faixa etária não é muito ligada em televisão; apenas 38% utilizam a televisão como lazer e 41% para se manterem atualizados. O desejo de “melhorar o nível cultural” apresentou um percentual significativo, sendo o maior interesse a reinserção no mercado de trabalho e a ascensão social. Registra-se um percentual de 43% para a aquisição de livros, revistas e outros materiais como forma de atualização. Também é bom o percentual de 54% das pessoas que decidiram pessoalmente comparecer à UNIVILLE e à ACE para responder o questionário, colher informações e assistir as palestras referentes ao assunto em questão. Como resposta à pergunta “Como você imaginava a velhice?”, 28% a imaginava confortável e despreocupada; 25% não pensou na velhice como uma situação que deveria ser planejada; 20% não pensou que um dia poderia envelhecer; 18% pensou que a velhice era para o “outro” e não para ele e 9% registrou medo, tristeza e solidão. Investir na compra de livros e revistas atingiu 43% de toda a população envolvida.

Otimismo em viver bem essa fase da vida alcançou um índice de 29%. Apenas poucos sonham e pensam em uma vida plena. Lutar pelos seus direitos significa decidir sobre seus próprios gastos e participar das decisões nos negócios da família. Quanto aos 71% não otimistas, talvez possam mudar de atividade se visualizarem a sua reintrodução nos estudos. Levando em conta que a exclusão social e econômica dos idosos é um fato em nossa sociedade, uma proposta de voltar a estudar e talvez uma reinserção na sociedade terão o efeito de uma alavanca impulsionadora. As respostas para a questão “O que é ser velho para você hoje?”, permitem concluir que muitos constataram o valor do trabalho; com aposentadoria o padrão de qualidade baixou ocasionando o desejo do retorno. A maioria das pessoas entrevistadas e que compareceram aos encontros e palestras desejavam relatar as suas expectativas sobre a nova fase de vida e a possibilidade de retorno aos estudos; mostraram-se prontas para as mudanças necessárias. Na questão “Como você imaginava a velhice?”, muitos imaginavam que estariam mais descansados, com tempo para atividades interessantes, e livres de responsabilidades.

Todo esforço no sentido de uma atividade criativa comprovou-se necessitar de mais conhecimento, quando não de um conhecimento desconhecido, por ser moderno demais.

Para a questão “O que é ser velho para você hoje?”, a idéia mais comum colocada por 79% dos entrevistados, é a de que ser velho é chato.

“Viver significa poder ser responsável pelo outro. Significa poder revelar minhas emoções e meus sentimentos. Falar com os outros. Sentir com os outros” diz Schwartz (1999, p. 156).

Perguntados sobre “Qual a sua opinião sobre a criação da Universidade para a Terceira Idade em Joinville?”, foram unânimes, expressando entusiasmo, otimismo e esperança na sua criação.

A necessidade de um conhecimento atualizado está crescendo em todos os setores da sociedade. Também está sendo reconhecido que para a atualização há necessidade um ambiente facilitador, que promova estudos e discussões.

As falas das pessoas entrevistadas podem ser assim sintetizadas:

(...) Realmente as palestras e encontros devem ter continuidade, pois, com certeza, irão motivar muitas pessoas que já pensavam estar esgotado o seu trabalho e certamente encontram um novo alento para continuar prestando serviços e vivendo, o que é muito importante. Gostaria de ouvir novamente uma palestra sobre Empreendedorismo (...).

(...) Gostei muito de ter participado das palestras. Era o que eu estava precisando, pois estava me sentindo desmotivada, devido ao abandono em que estão as pessoas aposentadas e com certa idade, apesar de muitas delas ainda terem condições físicas e psicológicas para voltarem ao mercado de trabalho e voltar a estudar. A idéia do projeto é muito boa e tenho certeza de que dará muitas alegrias e ânimo a muitas pessoas que já estavam se sentindo "sem serventia". (...).

(...) Fiquei muito contente com todos os entrevistadores e palestrantes, que bom que existem e tivemos oportunidade de conhecer gente como vocês, que se dedicam numa atividade de ajuda as outras pessoas (nós da Terceira Idade). Eu estou muito feliz, gosto muito de trabalhar de ler, de ir ao cinema, de viajar. “(...) Quero ser aluno desta Universidade. “(...) A palestra foi ótima, toca fundo o pessoal que está na Terceira Idade e que tem muito ainda para colaborar. Precisamos destas "injeções" de ânimo num mundo que em geral as pessoas estão desmotivadas. Mas ainda existe esperança porque tem gente boa que pode mudar essa situação. Nesta palestra notei que existem realmente estas pessoas que acreditam que podemos fazer algo para melhorar toda essa situação atual, basta unirmos forças positivas, com pessoas afins, que não acham que o lucro está acima do social” (...). Com certeza vou voltar a estudar. “(...) Estou feliz, em escutar dois jovens, dando exemplos de esperança de vida, se preocupando e motivando seu semelhante, mostrando que não devemos nos acomodar e ver a vida passar, e sim sermos úteis. “(...) Aguardo com muita ansiedade e expectativa a universidade para a Terceira Idade”.

Duas pessoas que freqüentaram os módulos em 2001, estão freqüentando um curso de aperfeiçoamento num novo emprego. Declaram que agora sentem-se cidadãos plenos. Nas palavras de Denzin (1984, p. 30),

Revelar como as pessoas comuns dão sentido as suas vidas dentro dos limites e da liberdade que lhes são concedidos... É investigar como as pessoas vivem no ciclo de acontecimentos chamado tempo de vida, e o fazem imprimindo a própria marca ou assinatura. Isso é, como as pessoas deixam sua marca nas outras pessoas, lugares e coisas com as quais conviveram, interagiram, e às quais tocaram durante o tempo em que percorreram o ciclo de acontecimentos que chamaram a sua vida e a vida dos outros... As vidas de pessoas comuns são vistas e vividas de dentro do círculo hermenêutico do significado como projetos em andamento, fundamentalmente não acabados, produto de circunstâncias, sorte, iniciativas pessoais, esforço construtivo e necessidade. As pessoas comuns universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem. Elas são exemplos singulares da “universalidade da história humana”.

O texto da socióloga e pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiróz (1991, p. 21), também oportuniza a análise dos depoimentos das pessoas da terceira Idade, através dessa avaliação vê-se o individual e o social se inter cruzando e atuando sobre os indivíduos:

a história de vida é uma técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social. O que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações sobre ela se exercem e que lhe são inteiramente exteriores. Tudo isso constitui o meio em que vive e pelo qual é moldada. O indivíduo cresce num meio sociocultural e está fundamentalmente marcado por ele. Na sua história de vida vemos contidos, de um lado o indivíduo, com sua herança biológica e suas peculiaridades, e de outro, a sociedade com sua organização e seus valores específicos.

Estudar a problemática da pessoa de Terceira Idade através das histórias de vida, é estudar o poder da família, o controle social que ela e o meio exercem para incentivar ou cercear as iniciativas individuais; as produções interpessoais que envolvem relações complexas de conseqüências morais, técnicas, políticas, econômicas, de parentesco e sociais, que atuam como “pano de fundo” no qual as “coisas” se realizam. Uma vida existe dentro dessa teia articulada. As pessoas têm histórias que acumularam conhecimentos, e experiências que não podem ser desprezadas pela sociedade sempre carente de recursos econômica, e cultural, etc.



Foi constatado na análise da fala destas pessoas como o “tempo vivido” cada uma influenciou na sua visão de mundo, na sua maneira de agir e reagir frente a vida como por exemplo voltar aos bancos escolares, o que no caso da escola do futuro é avançar para os bancos escolares pois é ultrapassando o posicionamento de aluno infantil e passivo que vai só ouvir, e sim *um aprendente que vai interagir, discutir e elaborar idéias*.

O vivido limita e não permite o conhecimento da atualidade onde não mais se aceita a fala de autoridade sem discutir seu mérito. Essa metodologia foi escolhida para que o respondente pudesse ser ouvido, questionando também. Colher a história de vida é auxiliar as pessoas idosas a organizarem suas experiências e a refletir sobre seu existir (MEDEIROS, 1999).

A experiência de estar no campo de pesquisa mostra o limite do contato/comunicação com outro. Somos forçados a manter nossa distância pelo olhar do respondente, sua pausa acusadora cheia de censura mostra até a onde ele se expõe.

As pessoas pesquisadas são todas maiores de cinquenta anos, um percentual significativo já participou de módulos de ensino interdisciplinar em 2001. Esse será um dado relevante, à medida que forem analisadas as respostas, para conhecê-las e compará-las com as dos iniciantes: suas necessidades, aspirações e possibilidades.

Essa comparação só pode ser feita com a análise de questionários que foi uma outra maneira de avaliar qualitativa/quantitativamente a população de Terceira Idade de Joinville. O número de pessoas pesquisadas (que participaram da pesquisa) foi de 823, das quais 467 são mulheres e 356 são homens. Do total de 893 sujeitos, 93 já tinham participado dos módulos de ensino interdisciplinares em 2001 e um percentual significativo compareceu nos encontros/palestras.

Quanto ao conteúdo dos questionários, procurava saber da possibilidade que a população de Terceira Idade de Joinville tem de comparecer à Universidade Aberta e sua aspiração ai comparecendo.

Para a questão “Como você chegou à Universidade (Univille), ACE e ao entrevistador”, a categoria observada foi a iniciativa. A iniciativa para estas pessoas virem até a Universidade para freqüentar os módulos de ensino/palestras e preencher o questionário, foi:

- deles mesmos?
- de filhos?
- de maridos ou esposas?
- de amigos?
- através de professores? de alunos que cursam a Universidade?
- ou outras possibilidades?

A maioria das pessoas comunicaram já estar em busca de algum estudo, de algum tipo de atividade diferente, compatível com seu desejo de mudança. Grande parte delas lêem jornais, são assinantes de revistas, compram livros, vêem televisão, são atuantes nas comunidades, vão ao cinema, gostam de festas, estão informados das novidades da cidade, viajam e querem se reciclar.

Para a questão “fale de sua vida”, alguns depoimentos merecem ser transcritos:

(No final de uma palestra) “A –58 anos”

É a alegria de poder estar junto com muita gente o que estou sentindo neste momento. Vivo só há 12 anos. Estou vendo a velhice com outros olhos. Acho a vida muito boa e precisa ser vivida, sinto liberdade, me sinto feliz ao conversar com você moço (entrevistador). Não quero perder a oportunidade de voltar aos bancos escolares. Estar num ambiente com pessoas que só transmitem entusiasmo é maravilhoso. Já estava há bastante tempo pensando em voltar a estudar, de algum tipo de atividade diferente.

“B -57anos”

Agora chegou a minha vez, diz ela: Meus filhos já estudaram, os dois estão formados e eu sempre tive aquele desejo dentro de mim... de poder recomeçar tudo de novo. Na adolescência dos meninos eu estava em casa, colaborando, ajudando. Um dia fui numa reunião e lá encontrei uma senhora D. Angela (voluntária do meu bairro) que convidou-me a participar de uma reunião que preparava pessoas da Terceira Idade para atuarem como voluntário. Aceitei o convite. Lá senti uma vontade muito grande de poder participar mais, mas sentia que não tinha condição, sentia vergonha pois todos pareciam saber muito mais do que eu. Nesta fase é que a gente sente falta da pouca escola que nos foi oferecida e agora o despontar de uma oportunidade de voltar a estudar e realizar o sonho de falar um português correto para falar em público surge com a universidade aberta. Vou agarrar essa oportunidade – esperança.

“C- 62 anos”

Sempre fui muito amarrada no meu marido dependente demais. Quero ter liberdade. A vida inteira fui uma vaquinha de presépio. Hoje viúva quero voltar a estudar. Terminar a faculdade que iniciei a 35 anos atrás.

Para algumas das pessoas entrevistadas o resgate do passado tornar atual a experiência vivida, abrindo possibilidades para um novo projeto.

“D- 60 anos”

O desprestígio do trabalho de todos os dias como mãe, dona de casa foi o motivo maior que me levou a procurar algo mais para fazer. As colocações: do marido, “Mulher você está por fora” do meu filho, “Ah, Mãe você está desatualizada” eram as que me machucavam muito. Não era assim que eu me via, mas foram com estas colocações que eu vivi durante os últimos dez anos. Comecei a me isolar. Até que um dia na pia lavando louça escutei o locutor da rádio anunciando um curso de informática. Nas explicações dizia que não importava o grau de estudo e de conhecimento de informática. Sem falar para minha família fui fazer o curso e lá recebi o convite para assistir o curso –Módulos de Ensino Interdisciplinar aplicados à terceira idade para motivar o desenvolvimento de atividades produtivas (escrito no convite). Desta vez relatei para minha família que para minha surpresa me deu o maior apoio. Nas palestras (aulas) tive o meu sonho de fazer faculdade - Faculdade de Direito, vir à tona. Quando terminei os módulos deste curso fui diretamente me matricular num cursinho pré-vestibular. Decepção! Meu marido barrou. Hoje ao receber o convite para mais um curso para a Terceira Idade, estou feliz e com certeza estarei lá. Vou sair desta vidinha monótona, sem novidade.

“E – 58 anos”

Tenho 58 anos de idade, ainda estou trabalhando. Comecei a trabalhar fora de casa somente aos 40 anos de idade, quando meu marido sofreu um acidente. Fiquei desorientada, senti falta de tudo, principalmente de carinho, atenção por parte de meu marido e até do que é mais importante para um casal nossa relação sexual. Parecia que meu marido me culpava pelo que tinha acontecido a ele e nada fazia para amenizar aquela situação. Gosto muito de ler, de assistir televisão, de ir ao cinema (não vou pois meu marido não deixa). Adoro ir para meu trabalho, lá sou elogiada e até admirada. Meus companheiros dizem que devo voltar a estudar para poder crescer na firma. Com certeza se a universidade vier a existir serei uma das alunas.

“F- 55 anos”

Me lembro da sala de aula, fico muito triste ao lembrar da maneira que abandonei os estudos. Estava n1º ano do curso de Direito e fiquei grávida. Meu pai não perdoou (choro) e levou-me de volta para casa, para um lugarejo onde morávamos. Hoje novamente em Joinville, viúva com duas filhas solteiras e aqui preenchendo um questionário após assistir uma palestra com o convite pra voltar a estudar. Que maravilha! Será que vai dar certo? Se der, serei aluna sim desta universidade.

Para Merleau-Ponty, o tempo passado aparece como uma sedimentação da existência, ou seja, ele constituía base para estruturar o tempo, atual e futuro... Relembrar o passado é reviver ou recriar o tempo.

Abaixo, a transcrição da fala de algumas pessoas que freqüentaram os módulos de ensino interdisciplinar em 2001:

(...) Ao ser entrevistada pela aluna e após tomar conhecimento do projeto senti-me motivada para participar do mesmo, não com o desejo e/ou necessidade de trabalhar mas, para estar junto com outras pessoas tomar conhecimento de assuntos que estão afastados do meu cotidiano. De alguma forma estou inserida neste contexto, pois estou com 63 anos, tendo formação em nível de segundo grau gostando muito de ler e de escutar musica clássica. Faço a cada 2 anos uma viagem para exterior com um dos filhos. Estou freqüentando as palestras e registro que: gostei muito os palestrantes souberam discorrer os assuntos numa linguagem simples, quase carinhosa, assuntos tão importantes como: auto-estima, auto-imagem, auto conhecimento, globalização, motivação, liderança e... As palestras me motivam e me tiram da rotina oferecendo oportunidade de conhecer e fazer novas amizades. Me sinto útil também pois expresso minha experiência de vida e mostro para todos o grande entusiasmo que tenho pelo viver (...).

Algumas das pessoas que freqüentaram os módulos em 2001 aceitaram o convite para participar do encontro programado. Nas respostas às perguntas feitas apresentaram mudanças significativas na assimilação dos conteúdos. É o que se observa nas falas a seguir:

(...) “Aumentei meu trabalho como voluntário”. (...) Passando para outras pessoas o que eu aprendi durante os módulos”. (...) Viver e aproveitar os muitos conhecimentos que adquiri durante os módulos”. (...) Retomei uma atividade que minha família desenvolvia”. (...) Matriculei-me num curso (informática), sem preconceito de dizer que sou da Terceira Idade”. (...) Estou motivada a aprender música”. (...) Vou fazer um curso supletivo de 2º grau”. (...) Tentando abrir uma micro-empresa para descobrir “velhos talentos”, ou seja, empresa de recursos humanos com foco no público idoso. (...) Quero ser um empreendedor”. (...) Estou abrindo um comércio de quitutes caseiros”. (...) Pretendo abrir um consultório para trabalhar no aconselhamento de pessoas idosas”. (...) Estou vendendo roupas para conseguir pagar passagem para fazer uma viagem (sonho de muitos anos)”. (...).

Esses testemunhos encorajaram os esforços na organização e realização do presente trabalho.

## **6 PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE EM JOINVILLE**

Neste capítulo são apresentados os elementos da proposta para a criação de uma Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville. Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário cujo objetivo principal foi o de avaliar o interesse das pessoas da Terceira Idade em voltar a estudar. Procurou-se estabelecer a relação entre a fantasia do “gostaria que fosse” e a realidade, espaço/tempo vividos pelo corpo envelhecendo. Os resultados possibilitarão encaminhar os futuros aprendentes a grupos de discussão que realmente lhes interessem:

Sem criar um momento inicial de “ponto morto” no qual as esperanças não encontrem satisfação em uma dinâmica para começar a realizar-se (um aprendente que já chega com a colocação: “será que estou interessado mesmo pelo curso?”). A iniciação ao aprendizado pretende ser um espaço que favoreça um processo de construção de uma identidade coletiva incrementando práticas de cooperação inter-pares, que possibilitem aos aprendentes partilharem da “diversidade” de formas de conhecer e explicar a realidade, na busca de uma “unidade” de aprendizagem (FIALHO, 2001, p. 37)

Foram organizados encontros para explicitar que aprender pode ser divertido e interessante. Torna-se necessária a organização de uma ecologia cognitiva para a educação universitária da Terceira Idade. Quais as dimensões constitutivas que caracterizam uma ecologia cognitiva para educação universitária da Terceira Idade? Em que consiste essa ecologia cognitiva?

Segundo Assmann (*apud* FIALHO, 2001) trata-se de um espaço em que se possa estar num grupo e exprimir-se em todas as dimensões de sua corporeidade, um espaço de vivenciar, ele próprio, as características que lhe são exigidas para sua função, um espaço de prazer e (auto) descoberta; em síntese, um espaço de aprendizagem.

O espaço em Joinville para a Terceira Idade, tem como porta de entrada a sensibilização pelo conhecimento. Conforme Freire (1996, p. 66) “um grupo se constrói no trabalho árduo de reflexão de cada participante, no exercício disciplinado de instrumentos metodológicos; educa-se o prazer de se estar vivendo, conhecendo, bebendo, imaginando, criando, e aprendendo juntos, num grupo”.

O grupo da Universidade da Terceira Idade será formado por um debate com vários facilitadores para um direcionamento quanto às afinidades que formarão um projeto comum. Todos estes projetos com temas variados terão como objeto o aprender a fazer. Por exemplo aprender a fazer uma tese (um estudo).

Neste estágio da pesquisa parece necessário perguntar se Joinville está pronta para um curso cujas características poderemos mostrar de maneira ampla? O modelo é de três alternativas. Instituições pesquisadas e visitadas por esse projeto de tese: PUC, Metodista, USP, UNATI, UAMI, UATI, UVA, USC, UGF entre outras.

Partindo dos dados dos cursos oferecidos pelas mais conceituadas universidades para a Terceira Idade em nosso país, esse trabalho tem como finalidade avaliar a adequação para sua instalação no meio de Joinville neste início de século XXI.

As leituras mostraram que há uma variedade muito grande de atividades e de expectativas dos aprendentes com relação às universidades da Terceira Idade.

A universidade mais aberta é a da USP, onde o critério mais restritivo é o econômico, pois um orçamento tem que ser feito (estudar é como ter mais uma família para sustentar).

A disciplina mais escolhida é a Gerontologia nos seus diversos aspectos.

Importante também são as possibilidades que se oferecem de viajar, de participar da vida pública, de atuar como voluntário e a reinserção no mercado de trabalho. Não menos importante é “querer” compreender melhor o universo dos universitários com suas especificidades que desafiam a antiga cognição.

Dentre os objetivos para a criação da Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville, estão: a possibilitar o acesso à educação continuada a pessoas a partir de 50 anos; o estímulo para o envolvimento e a participação na sociedade; o incentivo de assessoramento a entidades e programas sociais; o resgate do valor da pessoa de Terceira Idade, facilitando o seu aproveitamento pela sociedade, da experiência de vida compartilhada com a participação em programas em áreas como a Pedagogia, Letras, Ciências Sociais, Nutrição, Estudos Sociais, agindo como agentes de transformação; a promoção de estudos teórico-práticos como cursos de Enfermagem em nível técnico (pesquisas e momentos de vivências que irão permitir o enriquecimento de suas habilidades e a reinserção no mercado de trabalho). A Universidade Aberta para a Terceira Idade de Joinville como a imaginamos, levar o

indivíduo a refletir sobre sua realidade e, através da ação pessoal, promover mudanças na sua atuação como sujeito participante da comunidade.

Para chegar a essa proposta de estimular o indivíduo a desenvolver atividades que resultem em mudanças úteis e contribuições concretas à comunidade, a pesquisadora atuou com duas pesquisas. Na primeira obteve uma amostra de 127 pessoas da Terceira Idade e, com o objetivo de motivar o desenvolvimento de atividades produtivas, levou-os a freqüentarem durante o ano de 2001 os nove módulos de ensino interdisciplinares, resultando em ajuda em diversas atividades de serviço social e voluntariado resultando também na motivação para a criação de uma Universidade Aberta em Joinville. (MACHADO, 2001)

A segunda pesquisa retoma o contato com os indivíduos que participaram da primeira etapa, em 2001, e dos novos interessados que participaram de entrevistas, palestras e responderam questionários.

Esta segunda pesquisa analisou o perfil de pessoas de vários bairros de Joinville. Teve como verificar as condições e possibilidades para a criação de uma Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville nos moldes das instituições existentes em outras cidades brasileiras. Para isso, foram utilizadas as seguintes ferramentas de trabalho: histórico das universidades existentes, encontros (palestras), questionário, e entrevistas com o público alvo pertencente à faixa etária da Terceira Idade.

Para a abordagem do “Outro”, é necessário que o conhecimento a nós mesmos, seja do corpo biológico ou do ser como um todo, mente e corpo, afirma Khalsa (1997).

Na atual pesquisa, a motivação foi uma demanda por parte da direção da universidade sobre a adequação do momento para a criação de uma universidade aberta à Terceira Idade, que complementaria os cursos universitários e o seu comprometimento com a comunidade. Para realizá-lo foi necessário promover etapas marcantes, que, constituíram desafios e provocaram momentos de reflexão. Como estratégia, foi criado um grupo de estudos em 1999, que permanecerá ativo até a provável criação da universidade. Durante esse período, conseguiu-se sensibilizar aqueles que serão os participantes.

Pontos a considerar: a boa receptividade dada à pesquisadora por parte dos aprendentes no momento da volta ao campo de pesquisa; um percentual

significativo perguntavam, pediam a continuidade do projeto; outro percentual significativo foi daqueles aprendentes cujo desenvolvimento do conhecimento implícito para o explícito ficou evidente em novas atividades que vieram a desempenhar; outra motivação não menos importante a pesquisadora estar pressionada pelo projeto em andamento para a criação da Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville.

Cada objeto de estudo requer método próprio, mas sejam ele qualitativo e quantitativo, o rigor e a seriedade são requisitos imprescindíveis.

## **6.1 Alternativas para a proposta**

Dados os diferentes universos de conhecimento, apresentam-se alternativas para proposta da Universidade Aberta em Joinville:

- Há um público que ainda está trabalhando mas precisa atualizar os seus conhecimentos. Embora participe da vida empresarial, a sua gestão necessita de uma energização.

A universidade aberta poderá oferecer conteúdos programáticos que conduzam esse público, a uma melhor compreensão do momento atual e das mudanças ocorridas e conseqüentemente melhorar o relacionamento na empresa e a compreender a incerteza como um fado de nossa era. A pessoa poderá aprender a ajustar-se às mudanças internas por exemplo e a poupar recursos arriscados em empreendimentos sem planejamento. Os comerciantes de empresas pequeno e médio porte que iniciam um processo de modernização sob a orientação de sua associação de classe, necessitam dar continuidade a esse processo uma vez terminada a orientação geral, necessitam da discussão conjunta.

- Para o público universitário que quer expandir o seu campo de conhecimento a universidade poderá oferecer novos cursos que gerarão novas idéias. Um público para quem a “visão” de uma universidade já existe e pode participar no desenvolvimento de um projeto de criação da universidade aberta, tornando-a mais interativa. (ajuda com investimento, dar entrevistas). Também artistas com nome e capital artístico e interessados em levar para frente a pesquisa com novos materiais etc.



Para esse público trata-se de expandir-se profissional e artisticamente, formando grupos que facilitarão a iniciação em sua arte e sua divulgação na mídia (mostrar o que faz e por no mercado). Seria um canal de comunicação com as outras universidades do país a fim de trocar conhecimento e técnicas novas.

- O público em geral, o público anônimo que respondeu aos questionários de maneira quase unânime. Interessou-se pela idéia de voltar a estudar e porque sente necessidade de um melhor conhecimento para reinserir-se socialmente. Emergem as imagens de seu tempo de “aluno(a)”, cheio de excitação com novos encontros e novas idéias.

## **6.2 Proposta/programa para implantação da universidade aberta em Joinville**

I – Entrada:

- a) Idade: pessoas com 50 anos ou mais;
- b) Escolaridade: Compatível com o entendimento da programação elaborada; 2º grau ou não; não haverá exigência de diploma ou certificado de escolaridade;
- c) Condições financeiras compatíveis com R\$100,00 mensais;
- d) Duração: 5 semestres letivos com 90 h. cada; possibilidade de alteração;

II - Objetivos: Partindo do pressuposto de que pessoas de 50 anos ou mais, que interromperam seus estudos, podem ter interesse em voltar aos bancos escolares, a universidade teria como objetivos:

- Valorizar o processo de conhecimento na velhice através da educação continuada quando a pessoa de Terceira Idade deverá incorporar novas formas de ação que podem trazer mudanças significativas ao estilo de ser e viver, para dar maior sentido à sua existência;
- Resgatar o potencial criativo, propiciador de desenvolvimento e a capacidade de adaptação e de inovação dando forma à potencialidades inibidas ou latentes, incentivando a auto-estima e a criação de novos elos com a vida e com a comunidade de maneira efetiva;
- Contribuir para que as pessoas de Terceira Idade vençam seus bloqueios e realizem seus impulsos inovadores reprimidos pela cultura, de seu meio social;

- Ajudar na compreensão do seu momento existencial e de sua capacidade para retomar os estudos, identificar o desejo e a necessidade de trilhar novos caminhos;
- Concretizar através da universidade, a possibilidade de fazê-lo.

### III – Metodologia:

As aulas serão ministradas de forma expositiva/dialogada com dinâmicas de grupo e utilização de recursos audiovisuais e tecnológicos que a universidade oferece.

### IV – Programa:

O plano de aprendizagem observará a interdisciplinaridade, fundamentando-se em pressupostos educacionais gerontológicos e de natureza sócio-política.

As disciplinas abrangerão:

- Aspectos biológicos do envelhecimento
- Aspectos sociais, políticos e culturais na terceira idade
- Realidade social
- Saúde da voz
- Saúde bucal
- Espiritualidade
- As Ciências Cognitivas e Mediáticas (da mídia) para a introdução ao empreendedorismo, visando a modernização das pessoas que estão ainda trabalhando e a motivação empresarial daquelas que não estão
- Turismo rural e urbano e elementos do turismo histórico. O trabalho com turistas: sua complexidade
- Atualização cultural sobre o mundo da internet a globalização, seus prós e contras
- A saúde, os cuidados físicos e psíquicos e a vida espiritual do idoso; Gerontologia aplicada à prática
- A Educação Física, sua prática e importância como lazer
- Leitura e discussão sobre a história e geografia de países, com uso de vídeos. Discussão organizada do conhecimento visando a sua utilidade para o aprendente, como a ruptura da camada de ozônio e o fenômeno do el-ninho
- Produção de textos literários nos vários estilos: poesia e romance, peças de teatro e roteiros de filmes e novelas

- A Matemática como instrumento para a compreensão das análises econômicas do dia-a-dia como aparecem nos noticiários e jornais. Princípios de matemática financeira
- Leitura de jornais e revistas como meio para acompanhar a evolução política, econômica e social
- Desenvolvimento da cidadania mediante contatos com a Câmara de Vereadores, TV Cidade de Joinville, TV Senado, palestras e pesquisas
- Música, teatro, cinema, pintura e cerâmica. Curso de musicoterapia, aulas de canto e coral
- Línguas estrangeiras: aprendizagem direcionada para fins práticos como turismo, filmes e músicas
- Marketing para saber posicionar-se no mercado
- Cultura Geral: conhecimentos básicos sobre entrevistas, redação de cartas formais, uso da calculadora, computador e internet
- A linha do tempo (Laboratório de Vivência)
- Nutrição: Reorganização de dietas e de projetos de vida

V - Cursos optativos (a serem elaborados no futuro).

VI - Avaliação:

No final de cada semestre, avaliação das disciplinas, quanto aos objetivos, conteúdos, metodologia, relação professor e aluno. Sugestões para valorização do curso/programa.

Na avaliação destacam-se ainda:

1. a oportunidade do aluno de participar da gestão e do aprimoramento do curso;
2. o acompanhamento do desempenho de cada professor durante o semestre;
3. possibilidade de efetuar correções ou ajustes quando necessário.

VIII - Professores:

O Curso/programa contará com uma equipe de professores com comprovada formação em gerontologia social ou em Geriatria e das outras áreas.

IX - Biblioteca:

Uso constante da biblioteca da Universidade.

XI - Público alvo:

As três categorias apontadas pela pesquisa: a primeira, constituída pelas pessoas de Terceira Idade para darem continuidade ao seu desenvolvimento cultural, reciclagem ou atualização de seus conhecimentos; a segunda para pessoas que já têm uma visão universitária e procuram uma reinserção no mercado de trabalho; e a terceira para pessoas cujo espírito empresarial poderá ser desenvolvido graças a sua experiência no ambiente comercial/industrial.

XII – Produção:

A publicação de um jornal elaborado pelos alunos.

XIII - Localização:

Ainda sem local definido.

A Universidade Aberta para a Terceira Idade de Joinville, mais uma inserindo-se entre cerca de 150 outras já existentes no Brasil, deverá adequar-se aos princípios da escola do futuro.

### **6.3 A esperança de uma reinserção na vida profissional**

Joinville esta empenhada em desenvolver o turismo, tanto urbano como rural; as atividades relacionadas a esse turismo poderão ser exercidas por pessoas da universidade aberta.

O conhecimento que têm da cidade e seus arredores aliados à atualização que irão desenvolver nos cursos da Universidade Aberta poderão criar profissionais eficientes para desenvolver o turismo. Um público questionador sobre a nova economia, os novos meios de comunicação (novas mídias) que querem descobrir o mistério do computador (mesmo que seja para pesquisa de receitas de bolo, rosquinha), das linguagens veiculadas pelos noticiários da televisão, das novelas, da moda atual, os esportes radicais.

Para esse público, trata-se de atualizar-se e aprender o estilo de vida mais contemporâneo para poder participar plenamente e com idéias próprias dele.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partiu-se de uma indagação sobre a possibilidade da criação em Joinville de uma Universidade para a Terceira Idade. A pesquisa de campo feita depois do estudo teórico e bibliográfico, assim como de visitas a algumas universidades abertas à Terceira Idade existentes em nosso país, permitiram avaliar a maturidade do público alvo.

Em Joinville, a educação superior é provida por instituições, em sua maioria privadas – somente uma é pública. Dados colhidos através de duas pesquisas (entrevistas e questionários) mostraram a disponibilidade, o desejo, e a condição econômica de uma camada da população na faixa etária de 50 a 75 anos, de retornar aos estudos em uma universidade classificada como “aberta”.

Nas pesquisas e encontros para esclarecimentos e palestras ficou bem claro que Joinville está aparelhada para oferecer cursos para uma universidade aberta para a Terceira Idade que venha a propor as idéias de uma Escola do Futuro. A educação continuada, uma conquista da universidade européia, está sendo bem acolhida no Brasil e em Joinville também deverá ter o seu espaço.

No Brasil, a Terceira Idade ainda está quase que totalmente desassistida. É importante que a sociedade se preocupe com essas pessoas oferecendo-lhes a oportunidade de reviverem, de reingressarem na sociedade que ajudaram a construir.

## BIBLIOGRAFIA

ALMADA, Clineu. Terceira idade censo 2000. **Jornal Valor - Universidade Federal de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2001. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br> >. Acesso em: 15 jan. 2003.

ALMEIDA, J. F. **Exclusão social-factores e tipos de pobreza em Portugal**. Oeiras: Celta, 1992.

ANUÁRIO estatístico do Brasil em 1994. Disponível em: < <http://www.ibge.com.br> >. Acesso em: 17 abr. 2003.

AZAMBUJA, Thaís. **Expressão e criatividade na Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume Dumará – UERJ, 1995.

BALTES, P; BALTES, M. **Envelhecimento cognitivo**: potencialidades e limites. Tradução por Anita L. Neri. Gerontologia, v. 2, n. 1, p. 23-44, 1994.

BERNARDINI, Lúcia Maria Nannetti. **A Terceira Idade na universidade**. FURJ-Univille. Curso de Especialização em Recursos Humanos. Joinville: Univille, 1995

BIRMAN, Joel. BARBÁRIE. **Cidadania e desejos**. In Boletim de Novidades pulsional, n. 6, abr., 1994.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRASIL. Lei Federal n. 8.842 de 4 de janeiro de 1984. Lei da Política Nacional do Idoso. **Lex**: Ministério da Previdência e Assistência Social. Brasília: 4 de janeiro de 1984, sendo regulamentada pelo Decreto Federal n. 1.948, de julho de 1996.

BRASIL. Lei Federal n. 10.173 de 9 de janeiro de 2001. **Lex:** Presidência da República. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Altera a lei n. 5.869 de 11 de janeiro de 1973.

BRITO, Carlos Roberto de. **Reapropriação do corpo do idoso através de atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Sprint, 1992. v. 58

BUSTAMANTE, Antônio; MENÉNDEZ, Concha. **Una ergonomia en evolución**. Barcelona: SESC/Universidade do Rio de Janeiro, 1996. In: Disponível em: < <http://www.eps.ufsc.br/disserta97> >. Acesso em: 20 fev. 2003. (apostila do curso de Especialista Superior em Gerontologia Social de Barcelona)

BUTLER, Robert. A revolução da longevidade. **O Correio da Unesco**, n. 3, mar. 1999.

CACHIONI, Meire. São Paulo: Átomo e Alínea, 1999. (obs.: falta título que ainda vai ser inserido)

CENSO da educação superior de 2001. Disponível em: < <http://www.mec.gov.br> >. Disponível em: 15 abr. 2003.

CENSO da população idosa de 1999. Disponível em: < <http://www.mec.gov.br> >. Acesso em: 17 abr. 2003.

CHOPRA, Keepak. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

COSTA, Manuel. A Terceira Idade no Brasil sócio democrático. In: SEMINÁRIO DE ESPECIALISTAS MULTIDISCIPLINARES DE TERCEIRA IDADE - PREVIDÊNCIA EM DADOS, 1., 1993, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1993. v. 8, n. s-20. abr./jun.

CRUZ, Roberto Moraes. **Psicologia do trabalho**. Florianópolis: UFSC, 2000. (apostila)

DAMÁZIO, Antonio R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELORS, Jaques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1999. (Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI).

DENZIN, Normank. Interpretando as vidas de pessoas comuns. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 29-43.

DIAMOND, Marian. **Aprendizagem e mudanças no cérebro**. Disponível em: < <http://www.epub.org.br> >. Acesso em: 20 abr. 2003.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 2 dez. 1999.

EFFTING, Elizabeth Quintiliano May. **Lazer para idosos aposentados: divergências de objetivos entre as instituições e clientela**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinariedade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. s.l.: s.n., 1979. (Coleção Realidade Educacional IV).

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Antropotecnologia: a ergonomia das organizações**. Curitiba: Gênese, 1995.

\_\_\_\_\_. **Escola do futuro**. s.l.: s.n., 2001. 50 p. (apostila)

\_\_\_\_\_. **Ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.



\_\_\_\_\_. **Ergonomia cognitiva insular**. Florianópolis: s.n., 2001.

FONSECA, Vitor. **Aprender a aprender: a educabilidade cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Educação e participação comunitária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia educativa: saberes necessários à prática**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, Elen Salas. Terceira idade: enfoques múltiplos. Motus Corporis. **Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física**, Rio de Janeiro, v. 4. n. 2. nov. 1997.

GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o belo e o bom: princípios básicos para uma nova educação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **A nova ciência da mente**. Tradução de Claudia M. Caon. São Paulo: Edusp, 1995.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, Francisca dos Santos. Análise da prática pedagógica: interdisciplinaridade e construção coletiva do conhecimento. **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 49, dez. 1994.

GRINBERG, Abrahão e Bertha. **A arte de envelhecer com sabedoria**. São Paulo: Nobel, 1999.

GOLDSTEIN, Lucila L. **A produção científica brasileira na área da gerontologia: (1975-1999)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação, 1999.

HOEPFNER, Hercílio. **Geriatría**. Joinville, 15 jul. 2003. Entrevista concedida a Ofélia Gomes Machado.

HUTZ, Arhou et al. **Temas de geriatría e gerontología**. Porto Alegre: BYK, 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **O papel do idoso na família e a sua opção para o estudo**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> >. Acesso em 20 jan. 2003.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO POPULACIONAL E URBANO DE JOINVILLE. **Terceira idade nas grandes capitais brasileiras**. Joinville: IPPUJ, 2000.

KHALSA, Dharma Sing. **A longevidade do cérebro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LACAN, Jaques. **Escritos**. 4. ed. Buenos Aires: Sieglo Veituno, 1988.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, Elvira Souza. **O desenvolvimento e aprendizagem na escola: aspectos culturais, neurológicos e psicológicos**. São Paulo: GEDH, 1988. (Série Separatas)

LORDA, C. Raúl & SANCHES, Carmen Délia. **Recreação na Terceira Idade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

MACHADO, Ofélia Gomes. **Módulos de ensino interdisciplinares aplicados à terceira idade para o desenvolvimento de atividades produtivas**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego**: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Athenas, 1999.

MATURANA RONNESIM, H. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MORIN, Edgar. **O método**: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 1998. v. 3.

\_\_\_\_\_. **O método**: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999. v. 3.

\_\_\_\_\_. **O método**: a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2001. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NERI, Anita. **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 1994.

NICOLAOU, Joseana Maria et al. **Consciência, interdisciplinaridade**: uma questão de arte. Palmas/PR: s.n., jul./dez. 1998. v. 12. n. 2.

PENTEADO, José de Arruda. Educação formal. **Revista Integração**. s.l., n. 21, mai, 2000.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Interdisciplinaridade**: o cultivo do professor. São Paulo: Pioneira, 1993.

PLONER, Kátia Simone e SAIS, Almir. Universidade com mais idade: alcance (psicologia). **Revista de Divulgação Científica da Universidade do Vale do Itajaí**, Itajaí, n. 2, jul. 2000.

PROLLA, Tomas. Controle genético do envelhecimento. **Revista Veja**, São Paulo, 22 set. 1999.

QUARESMA, Maria Lurdes. Política da velhice: análise e perspectivas. **Revista de Psicologia**, Porto Alegre, v. 2, 1988.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. Queiróz, 1991

SAADI, Fauze. Estrutura etária: censo 2000. **Jornal Valor**, São Paulo, 12 mar. 2001, Associação das Universidades e Faculdades Abertas à Terceira Idade. Disponível em: < <http://www.abep.cedeplar.ufmg.br/anais/pdf/20000> >. Acesso em: 2 fev. 2003.

REVISTA SESC. São Paulo, v. 14, n. 26, jan. 2003.

\_\_\_\_\_. São Paulo, v. 14, n. 27, maio 2003.

SCHWARTZ, Morrie. **Lições sobre amar e viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

SCHETTINO, Thaís Sena; SPITZ, Clarice. Proibido para menores de 60. **Revista Ecologia e Desenvolvimento**, São Paulo, n. 79, Esporte e Qualidade de Vida, 2000.

SHALOMI, Zalmon Schachter & MILLER, Ronald. **Mais velhos, mais sábios: uma visão nova e profunda da arte de envelhecer**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

SKINNER, B. F. & VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. Tradução de Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Summus, 1985.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH E. **The embodied mind**. Cambridge: MIT, 1997.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de; VALSINER, Jaan. **Perspectiva ao co-construtivista na psicologia e na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VERAS, R. P. & CAMARGO Jr. (org.) **Terceira idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará-UnATI/UERJ, 1995.

ZANELLI, José Carlos & SILVA, Narbal. **Programa de preparação para aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996. v. 1.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Neila. Maioridade: uma busca ao inexplorado do ser. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 8. n. 1, jan./fev. 1998.

ALVES, Henrique J. **A Terceira Idade**: o idoso na literatura. s.l.: s.n., jun. 1994.

ALVES, Henrique L. O idoso na literatura. **Revista da Terceira Idade**, s.l., n. 533, jun. 1994.

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Artes Poéticas, 1995.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. s.l.: Nova Fronteira, 1990.

BOGOMOLETS, Alexandre A. **Vencendo a velhice**. Tradução de José Dias de Moraes. São Paulo: Zumbí, 1958.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhor. S.l.: T. A. Queiróz, s.d.

COSTA, Patrícia. Romances de outono: estudos, livros, teses, depoimentos e experiências provam que, depois dos 60 anos, sexo, amor e prazer não só são possíveis como muito necessários para uma vida feliz e saudável. **Revista Ecologia e Desenvolvimento**, s.l., n. 60. jun. 1996.

COUTO, Hudson de Araújo. **Ergonomia aplicada ao trabalho**: manual técnico da máquina humana. Belo Horizonte: ERGO, 1995. v. 1.

DEBERT, Guita G. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice**. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1994

DESLANDES, Suely Ferreira et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Maria Cecília de Souza Minayo (org.). 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DIAS, Maria Cristina. Idoso se reintegra à sociedade. **Diário Catarinense**, Joinville, 1 out. 1995.

ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Publicações Enciclopédia Britânica do Brasil, 1997. v. 5.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **A eterna busca de Deus.** Brasília: EDICEL, 1993.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo da consciência.** Curitiba: Gênese, 1998.

FIALHO, Francisco A. P. & SANTOS, Neri dos. **Manual de análise ergonômica do trabalho.** 2. ed. Curitiba: Gênese, 1997.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma bibliografia.** São Paulo: Cortez, 1996.

GODOY, Fabiana. Aventura capitalista depois dos sessenta. **Revista Semanal de Negócios, Economia, Finanças & E-Commerce**, s.l., n. 158, Dinheiro, 6 set. 2000.

GODOY, Maria F. G. Criatividade: reconhecendo sua importância na velhice. **Revista de Gerontologia**, São: Paulo, v. 5, n. 3, set. 1997.

ITIRO, Iida. **Ergonomia: projeto e produção.** São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. **O envelhecimento.** São Paulo: Contexto, 1998.

LIMA, Mariúza Pelloso. **Gerontologia educacional**: uma pedagogia específica para idoso. São Paulo: LTR, 2000.

MARQUES FILHO, Ernesto. Atividade física no processo de envelhecimento. **A Terceira Idade**, São Paulo, n. 6, p. 64-69, jul. 1995.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisas qualitativas. 3. ed. São Paulo: s.n., 1994.

MIRANDA, Danilo Santos de. **A terceira Idade**: trinta anos de trabalho social com idosos. In: Departamento Regional do SESC. s.l.: s.n. dez, 1994.

MORIN, Edgar. **Enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. **O método**: as idéias, seus habitat, sua vida, seus costumes, sua organização. Porto Alegre: Sulina, 1997. v. 4.

\_\_\_\_\_. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **Religando os saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-Louis Le. **A inteligência da complexidade**. Rio de Janeiro: Fundação Petrópolis, 2000.

NEGRELLO, Liliana. Longevidade. As pesquisas sobre a Terceira Idade. **Revista Saúde é Vital**, São Paulo, n. 5416, 2000.

NIELSEN, Rudolf M. Qualidade no trabalho. **Revista Proteção**, Novo Hamburgo, jul. 1997.



PIAGET, Jean; GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Freitas e Bastos, 1974.

PRADA, Cecília. Terceira idade: um país que amadurece. **Revista Problemas Brasileiros**, s.l., n. 315, maio/jun. 1996.

PRADO, Luiz Carlos. O esporte na terceira idade. **Diário Catarinense**, Joinville, abr. 2001. Caderno de esportes.

REIS, Léa Maria Arão. **50/60 anos além da idade do lobo**. Rio de Janeiro: Campos, 1998.

REVISTA TERCEIRA IDADE. São Paulo, n. 14, ago. 1997.

REVISTA GERONTOLOGIA. São Paulo, v. 2, n. 2, jun. 1994.

\_\_\_\_\_. São Paulo, v. 7, n. 1, mar. 1999.

\_\_\_\_\_. São Paulo, v. 7, n. 2, jun. 1999.

ROSTAND, Jean. **Caderno de um biólogo**. Disponível em: < <http://www.odontologia.com.br/artigos/geriatria.html.nº1-6.Texto/internet.Setembro/1984> >. Acesso em: 10 fev. 2003.

SANTOS, Cláudio José. **Universidade aberta para a terceira idade**. Santos: Leopoldianum, 1997.

SENNA, Ayrton. O herói de corpo e alma. **Revista Quatro Rodas**, s.l. n. 418-A, abr./maio, 1995.

SILVA, Edna Lúcia. & MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção. Laboratório de Ensino a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2001.

SIMONS, Úrsula Marianne. Ações coletivas e mudanças individuais: reflexões sobre o papel da educação continuada em indivíduos da terceira idade. **Revista Tuiuti Ciência e Cultura**, Curitiba, n. 20, jul. 2000.

SOMBRA, J. C. **O tempo: em toda parte e em parte alguma**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo.

SOMBRIIO, Helena et al. **Informativo da associação dança sênior**. 3. ed. Joinville: Otto, jun. 2000.

SPERANDIO, J. **1º Ergonomie face aux changements technologiques et organisationnels du travail humain**. Octares Edition, 1996. Collection Travail.

TIBA, Hami. **Puberdade e adolescência**. São Paulo: Agora, 1986.

VERAS, Renato. **Teoria e método em psicologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

WALDOW, Vera Regina. **A terceira idade**: opinião de idosos acerca da velhice. 8. ed. São Paulo: Sesc, 1994.

WEIL, Pierre. **A mudança de sentido e o sentido da mudança**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2000.

WILSON FILHO, Jacob. Aspectos anátomo-fisiológicos do envelhecimento. **A Terceira Idade**, São Paulo, n. 6, p. 18-25, jul. 1995.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A - Roteiro de abordagem da primeira entrevista contato verbal com pessoas de Terceira Idade (entrevista informal – seleção aleatória) – março/2002**

- Cumprimento às Pessoas
- Troca de dados de identificação (nome e endereço)
- Qual a pretensão da pesquisadora
- Conversa sobre Terceira Idade
- Faixa etária das pessoas
- Perguntas para saber se as pessoas tem conhecimento literário sobre Terceira Idade
- Saber se as pessoas conhecem universidades/faculdades direcionadas para Terceira Idade
- Saber quais pessoas são aposentadas
- A sensação da aposentadoria
- Saber de atividades após a aposentadoria
- Se as pessoas tem (exercem) alguma atividade atualmente
- Saber quantas pessoas gostariam de retornar aos bancos escolares
- Se as pessoas sentem-se preparadas para voltar a estudar
- Se as pessoas participariam de encontros/palestras para esclarecimentos referente ao assunto em questão
- A participação na pesquisa
- Quais os motivos/interesse de querer voltar a estudar
- Agradecimentos finais pela atenção e colaboração
- Pedir licença para registro de respostas no questionário e gravação de entrevistas

## **APÊNDICE B - Carta de agradecimento e modelo de solicitação de confirmação de participação nos encontros/palestras**

### **CARTA DE ESCLARECIMENTO**

Para: Sr. \_\_\_\_\_

Você participou de uma pesquisa feita por uma das alunas do Curso de Pedagogia/Educação Física da Universidade da Região de Joinville – Univille.

Nesta pesquisa as perguntas estão relacionadas com o trabalho de tese do Curso de Doutorado, que estamos desenvolvendo. Três das perguntas eram:

1. *Se você tem interesse em voltar a estudar? Sua resposta foi **Sim**.*
2. *Se participaria de encontros/palestras, com o objetivo de receber informações para um possível retorno aos bancos escolares? Sua resposta foi **Sim***

**Assim sendo, estamos solicitando sua confirmação para uma abertura destes encontros/palestras.** Neste encontro faremos as explicações devidas para o desenvolvimento dos mesmos.

Queremos registrar que ficamos bastante satisfeitos com a sua disposição para receber informações importantes para um provável retorno aos estudos na Universidade Aberta para Terceira Idade de Joinville.

O primeiro encontro será na UNIVILLE, no dia \_\_, \_\_, \_\_\_\_, às 19:00 horas (sete horas da noite), no Anfiteatro 1- Bloco A. A Universidade da Região de Joinville-Univille, fica no bairro Bom Retiro-Campus Universitário.

Qualquer dúvida ou outros esclarecimentos devem ser feitos através do telefone ..., com Ofélia.

Estamos contando com a sua presença.

Por favor não deixe de comparecer sua presença é muito importante.

Temos certeza que irá gostar

Pela atenção agradecemos.

Observação: favor colocar no correio a sua confirmação que está em anexo.

De: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Para: Ofélia Gomes Machado

## CONFIRMAÇÃO

De: \_\_\_\_\_

Para: Prof. Ofélia Gomes Machado – Responsável pelos encontros/palestras para a instalação da Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville

Confirmo minha presença no encontro do dia \_\_, \_\_, \_\_\_\_ na Univille às 19:00horas, campus universitário, Bom Retiro, Anfiteatro, Bloco A. Joinville/SC.

Escreva seu nome e endereço, e envie pelo correio (em anexo o envelope selado)

## **APÊNDICE C - Carta de apresentação enviada a empresários de Joinville para solicitação de entrevista**

3.1.

Joinville, março de 2002.

Prezados Senhores,

Na condição de aluna do Curso de Pós Graduação, nível Doutorado da Engenharia de Produção, viabilizado pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, tenho, por uma questão de exigência acadêmica elaborar uma Tese Científica no âmbito de minha especialidade.

Considerando que a área de ênfase do Curso de Doutorado é a Ergonomia, aliada ao universo da Terceira Idade, ou seja idosos, ambos os sexos, enfoque de meu interesse e afinidade, assim, pretendo desenvolver pesquisa de campo que culmine em proposta de criação de uma Universidade Aberta à terceira Idade em Joinville, efetivamente aplicável para facilitar a continuidade e/ou reingresso de pessoas idosas ao estudo.

Neste sentido, gostaria de agendar uma entrevista para conhecer sua opinião a respeito da criação de uma Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville e das necessidades inerentes à qualificação de mão-de-obra e pré-requisitos básicos de acordo com as rotinas administrativas e operacionais da sua empresa.

Desde já agradeço a compreensão e apoio

Prof. Ofélia Gomes Machado

Doutoranda em Engenharia de Produção – UFSC

3.2.

Joinville, abril de 2002.

Ilmo Sr.

Associado da Ajorpeme

Prezados Senhores,

Apresentamos a Professora Ofélia Gomes Machado, magistrada da Univille e que atualmente cursa Doutorado em Engenharia de Produção pela UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisa em sua tese de doutorado, o tema Proposta para implantação de uma Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville.

A Ajorpeme como grande parceira das entidades educacionais de Joinville apoia e incentiva iniciativas como desta professora que além de buscar resgatar a cidadania de pessoas que tantos e tão valiosos serviços prestaram à comunidade, também busca a aproximação da Universidade com as empresas tornando assim as teorias fundamentadas nas universidades aplicáveis no cotidiano das empresas de forma a fomentar o crescimento de toda a comunidade.

Solicitamos, portanto, a gentileza de V. Sas. receberem a prof. Ofélia e participarem de uma pesquisa que visa apurar quais necessidades específicas dos idosos e quais são os interesses e condições mínimas de qualificação profissionais deste grupo no possível reingresso aos bancos escolares

Contando com sua valiosa contribuição, agradecemos

Cordialmente,

Vilson Holz

Presidente



## 3.3.

Joinville, abril de 2002.

Prezados Senhores,

Com nossos cordiais cumprimentos, vimos através desta, apresentar a professora Ofélia Gomes Machado, a qual presta serviços junto a essa unidade de ensino superior, atualmente aluna do Curso de Doutorado em Engenharia de Produção, realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, cujo o tema de pesquisa para sua tese pretende investigar a possibilidade da criação de Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville e do retorno aos estudos do indivíduo da Terceira Idade e da criação de Universidade Aberta à terceira Idade em Joinville.

Deve-se destacar, que à Universidade interessa, a priori, que a professora Ofélia obtenha o título de Doutora, concluída essa etapa do curso, e a posterior, rever os atuais conceitos que a sociedade atribui ao indivíduo idoso no retorno aos estudos.

Sendo assim, recomendamos, bem como solicitamos o apoio de Vossa Senhoria, para que a professora citada tenha a condição real de desenvolver a sua proposta de pesquisa interdisciplinar e apurar quais são as necessidades específicas dos idosos e quais são os interesses e condições mínimas de qualificação profissional deste grupo no possível reingresso, aos bancos escolares.

De posse deste referencial e após avaliação dos dados coletados, a universidade poderá ampliar o seu foco de atuação, e principalmente, atender com mais qualidade, os alunos, os professores e a comunidade da região norte-catarinense.

Atenciosamente,

Prof. Marileia Gastaldi Machado Lopes

Reitora da Universidade da Região de Joinville - Univille

## **APÊNDICE D - Entrevista com empresários**

1. Qual o ramo de atividade da sua empresa?
2. Há no seu quadro de colaboradores indivíduos com idade de 60 anos e/ou superior?
3. Você empregaria (utilização de mão-de-obra) um colaborador da Terceira Idade na sua empresa?
4. Que tipo de atividade profissional seria possível ser desenvolvida por um colaborador idoso?
5. Quais são as qualificações (cognitivas) mínimas necessárias para o desenvolvimento da atividade profissional?
6. Quais são as habilidades (físicas) mínimas necessárias para o desenvolvimento da atividade profissional?
7. O seu ambiente de trabalho (layout/equipamentos) está adequado para comportar indivíduos da Terceira Idade?
8. Você aplicaria investimentos para um retorno de seus colaboradores de Terceira Idade para continuar seus estudos?
9. Quais seriam na sua opinião os benefícios gerados através da educação continuada de seus colaboradores idosos?
10. Quais seriam na sua opinião as dificuldades geradas para esse investimento?
11. Qual o tipo de atividade a que o senhor(a) se dedica atualmente?
12. Essa atividade necessita sempre de atualização?
13. A criação de Universidade Aberta viria de encontro a essa atualização?
14. Considerando que a Universidade Aberta oportuniza a educação continuada qual seria seu interesse específico?
15. O senhor(a) estaria interessado, indicaria familiares (pai, mãe, esposa, irmão), ou funcionário para essa atividade inovadora?

## APÊNDICE E - Questionário de avaliação dos encontros/palestras

Faça um (X) na opção que escolher.

1. Sua expectativa com relação aos encontros está sendo:

Plenamente atendida ( ) Parcialmente atendida ( )

Não foi atendida ( )

2. O que você achou da palestras?

Ótima ( ) Boa ( ) Regular ( )

3. O assunto abordado pela doutoranda foi de fácil assimilação?

Sim ( ) Não ( )

4. Sente-se motivado para continuar?

Sim ( ) Não ( )

5. Como se sentiu sendo entrevistado(a)?

6. O que você registra referente aos entrevistadores?

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

7. Ficou claro para senhor(a) o objetivo da pesquisa?

Sim ( ) Não ( )

8. Favor registrar a(s) sua(s) sugestão(ões) e ou comentário(s).

---

---

---

## **APÊNDICE F - Perfil sócio-educacional da pessoa da Terceira Idade de Joinville e Região**

Prezado(a) Senhor(a):

O objetivo deste questionário é o de possibilitar elaboração do perfil Sócio-educacional da pessoa da Terceira Idade de Joinville e Região.

Sua colaboração é muito importante.

O esforço e tempo que o senhor(a) emprega agora vão contribuir para ser alcançado o objetivo de criar a Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville.

Procure responder todas as questões, utilizando-se das informações de que dispõe, preenchendo os quadros ao lado dos itens com o número da resposta correspondente.

OBS: Escolha apenas uma opção por questão.

Muito Obrigado.

---

### 1. Identificação

Nome, Ocupação Atual, Ocupação Exercida, Aposentado, Pensionista, Dependente de Filhos, Com quem mora

Endereço: Rua: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
e-mail: \_\_\_\_\_

Sexo:

1) Feminino

2) Masculino

2. Quantos anos você está completando em 2003?

1) De 45 a 50 anos

2) De 51 a 55 anos

3) De 56 a 60 anos

4) De 61 a 65 anos

5) Mais de 65 anos

3. Qual é o seu estado civil:

1) Solteiro

2) Casado

3) Viúvo

4) Outro

4. Caso esteja aposentado indique quanto tempo:

1) Não estou aposentado

2) Um ano

3) Dois anos

4) Três anos

5) Quatro anos

6) Cinco anos

7) Mais de 5 anos

5. Qual o seu local de nascimento:  
1) Joinville      2) Outro. \_\_\_\_\_ CITAR
6. Quanto ao local de moradia:  
1) Imóvel próprio      2) Imóvel alugado
7. Quanto às condições de moradia:  
1) Condições próprias    2) Com filho(s)      3) Outro. \_\_\_\_\_
8. Caso o senhor(a) não esteja trabalhando, gostaria de retornar ao mercado de trabalho?  
1) Eu já estou trabalhando    2) Gostaria de retornar ao mercado de trabalho
9. Qual é o seu meio usual de locomoção:  
1) Ônibus      2) Carro      3) Moto      4) Bicicleta    5) Outro
10. Qual é o seu nível de escolaridade?  
1) Sem escolaridade    2) 1º Grau completo      3) 2º Grau completo  
4) Graduação      5) Pós-graduação      6) Mestrado  
7) Doutorado      8) Pós-doutorado
11. O senhor(a) têm interesse em retornar à escola?  
1) Sim      2) Não
12. A que você atribui a escolha de voltar a estudar?  
1) Influência da família      2) Convívio com novas pessoas  
3) Mercado de trabalho, prestígio social e amplas possibilidades salariais  
4) Aperfeiçoar a atividade voluntária      5) Continuar os negócios da família  
6) Para ter um diploma de curso superior    7) Melhorar o nível cultural  
8) Outro \_\_\_\_\_ CITAR
13. Como o senhor(a) ocupa a maior parte de seu tempo livre?  
1) TV    2) Rádio    3) Internet    4) Leitura    5) Esportes    6) Estudo  
7) Música    8) Cinema    9) Teatro    10) Religião    11) Outro \_\_\_\_\_
- CITAR
14. Qual é o meio que o senhor(a) mais utiliza para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais?  
1) TV    2) Jornal Escrito    3) Rádio    4) Revistas    5) Internet  
6) Outro \_\_\_\_\_ CITAR    7) Nenhum
15. Para o financiamento de seu retorno ao estudo, o senhor(a) depende:  
1) De recursos da família      2) De renda pessoal      3) De bolsa de estudos  
4) De uma solução futura      5) Não sabe como financiar

16. A sua renda pessoal é de:

- |                                   |                                   |                               |
|-----------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------|
| 1) Não tenho renda pessoal        | 2) Até R\$ 200,00                 | 3) De R\$ 201,00 a R\$ 600,00 |
| 4) De R\$ 601,00 a R\$ 1.000,00   | 5) De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.600,00 |                               |
| 6) De R\$ 1.601,00 a R\$ 2.000,00 | 7) De R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00 |                               |
| 8) De R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00 | 9) De R\$ 4.001,00 a R\$ 5.000,00 |                               |
| 10) Acima de R\$ 5.000,00         |                                   |                               |

17. O senhor(a) investe na aquisição de livros, revistas e outros materiais como forma de manter-se atualizado?

- 1) Sim                      2) Não

18. Caso pretenda retornar ao estudo, seu objetivo é:

- 1) Melhorar a renda pessoal    2) Ampliar a experiência profissional  
3) Melhorar o nível cultural

19. O que o senhor(a) mais gostaria de estudar, se tivesse a oportunidade de retornar à escola?

---

20. O senhor(a) aceitaria participar de palestras para receber orientação gratuita para a criação da Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville?

- 1) Sim                      2) Não

21. Qual a sua opinião referente a criação da Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville?

---

22. Como você chegou até a Univille, Ace ou ao entrevistador para preencher o questionário e assistir as palestras?

- |  |                       |           |                   |
|--|-----------------------|-----------|-------------------|
| 1) decisão pessoal                     | 2) Decisão da Família | 3) Amigos | 4) de professores |
| 5) de alunos que cursam a Universidade | 6) Outro              |           |                   |

23. Como você imaginava a velhice?

---

24. O que é ser velho pra você hoje?

---

## APÊNDICE G - Exemplo de módulo

### 1º MÓDULO

**Data:** 25/01/2000

**Local:** Anfiteatro A, Univille – Universidade da Região de Joinville

**Horário:** 19h30min às 22h30min

**Palestrante:** Prof. Gilberto Schmokel – Psicólogo

**Objetivo:** Tema: perspectivas da nova etapa de vida da terceira idade e pós-trabalho.

**Participantes:** 78

#### Comentário

Abertura das atividades educacionais com a explicação detalhada da aplicação dos módulos, reflexões sobre o livre arbítrio, fortalecimento psicológico, (necessidade de amor, segurança, valorização). Foi citado: “O homem é o único ser da criação capaz de experimentar mudanças por própria determinação” (GONZÁLEZ PECOTECHI).

Apresentou-se o palestrante Gilberto Schmokel, que se dirigiu aos participantes comentando que estava muito feliz, pois a sua mãe fazia parte do grupo.

No seu ponto de vista como psicólogo, a motivação pode ser manifestada através de atividades que mantenham o contato entre as pessoas e dela com seu próprio agir. Estabelecendo um diálogo com os estudantes (pessoas de terceira idade) procurou levantar opiniões pessoais sobre as perspectivas que se abriam a cada um dos participantes.



### **Participantes do Encontro de Abertura dos Módulos**

Comentou: A terceira idade é uma fase da vida com suas características próprias, suas necessidades e interesses específicos da fase, não deixando de carregar consigo as necessidades básicas da vida humana, alimentação, sono; atividades psicológicas: amor, segurança, aceitação, auto-aceitação, realização e agregação. O preparo do ser humano para a vida não pode ser limitado e materialista. A Psicologia, a Filosofia, a Sociologia e outras ciências sociais estão tomando novos rumos para um atendimento melhor para esta faixa etária, terceira idade. Não se pode ignorar a última fase da vida, como regressão inútil. A educação é vista na terceira idade como uma revisão no seu processo de preparo do ser humano para a vida. A visão que o homem tem de si mesmo deve ser ampla e integral.

Foram passados ainda, avisos gerais e o desejo de bom aproveitamento encerrando este primeiro momento.



## **APÊNDICE H – Correspondência relatando pesquisa sobre as universidades abertas no país**

Joinville,

De:

Para:

Sou doutoranda do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, e a minha tese de doutorado é fazer uma proposta para instalar uma Universidade Aberta para a Terceira Idade em Joinville.

Uma Universidade Aberta à Terceira Idade em Joinville significa criar tanto um nicho de mercado para o conhecimento das organizações na nova economia da cidade quanto uma reciclagem nos conhecimentos de cultura geral de todo um grupo que participa da vida social joinvilense.

Este nosso breve contato visa informá-lo de estudos que estão sendo feitos em Joinville para tornar mais importante a participação das pessoas da terceira idade que queiram se manter a par das novas tendências do conhecimento atual.

Outros centros universitários já têm cursos voltados para a terceira idade, os quais procuram responder aos questionamentos sobre os avanços da tecnologia e da globalização e sua relação com o público de alunos.

Visando preencher esta lacuna também em Joinville estou pesquisando há 3 anos esta questão e a continuidade agora se impõe.(escrever uma tese)

Para isso conto com sua colaboração no sentido de sugerir às pessoas de terceira idade que o rodeiam (do seu convívio) que participem e tragam suas idéias para juntos levarmos a cabo este projeto que é um serviço cultural e prazeroso.

Anexo à sua atenção um breve histórico das experiências de algumas das tantas Universidades Aberta à Terceira Idade, bem sucedidas, como por exemplo:

Pessoas com mais de 50 anos têm recebido uma série de ofertas de cursos da chamada "universidade aberta para a terceira idade". Trata-se de cursos de atualização, geralmente ligados a alguma universidade, e que não exigem provas

para ingressar, como o vestibular, nem a apresentação de diploma de primeiro ou segundo grau.

Até a década de 70, poucas pessoas, ou melhor, ninguém havia se lembrado que muita gente acima dos 50 anos pensava em voltar a estudar desde que tivesse condições próprias para realizar o desejo. O pioneirismo coube ao pedagogo francês Pierre Vellas, que em 1973 criou a Universidade da Terceira Idade, em Toulouse. Rapidamente a idéia de Vellas começou a ser difundida para outros países da Europa e América Latina.

No Brasil, os brasileiros demoraram para reconhecer a necessidade de oferecer esse tipo de ensino e somente a partir da década de 90 começaram a surgir as "Universidades da Terceira Idade". Hoje, são mais de 150 espalhadas pelo País em vários estados porém, nenhuma em nosso estado, Santa Catarina. Essas "universidades", na maioria dos casos, são projetos criados pelas instituições de ensino.

Na PUC-SP, o programa existe desde 1991 com o nome Universidade Aberta à Maturidade. Atualmente a instituição possui 360 alunos distribuídos em 12 classes. A geriatra e gerontóloga Alda Ribeiro, 43, acredita que os projetos das universidades ajudam os idosos a "refletirem" o papel de cada um na sociedade. O objetivo de quase todos alunos é aproveitar a universidade para preencher o tempo ocioso, reconquistar o convívio social e, quem sabe, ter uma nova oportunidade no mercado de trabalho. É o caso de Ivone Sgambatti, 57anos, aposentada como assistente social, Ivone ainda exerce a profissão e diz que espera utilizar o conteúdo da universidade para se "atualizar" e usar o aprendizado para melhorar seu desempenho no mercado de trabalho.

O coordenador Fauzzi Saadi explica que a PUC não objetiva profissionalizar o idoso, para dar a ele um certificado de conclusão. "Não há uma formação. Apenas queremos tornar os idosos vivos plenamente", diz.

A Universidade Metodista de São Paulo, também oferece este tipo de ensino com o nome Universidade Livre da Terceira Idade, criada em 1998. A Universidade Metodista, tem hoje, 300 alunos matriculados. Os alunos assistem duas vezes por semana as aulas de diversas disciplinas, adequadas aos padrões dessa geração.

As mulheres são maioria nas salas de aula, apesar de já haver um crescimento de homens matriculados, como por exemplo, Francisco de Paula Brandão, 84 anos,

aposentado há 28 anos. Aluno mais velho da Metodista, ele pensa em, pelo menos, voltar ao mercado de trabalho como voluntário para "ocupar o tempo". "As diferentes histórias de vida de cada um e o interesse dessas pessoas dão uma satisfação especial ao professor", diz Neuza Alegria, 53 anos socióloga. Na Metodista, o aluno recebe um certificado de "agente social" ao concluir o curso. Segundo a coordenadora da universidade, Rita Russo, 50 anos, o destino de muito desses alunos é trabalhar como voluntário em hospitais, creches, asilos, entre outras instituições assistências

Na Universidade de São Paulo–USP, a Universidade Aberta à Terceira Idade iniciou em 1993. Na Universidade de São Paulo, o propósito é oferecer ao idoso a oportunidade de ter aulas juntamente com os alunos dos cursos de graduação. Nesse caso, o interessado tem que ter a idade mínima de 60 anos e deve escolher algumas disciplinas e já ter curso superior.

Henrique Mituyoshi Iodo esperou chegar o momento na vida em que tivesse tempo para estudar. Aos 71 anos, aposentado, ele ingressou na USP para cursar a Faculdade de Economia e Administração (FEA). Há dois anos, assiste a aulas de seu interesse. Pelo menos duas vezes por semana, faça sol ou chuva, ele sobe em um ônibus com destino à Cidade Universitária, no campus da USP.

Assim como os demais alunos, Iodo têm de entregar trabalhos e fazer provas. Nas cinco matérias que cursou, teve média seis, nota considerada alta para o curso da FEA. Estudou micro e macroeconomia, depois se interessou por economia de produção e, agora, pretende se aprofundar em economia brasileira do período de 1930 a 1993. "Devo continuar por mais um ano", diz ele.

A UCG, contextualizando-se hoje entre mais de 150 universidades brasileiras, criou, em outubro de 1992, a Universidade Aberta à 3ª Idade-UNATI para um público alvo de pessoas de ambos os sexos, acima de 50 anos. Já passaram pela UNATI 1.800 alunos em 10 anos de funcionamento.

A Universidade da Terceira Idade da PUC de Campinas segue padrão de Toulouse na França. Os alunos participam de disciplinas dos cursos regulares. A universidade Aberta à Terceira Idade é disciplinar (Enfermagem, Educação Física, etc.) e os cursos de maneira geral, são esporádicos. As aulas são divididas por módulos e núcleos temáticos. As atividades concentram –se em três tardes por semana.

No Paraná, UAMI –Universidade Aberta para Melhor Idade – iniciou em 1982 com um curso chamado Atualização da Mulher. Em 1995 nasceu um curso aberto voltado para ambos os sexos da terceira idade. Em 1999 deu início a Universidade Aberta à terceira Idade.

A Universidade Federal de São Paulo em 1992 iniciou suas atividades como Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, inaugurada em 02 de agosto de 1999.

A Universidade do Sagrado Coração – USC – Universidade Aberta à Terceira Idade, criada em 1993 para pessoas na faixa etária de mais de 50 anos de idade.

Na Universidade Aberta à Terceira Idade – UVA Veiga de Almeida – Rio de Janeiro o curso é constituído por dois períodos letivos. As aulas são ministradas duas vezes por semana.

Finalizando solicito o seu pronunciamento para:

a) Que sugestões, para a Universidade Terceira Idade acontecer em Joinville, o senhor oferece?

Esperando uma resposta sua e/ou dos seus, agradeço.

Atenciosamente,

Ofélia Gomes Machado

## **APÊNDICE I – Correspondência, convite e agradecimento**

Do grupo de alunas(os) entrevistadores dos cursos de Pedagogia e Educação Física da Univille e professora Ofélia Gomes Machado.

Prezados Srs(as)

O Senhor(a) participou de uma pesquisa feita por alunos(as) dos Cursos de Pedagogia e Educação Física da Univille sob a coordenação da professora Ofélia Gomes Machado.

Nesta pesquisa as perguntas estavam relacionadas com o trabalho dissertativo do Curso de Doutorado que a professora Ofélia está desenvolvendo. O questionário composto de 24 perguntas, uma das perguntas, a solicitação de sua opinião referente à criação de Universidade Aberta para Terceira Idade em Joinville.

O resultado da pesquisa foi excelente. Sendo assim, queremos mostrar os resultados para todos os participantes que mantivemos contato direto (visita em sua residência) para mais um encontro aqui na universidade – Univille.

Sem dúvida um agradecimento todo especial a todas as pessoas de terceira idade que participaram da pesquisa, pois sem a ajuda dessas pessoas e o Senhor(a) é uma delas certamente a pesquisa não teria sido possível realizá-la.

Atenciosamente

Alunos entrevistadores/Professora Ofélia

O encontro será dia \_\_/\_\_/\_\_\_\_ às 9:00 hs no auditório da Univille.